This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

869.8
B7483
cp

A 466304 DUPL

Contos
DE
AFFONSO BOTELHO

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.025.837-63

...ÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

...RISAÇÃO DAS MELHORES OBRAS
DOS
...RES NACIONAES E ESTRANGEIROS

...ntos, Viagens, Litteratura, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas,
... 8 ou 10, excellente edição em optimo papel
...eço de cada volume 200 réis brochado,
...is elegantemente encadernado em percaline
...as provincias accresce o porte do correio.

...olumes publicados

...á *Beira-Mar*, romance de P. Chagas 1 vol.
N.º 2 — *...ontos ao Luar*, por Julio Cesar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, romance de Merimée, traducção de Mariano Level, 1 vol
N.º 4 — *A feira de Pariz*, por Iriel, 1 vol.
N.º 5 — *A mascara vermelha*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, trad. de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, romance por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A lenda da meia-noite*, romance phantastico por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do Vice-Rei*, romance historico por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por A Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra de artista*, romance por Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos por Trindade Coelho.
N.º 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, romance por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por Rodrigo Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torrezão, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 18 e 19 — *Em segredo*, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.º 20 e 21 — *A Irmã da Caridade*, por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves, 2 vol.
N.º 22 — *Migalhas da Historia Portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes*, por A. Campos, 1 vol.

Publica-se um volume por mez.

Requisições á Livr... ...a PEREIRA
50, 52 ...
No Porto, na Agencia da ... da Bandeira, 217, 1.º, e em todas as Livrarias.

THE UNIVERSITY ... ...RARIES

A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS D'UM VIAJANTE)

POR

OLIVEIRA MARTINS

1 vol. br. 600 réis. Encad. 800 réis. Pelo correio 640, ou 850 réis

---

OS SIMPLES

NOVO POEMA LYRICO

POR

GUERRA JUNQUEIRO

1 volume brochado, 700 réis. Com uma linda encadernação, 950 réis

---

O PIANO

ROMANCE DA ACTUALIDADE

POR

CARLOS FARIA

1 vol. com gravuras, br. 500 réis. Elegantemente encadernado, 800 réis

---

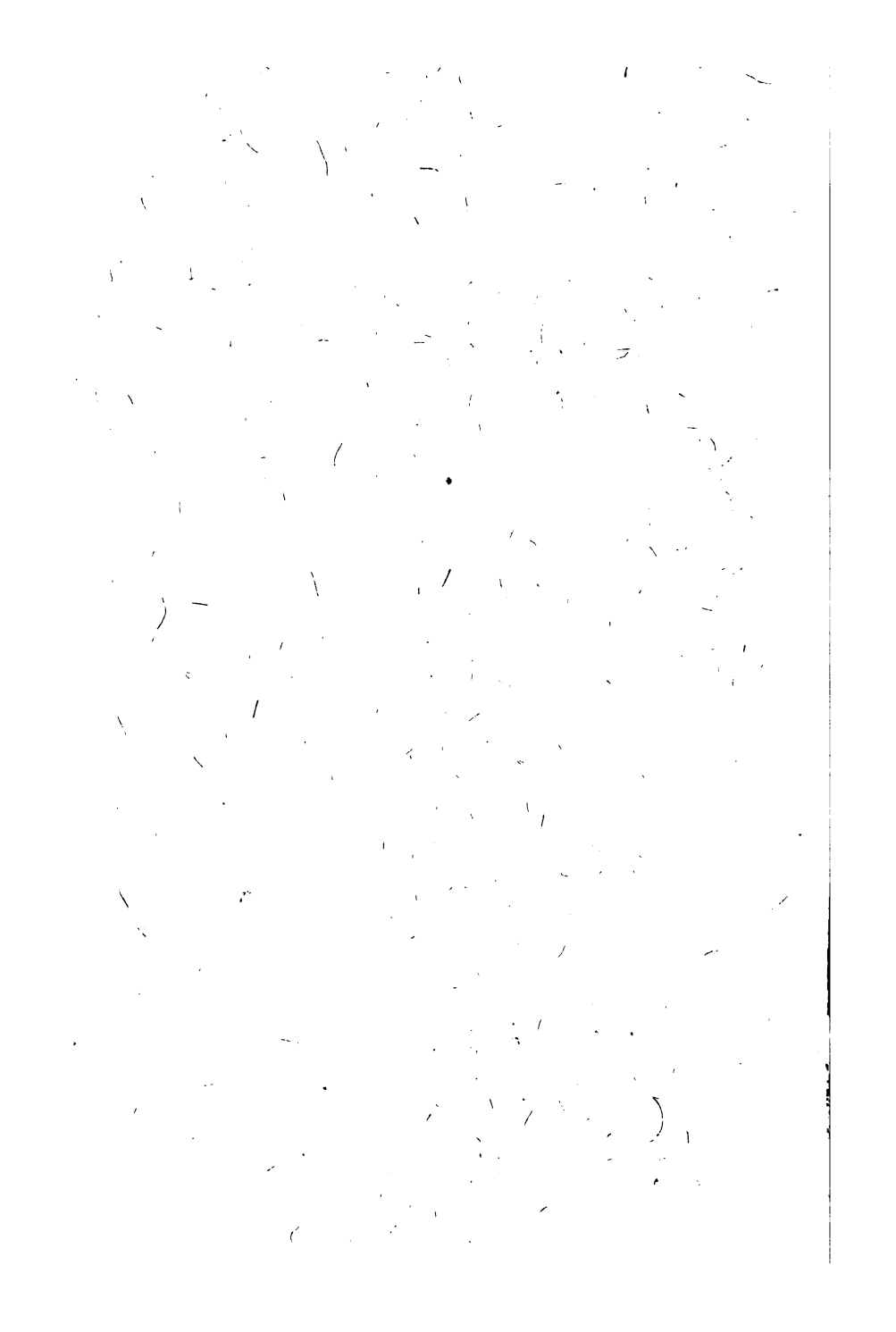
O GRANDE CIRCO

GRANDE ROMANCE DE SENSAÇÃO

POR

GERVASIO LOBATO

1 vol. de quasi 600 paginas, br. 700 réis. Encad. 900 réis



COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 24.° VOLUME

Contos de Affonso Botelho

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

CONTOS

DE

AFFONSO BOTELHO

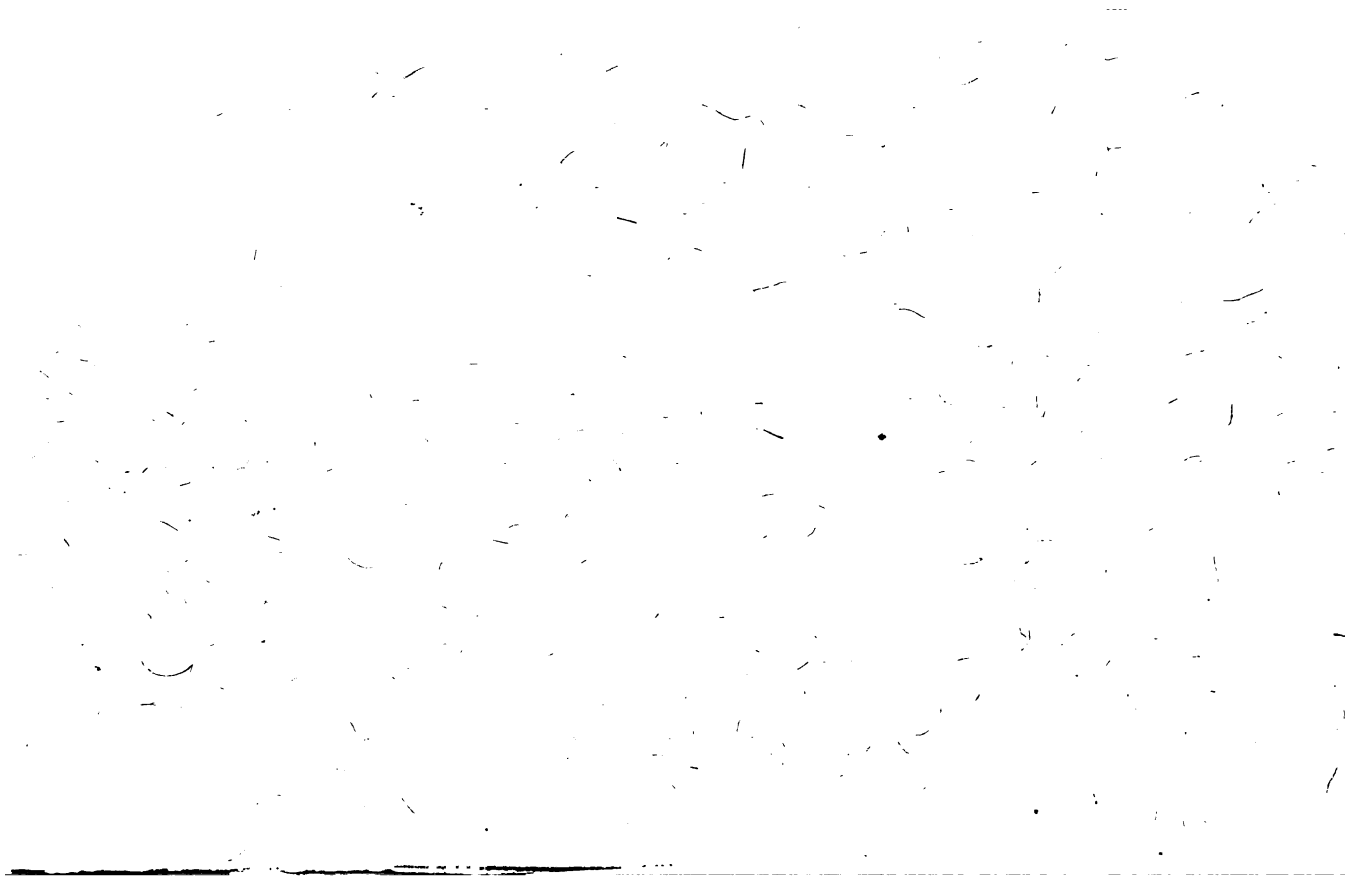
LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1894

869.8
B7483cp

700012--76

A

José Paulo Cancella



COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 24.° VOLUME

Contos de Affonso Botelho

uma eira, já de todo abandonada; mais longe uma grande mancha escura, a estrumeira, onde fóssam os porcos, guardados a distancia por um camponez de comprido chicote em punho. N'outra eira, vae a lida azafamada do trabalho; uma corda de homens, em fileira, lançam ao ar compassada e automaticamente com as forquilhas a palha trilhada, que vôa para longe em nuvens de poeira, levemente doirada. Junto d'uma grande meda estaciona um carro carregado de feixes de palha; com os forcados os camponezes principiam a descarregar, empoleirados sobre a meda, outros põem os molhos por ordem. Junto d'um caixote de madeira, parelhas de mulas comem pachorrentamente, e as ninhadas de frangos esgaravatam aqui e além procurando com avidez os pequenitos vermes.

Dentro da cabana de ramos seccos, sentado n'uma cadeira de bunho, o patrão, de largo chapeu desabado deitado para traz vae seguindo attento a labuta da eira.

Corta o tom arido da campina, como oasis frondoso, um valle ameno, salpicado de hortas, cheias de verdura viçosa, fechadas nas tiras brancas dos pequenos muros, muito caiados.

Ouve-se o som monotono dos chocalhos das noras, encobertas pela ramagem copada das nogueiras. A um lado ergue-se uma grande encosta, coberta d'oliveiras que destacam o seu verde triste no avermelhado do terreno. Na frente estende-se a paizagem, pouco ondulada, sempre mais ou menos com o tom amarellento e esfuma-se vagamente ao largo uma cordilheira de montanhas.

Para o outro lado espraia-se a campina, raza, immensa, a perder de vista como se fôra o mar; onde a onde pequenos traços brancos, os *montes* alemtejanos, depois, manchas arroxadas á mistura com o tom predominante amarello esbranquiçado e lá muito longe um azulado que mal se distingue, confundindo-se quasi

com a immensidade da abobada celeste, serena e limpida.

E a velha, absorta no continuo scismar, conserva na face o sorrir feliz, vago, indefinivel.

Em que scismaria ella!

Estaria talvez embebida na recordação do seu passado.

* * *

Havia muitos annos já, longe d'ali, em Traz-os-montes, onde nascera, que, n'uma perfumada manhã d'abril, ella atravessára a pequena aldeia, contente, feliz, rodeada da familia, caminho da egreja.

Ao passar as pôldras do ribeiro avistára no alto, no meio do adro, assombreado por castanheiros enormes, magotes de povo, e o seu noivo, com o fato domingueiro, cercado dos seus, esperando-a ancioso.

Ella era então uma bonita moça.

A' saida da egreja, no campanario soava o repique argentino dos sinos que se perdia de quebrada em quebrada. Vinha dos campos uma viração pura e fresca, e atordoava os ares o tiroteio que os camponezes faziam para o ar, espantando a passarada, que, ás revoadas, ia caminho dos pinheiraes.

Viveram modestamente do seu trabalho, ella tecedeira, elle ferreiro.

Passado um anno nasceu um filho. Foi uma alegria immensa para os dois. Quando o pequenote chegou á edade de poder trabalhar, o pae foi-lhe ensinando o officio.

Um dia entraram com ella maleitas muito teimosas, e duradouras. O boticario que era entendido, conseguiu á força de quina debellar a doença; mas ella começou n'uma grande debilidade, sempre descorada, enfraquecendo a olhos vistos.

Uma benzedeira fôra chamada, fizera rezas, dissera

que era quebranto; ella continuára definhando dia a dia.

Foram então á villa proxima consultar o medico; este examinou a doente, receitou e recommendou mudança d'ares, banhos do mar, quando não ia a coisa mal porque d'ali a uma tisica eram dois passos.

A' noite o marido, triste e cabisbaixo, a um canto da cosinha cogitava no que dissera o doutor: «d'ali a uma tisica eram dois passos».

Aquellas palavras zumbiam lhe tremendas nos ouvidos e entrava com elle uma dôr muito viva, muito intensa que lhe ia direita ao coração. Se a perdesse?... Oh! não se poderia conformar com tal idéa... Isso não!...

De repente voltou-se e disse lhe assim:

—Olha, Maria, assim com'assim, vão se os anneis e fiquem os dedos. Sabes tu que mais!... eu vou ámanhã fallar com o'sr. padre Francisco d'Anta, a vêr se me compra o campito que pega com o moinho... sabes?...

— Oh! homem, ficares sem a unica herança de teus paes!... Isso é que não.

— Tenhas tu saude que é quanto *bonda*.

Assim foi. No dia seguinte elle foi fallar com o padre, conseguiu vender-lhe a propriedade e dias depois partiram para Lavadós, pequena praia, longe do bulicio da grande cidade fronteira.

*

* *

Pouco a pouco voltava a vida, o viço, áquella face fatigada; tornavam as bellas côres rosadas, o tom fresco, assetinado. O marido sorria feliz, contemplando a cheia d'amor.

Um dia, grande vozearia de mulheres punha em alvoroço a povoação; estava em perigo um navio.

Desde madrugada, um nevoeiro denso pesava so-

bre o mar. Não se via nada. Barrava o horisonte aquella nevoa espessa, como sudario descommunal. Sentia-se o bramir tremendo do mar revolto. Ao meio dia começou a levantar a cerração, e então avistou-se á pouca distancia, dentro da linha onde quebravam as ondas, um navio, de mastros partidos, parte da amurada deitada abaixo, mostrando o cavername, como cadaver esphacelado que deixa vêr parte do arcabouço descarnado.

O navio, sem leme, sem velas, estava inteiramente perdido, á mercê das ondas.

No tombadilho via-se distinctamente um homem, de braços cruzados, passeando freneticamente de popa á prôa e mais ninguem.

As vagas enormes, em grandes tiras espumantes, parallelas, quebravam ao largo, ferventes; galopavam contra a penedia da praia, agitando furiosas a longa clina, como juba gigantesca; e iam espadanar n'um choque tremendo contra os cachopos, repuchando ao ar lençoes esfarrapados d'espuma alvacenta.

De quando em quando, aquellas grandes massas d'agua, saltando por cima do navio, fazem-n'o desapparecer totalmente, parecendo que se afundava.

Havia então na praia, cheia de gente dispersa pelos penedos, uma gritaria infernal, e as mulheres levantavam os braços ao ar, batendo as palmas, batendo nas faces, em gestos endemoninhados de possessas, gritando sempre, com os olhos muito angustiados, fitos no mar.

Passava o vagalhão, tornava-se a enxergar o navio, desmantelado; e sempre o mesmo homem, de braços cruzados, passeando nervosamente de popa á proa, como um automato.

O mar era muito, e com a praia irriçada de rochedos, era escusado pensar na salvação.

N'esse momento chegára á praia um padre que ali se achava a banhos. Subiu depois a um penedo mais

alto, junto do mar, de cabeça descoberta tirou do seio um pequeno crucifixo, murmurou uma prece e lançou para o navio a absolvição. Na praia, todos, homens e mulheres, de joelhos, repetiam com fervor a oração que o padre formulara; no navio continuava o seu passeio automatico o mesmo homem de braços cruzados; o ceu tinha uma côr uniforme opalina, e o mar revolto bramia, furibundo, avido de submergir a preza, que vogava á tôa.

Havia quatro horas que aquella gente toda olhava desesperadamente para o navio, confessando a sua impotencia para salvar os naufragos. Principiou então a soprar um vento rijo, e o navio, como enorme casca de noz, fugia sobre o dorso espumante das vagas ao longo da costa, sempre á mesma distancia.

Grandes bandos de gaivotas com as azas enormes, fugiam para terra n'um vôo pesado.

Toda a gente que estava na praia foi seguindo o navio que fugia com rapidez vertiginosa açoutado pela ventania.

Ia anoitecendo. O vento amainára de repente e o navio estacionava, muito perto da costa, toda coberta de penedia.

Em cima d'um rochedo, mesmo á beira do mar, estava Maria e o marido.

—Oh! homem, não te chegues muito para a borda, dissera-lhe ella.

Pensou-se então em lançar um cabo ao navio para vêr se conseguiam estabelecer o vae-vem. Todos correram ao penedo em que estavam os dois. N'aquelle embate brusco da turba, o marido de Maria escorrega do rochedo, faltam-lhe os pés, estende os braços, tenta agarrar-se ás anfractuosidades da rocha, escalavra as mãos, vae afundir-se no abysmo.

Um grito agudo, d'uma angustia immensa, saíu do intimo do seio de Maria, e ella caíu desmaiada, sem accordo de si.

No dia seguinte o mar mostrava a placidez calma d'um immenso lago dormente, onde o sol punha reflexos tremulantes, diamantinos.

Ao largo, esfumava se uma nevoa tenuissima como véo de gaze, depois o azul profundo.

O navio ficára entre dois penêdos e abrira de todo ao meio; em ondulações suaves, como um afago, vinha o mar beijar mansamente aquelles tristes destroços com que luctára na vespera encarniçadamente.

Maria errava ao longo da praia como somnambula, estonteada pela dôr lancinante, pedindo áquelle immenso oceano, agora tão calmo, a suprema e triste consolação de lhe dar o cadaver do marido estremecido.

.....

Dias depois, ao longo da costa, foram apparecendo os cadaveres n'um estado de decomposição horrenda.

*
* *

Voltara emfim á pequena casa da pardacenta aldeia transmontana.

Restava-lhe o filho, o ente querido e unico que suavisava um tanto a dôr d'aquelle coração, bruscamente dilacerado.

E tinha horas d'uma tristeza amarga, d'uma saudade tão pungente e viva, que chegava a ter receio de enlouquecer.

Nunca mais o ver! a elle que tanto a amára! e para quem ella fôra todo o encanto d'aquella alma rude e bôa!...

E agora, no seu desespero intimo, olhava para o passado, para o sonho lindo que se esvaía no ceo azul, como um fumo tenue.

Trouxeram-lhe um dia da villa proxima uma carta. De quem será? dizia de si para si.

Foi ter com o sr. reitor para que lh'a lêsse. Diziam-lhe que um seu parente affastado fallecera no Alemtejo sem herdeiros e que se habilitasse á herança.

Maria indagou do reitor o que teria a fazer.

— Deixe estar que eu lhe trato disso, tenho para esses sitios um amigo, vou escrever-lhe.

— Pois ande lá, sr. reitor, que é uma esmola que me faz.

Tempos depois, Maria achava-se possuidora d'uma casita e umas courellitas, no Alemtejo.

— E agora, que me diz, sr. reitor, eu vendo aquellas térrinhas?

— Não faça tal, em toda a parte se vive. O que tem vossemecê que a prenda aqui?

— Diz muito bem; quem aqui me prendia já não existe.

E arrancou do fundo do peito um grande suspiro. Depois continuou:

— Até me ha de fazer bem ir para onde não veja coisa que m'o traga á lembrança.

— Demais, observou o padre, o seu rapaz vae estando um homem, tem ali uma cidade proxima, onde póde ir ganhar alguma coisa com o officio de ferreiro...

— Diz bem, sr. reitor, diz bem.

*

* *

Foi viver para o Alemtejo e mais o filho.

Correram relativamente tranquillos os primeiros tempos. Elle, já homem feito, ia á cidade exercer o officio de ferreiro e ella vivia nos arredores, na pequena casa.

Uma noite, tinham os dois acabado de cear; havia muito que o rapaz, um mocetão perfeito n'esse tempo, sentado á lareira, não despegava os olhos da chamma.

viva com reflexos d'oiro, muito fulgurantes, sem dizer palavra. Ella, do outro lado, dormitava beatificamente, emquanto no seu collo um enorme gato fazia o seu rom rom voluptuoso.

Maria acordou e disse lhe, espreguiçando se:

— Isto é tarde, vamos á cama.

— Pois sim, mãe, já vamos; conservou se calado, um tanto enleiado, como quem deseja dizer alguma coisa, que ao mesmo tempo lhe custa.

— Oh! mãe... eu tinha uma coisa a dizer-lhe.

— O que é?

— Sabe?... eu tinha vontade... de me casar.

— E com quem, meu rapaz?

— Com uma hespanhola que vive lá na cidade.

— Uma hespanhola!... (resmungou ella). Olha, meu filho, sempre ouvi dizer que d'Hespanha nem bom vento, nem bom casamento.

— Ora adeus, então a mãe dá credito a essas tolices? Pois em Hespanha não ha de haver gente bôa?... Deixe se d'isso. Se a mãe a visse, ficava a morrer por ella, como eu...

— Pois sim... sim, o que tu quizeres... se é do teu gosto tambem ha de ser do meu; hoje só ambiciono n'este mundo ver-te feliz.

Pouco tempo depois casava o rapaz. Foi de todo para a cidade. A velhita continuou vivendo só; dizia ella que o casamento trazia apartamento.

A hespanhola era muito gentil. Viera para Portugal com o pae, um emigrado que puzera na cidade uma hospedaria, morrendo pouco depois e deixando a filha sem amparo algum. Foi então que o ferreiro lhe fallou em casamento; ella acceitou.

Na casa em que viviam ficava ao rez do chão a fórja, onde o marido labutava no seu duro mister; no andar de cima era a habitação dos dois, pobre mas garrida e limpa, com uns ares de conforto mesmo. A porta que dava para a alcova era vedada por um reposteiro

de chita com ramagens: nas paredes da pequena saleta, muito brancas de cal, viam se oleographias baratas, e das traves do tecto pendiam aqui e além vasos com verduras. Sobre a pequena commoda, de pinho pintado, estendia-se um panno de crochet. Como quasi todas as habitações da cidade, a casita tinha no telhado uma varanda ou terraço, onde ella tratava cuidadosamente de vasos com flôres. Nas tardes d'um calor suffocante, subia pela ingreme escada e ia respirar livremente o bom ar puro, espraiando a vista pelo horisonte vastissimo.

Uma tarde, notou n'um outro terraço, não muito longe, alguem, de pé, muito direito, binoculo em punho, assestado sobre ella. Quem seria o atrevido? disse de si para si, e voltou a cara para o outro lado.

Na tarde seguinte subiu ás mesmas horas ao terraço, lá estava o outro com o binoculo: mas ella não voltou a cara como na vespera e, ao contrario, esperou que elle tirasse o binoculo para a seu turno fitar o desconhecido. Não sabia quem era.

No dia seguinte indagou d'uma visinha. Era o filho d'um lavrador, que viera a ferias de Coimbra, onde andava nos estudos.

As idas ao terraço continuavam todas as tardes á mesma hora e elle lá estava sempre.

D'uma vez o estudante pediu-lhe por acenos para lhe escrever.

—Que não... que não, respondeu ella apressada e sumiu-se nervosa escada abaixo.

Na tarde seguinte, não foi ao terraço; mas na outra não teve força sobre si e subiu até mais cedo que o costume. Já o outro lá estava, triste e pezaroso; a hespanhola sorriu docemente.

Elle n'essa tarde parecia resignar-se á extatica contemplação d'aquella peregrina formosura.

Ella deixava contemplar-se, vaidosa e satisfeita.

Uma tarde o estudante atreveu-se a pedir-lhe com

muita meiguice que lhe deixasse fallar. Ella não fugiu como da outra vez, ficou-se a sorrir pensativa e por fim apontou-lhe para uma estrada que d'ali se avistava e disse-lhe por acenos: — Amanhã ás seis da tarde.

No dia seguinte, a essa hora, a hespanhola despedia-se do marido á porta da loja; ia a casa da sogra.

— Vê lá se queres que vá comtigo.

— Não é necessario, d'aqui lá é perto. E partiu.

*

* *

Caminhava apressada pela estrada que se estendia alvacenta cortando os campos.

Havia no ar a frescura e pureza, suave e bôa, da viração da tarde.

N'uma das curvas da estrada avistou o estudante: empallideceu, o sangue affluiu-lhe rapidamente ao coração, parou hesitante, seguiu por fim.

O estudante veiu radiante ao seu encontro.

Então os dois seguiram a passo, vagarosamente, em silencio, sem saberem que dizer; elle rompeu o silencio e declarou-lhe com o enthusiasmo e o ardor dos dezoito annos tudo o que sentia.

A hespanhola, de olhos no chão, mirava os seus pés pequenitos, que, automaticamente, iam pizando a poeira branca. Levantou demoradamente os seus formosissimos olhos, d'uma languidez adoravel, franjados por largas pestanas sedosas, sorriu e disse-lhe:

— Sabe que tudo isto é uma loucura que nos póde ser fatal?...

— Que não... que não... respondia elle docemente. E dizia-lhe tudo quanto sonhava a sua bella phantasia; um futuro sorridente, doirado pelo seu ardentissimo amor, a embriaguez d'uma vida de delicias estonteantes, bebidas dos labios um do outro.

Ella antepunha aos sonhos, fascinadores e ardentes,

a realidade das cousas; o marido se o viesse a saber... matava-a! tinha a intima convicção, de que era capaz de o fazer. Oh! elle não lhe conhecia o genio. Quando se enfurecia, parecia ter accessos de verdadeira loucura, tornava-se medonho! Não; era forçoso terminar. Conservaria sempre por elle uma recordação suave, uma amizade grande, mesmo uma saudade profunda, muito querida á sua alma, d'aquelle bom tempo, que não voltaria; mas era indispensavel terminar, considerar tudo como um sonho lindo, mas sonho, que se esvaia á luz da triste e prosaica realidade. Era assim o mundo.

O estudante não podia acreditar que havia de resignar se a não mais a vêr, a não lhe poder mostrar toda a dedicação enorme, de que o seu amor era capaz. Isso podia lá ser?... Pois elle havia de saber que era amado, e resignar se a nunca mais ouvir a melodia suavissima da sua voz fallando-lhe d'amor?... Oh!... mas nunca!... nunca!... mil vezes a morte.

Em poucos dias ia partir para Coimbra, de lá lhe escreveria...

— Isso não!... dissera ella apressada.

Mas elle tentava convencel-a. Não havia perigo, tinha pessoa de toda a confiança que lhe entregaria as cartas.

— Que não... que não, tornava ella. Quando elle voltasse, consentiria emfim em tornar a fallar lhe, mas receber cartas d'elle,... nunca! Haver um terceiro a saber dos seus amores, não o queria... não o consentia.

O estudante calára-se resignado.

Iam chegando a uma curva da estrada d'onde se avistava a casita solitaria, em que vivia a sogra da hespanhola.

Era forçoso separarem se.

Elle então renovava em phrases ardentes, apaixonadas, tudo o que lhe dissera já. A hespanhola, com um sorriso adoravel na boca graciosa, fixava n'elle um olhar ardente, em que iam mil promessas.

*

* *

Partiu para Coimbra o estudante.

Ella entrou n'um periodo de tristezas sem fim, levava horas e horas absorta n'um profundo scismar, esquecida de tudo que a cercava. Quando, por vezes, á comida, ella caía n'essa doce abstracção, o marido indagava.

—Oh! mulher, que diabo tens tu? porque não comes?

—Não tenho vontade.

—Estarás doente?

—Talvez, ha dias que sinto um mau estar,... mesmo uma dôr no estomago, não sei o que é...

—Chama-se o sr. doutor.

—Não,... deixa vêr,... talvez passe.

E, quando elle lhe passava carinhoso a mão pela face, sentia-se estremecer ao contacto rude da mão calosa e lembravam-lhe as mãos brancas, setinosas, bem cuidadas do outro.

Vieram então os dias chuvosos e tristes do inverno, e ella ia contando impaciente os que faltavam para o Natal.

Um dia voltou elle emfim de Coimbra; a hespanhola sentiu uma alegria intima ao avistal-o e sorriu-lhe feliz.

Recomeçaram os passeios pela estrada fóra. E os dois, esquecidos de tudo, fallavam longamente do seu doce amor. Uma tarde porém encontraram uma visinha; a hespanhola ficou pallida, enfiada de susto.

Se a outra fosse dizel o ao marido?!...

Disse ao estudante que não tornava a encontrar-se com elle alli. O estudante lembrou-lhe que, se ella quizesse, havia sitio seguro, onde podiam fallar. De noite, quando altas horas o marido trabalhasse na

fórja, ella subiria ao terraço, elle atravessaria o telhado e poderiam então fallar, sem receio de ninguem. Não havia perigo; áquellas horas da noite quem o saberia?... No primeiro impeto a hespanhola disse logo que não; isso não faria ella, escusava de pensar em tal; mas por fim elle instou tanto e tanto, supplicou com tal meiguice, com tal ardor, fazendo-lhe vêr que se não cedesse, não poderiam vêr-se mais, que ella, depois de muito instada, cedeu por fim, mas ficou de o avisar da noite em que poderia vir. Assim foi. Uma noite elle veiu, e mais outra e outra. Depois voltou para Coimbra; novo periodo de tristeza e aborrecimento para ella.

Chegaram as ferias da Paschoa, e o estudante voltou de novo.

*

* *

Uma noite, seriam duas horas, elle atravessava cautelosamente os telhados e ella, de pé, no alto do terraço, esperava-o anciosa.

Estava um luar purissimo.

No céo, cravejado de myriadas d'estrellas, havia uma placidez calma e serena. A natureza inteira dormia tranquillamente. Na parede da casa fronteira esbatia se o clarão afogueado que vinha da fórja do ferreiro, e, no silencio profundo, ouvia-se o *tim tam* do malhar no ferro em braza.

A cidade, illuminada pela luz pallida da lua, com as suas casas irregulares, muito brancas de cal, como que em pinha umas sobre outras, com os seus terraços e galarins muito altos, lembrava uma cidade oriental, onde batesse em cheio do espaço sem fim um foco de luz electrica d'uma força muito grande,

O estudante caíu emfim nos braços da sua amante, e os labios d'ambos uniram-se n'um prolongado beijo, d'uma volupia doce...

Elle sentia contra o seu peito os contornos suaves d'aquelle corpo esbelto, deixando-se embriagar suavemente no magnetismo do olhar que o entontecia; ella entregava-se languida, satisfeita de ser possuida por o homem que hoje a adorava delirantemente.

De repente desliga-se dos braços d'elle... Perdida de susto, diz-lhe rapidamente: Foge! .. Foge!...

—Mas por quê?

—Já... já... senão estou perdida!...

—Anda... parte!

O outro desappareceu rapidamente através dos telhados.

Ella encostára se á borda do terraço para não cair, tremia toda, transida de susto.

Sentia passos apressados subindo a escada, por fim a porta abriu-se, appareceu o marido.

Trazia a face turva, grande tempestade fervia no intimo do seu peito.

Postou-se em frente d'ella e disse-lhe bruscamente:

—Que fazes aqui?... a estas horas?...

—Eu... quiz-me parecer ouvir barulho... na porta do terraço. . vim vêr o que seria...

—Vieste vêr... vieste vêr... (E olhava em roda, farejando a prova do crime que suspeitava). Estacou de repente, curvou-se e apanhou o chapeu que o estudante deixára na precipitação da fuga.

—Ouve lá... De quem é este chapeu?

—Esse chapeu... (tartamudeava ella enleiada, aterrada,) esse chapeu... talvez que...

O marido não a deixou terminar.

Com a face medonha, assombreada pela colera intima, que explodia emfim, gritou-lhe agitando na mão tremula a prova do crime:

—Bem m'o tinham dito a mim!...

—Ah! *grandecissima*... e cuspiu-lhe ás faces a palavra immunda!

Então, tudo o que o cercava fugiu da sua vista, tol-

dada por uma immensa nuvem vermelha, côr de sangue.

Cego, allucinado, furibundo de raiva, de punhal na mão, caiu sobre ella, que, estarrecida de medo, não tentou defender-se.

Ella sentiu a lamina fria e cortante retalhar-lhe as carnes tenras; a dôr aguda fel-a voltar d'aquelle torpôr, que a gelava, soltou um grito enorme e entre os dois travou se uma lucta tenaz e gigantesca. Mas essa lucta era desigual, não podia durar muito.

Envolvida nos braços de ferro do marido ella caira prostrada no meio do terraço.

— Oh!... não me mates!... não me mates!... balbuciou ainda ella supplicante.

Elle nada ouvia, nada via no auge do seu furor. Com uma embriaguez sempre crescente, sedento de sangue, cravava-lhe o punhal sem cessar, á tôa, sem saber por onde, até que ella ficou inanimada, estendida n'um mar de sangue.

O assassino levantou-se de sobre o corpo da victima, e, aos trambulhões, cambaleante, sumiu-se no escuro da escada.

No ceo puro e limpido seguia serenamente o seu curso a pallida e fria lua por entre o brilho diamantino das estrellas. A casaria da cidade, parecia fantastica, feita de gêlo, e, no meio dos tijólos do terraço, entre as grandes manchas de sangue, a hespanhola, d'uma pallidez de marfim antigo, conservava os formosissimos olhos muito abertos, n'uma expressão medonha d'angustia.

.....

N'essa occasião, na face da velha, que continuava sentada debaixo da grande azinheira, deslizavam silenciosas duas lagrimas, e os seus olhos muito abertos fixavam nm ponto distante, lá muito longe, no vastissimo horisonte, onde o sol poente deixára um grande esplendor luminoso, todo em sangue.

*

* *

Foi preso o ferreiro; mais tarde julgado e condemnado.

A mãe assistiu a todo esse martyrio lancinante, que lhe despedaçava a pouco e pouco o coração.

Quando um dia, á beira do Tejo, o viu, no meio de uma leva de degredados dizer-lhe entre lagrimas o derradeiro adeus, a pobresita sentiu que lhe fugia a vida, a luz da sua alma.

Voltou á casita do Alemtejo.

Entrou a cair n'umas tristezas profundas que duravam dias e dias, sem consolação possivel. Sentia um indifferentismo extraordinario por tudo que a cercava.

Uma creada velha, que viera com ella de Traz-os-Montes, por mais d'uma vez fôra encontral-a sentada na cama, em camisa, semi-nua, a rir, a rir... e, quando encarava com a creada, tornava-se muito seria e triste, caindo depois no indifferentismo costumado.

Isto durou tempo, e pouco a pouco a luz d'aquelle cerebro foi-se apagando, até que ensandeceu de todo.

Parecia que o bom Deus, condoido de tão atroz martyrio, lhe concedera a loucura como lenitivo, como o esquecimento de tantas dôres.

*

* *

Ia entrando a noite.

No poente havia ainda uns tons afogueados, que doiravam levemente umas pequenas nuvens.

A velha sorria vagamente, e a sua imaginação perdia-se talvez nos campos da phantasia, bellos, encantadores, como as lindas nuvens doiradas que empallideciam agora no poente.

II

A' lareira

É noite. Lá fóra um frio penetrante, e o escuro cerrado, diagonalmente cortado por pequenos flocos de neve que vertiginosamente se succedem uns aos outros, indo sobrepor-se mansamente, sem ruido, no enorme sudario que cobre a terra.

Cá dentro, em torno da lareira, formam roda os creados. E' uma cosinha de Traz-os-Montes; o pavimento de lages humidas e escorregadias; as paredes escuras e as traves do tecto muito negras, com um certo brilho, como que envernizadas pelo fumo. Ao meio, sobre a chamma, pende de cima uma corrente de ferro que sustenta uma enorme caldeira, inteiramente lambida pelas chammas vivas que a circundam. Na caldeira cozem-se as castanhas que os creados hão de des-

çascar logo para os porcos que estão na céva. Em volta do fogo varios potes de ferro assentando em tres pés e cobertos com testos.

Entre a creadagem um d'elles dizia:

— Sabem vocês que me disse hontem o Thomé da Cumieira que ahi para os lados do Cruzeiro apparece agora todas as noutes uma alma do outro mundo?

— Sim? oh! tio João, então como é isso? ora conte lá.

— Diz elle que certas noites a horas mortas vê mesmo sobre a cruz uma luz azulada e que...

N'essa occasião entrava na cosinha o padre Manuel, o dono da casa, atarracado e gordo, com a cabeça entre os hombros, sem pescoço, de côr *apresuntada*, e com grande influencia eleitoral no sitio. Os creados levantaram-se reverentes.

— Boas noites rapazes. Então que estavam para ahi a taramelar? Disse o padre sentando-se commodamente no *preguiceiro*.

— Ora, sr. padre Manuel, disse um d'elles, é o João que diz que apparece agora no Cruzeiro todas as noites uma alma do outro mundo.

— E vocês acreditam n'essas historias? continuou o padre. Quem vae não volta. Isso provavelmente ha de ser como o caso que se deu o anno passado ahi para o Minho.

— Então o que foi? Conte lá sr. padre Manuel.

O padre sorveu com força uma pitada, estendeu os pés para o fogo e commodamente conchegado disse:

— Vocês sabem que quasi todas as aldeias do Minho teem as casas muito espalhadas. Pois bem. Ahi proximo de Margaride a residencia do abbade era um pouco arredada do povoado. Havia dias que chegára á residencia Alvaro de Menezes, um trasmontano moreno, dos seus dezoito annos, muito amigo do abbade. Estando nos estudos em Braga viera passar as ferias do natal com elle. Alvaro andára todo o dia á caça;

quando chegou á residencia era noitinha; o abbade ainda não voltára d'uma freguezia proxima, onde fôra por causa de negocios. Tinha em casa uma creada velha e o creado, rapaz novo, que servia de sachristão, muito medroso, acreditando em almas do outro mundo, agoiros, lobishomens, eu sei lá?!

Vinha entrando a noite e ameaçava grande tempestade. O vento zunia lá fóra, uivando sinistramente; a ramaria da enorme carvalheira fustigava as janellas da residencia; as nuvens pesadas e negras corriam apressadas para o norte.

Então o creado acercou-se de Alvaro e disse-lhe se elle teria duvida em ir por elle á egreja deitar azeite na alampada do Santissimo?

— Nenhuma, respondeu Alvaro, dá cá a almotolia. Por onde se entra?

—Pela sachristia, eis a chave. Eu vou pensar a vacca.

Alvaro de lampeão em punho partiu. Abriu com difficuldade a porta da sachristia que estava empenada. Atravessou a sachristia com as suas paredes revestidas d'azulejos e o grande armario de castanho antigo onde se guardavam as vestimentas, encimado por um painel com as côres gastas pelo tempo, representando Christo pregado na Cruz e a Magdalena abraçada aos pés fitando apaixonadamente com o olhar desvairado, ancioso, o divino Mestre expirando lá no alto do madeiro entre as trevas do Calvario. Ao lado o espelho de velha moldura doirada em frente do qual o prior se revestia. Passou á capella-mór.

A nave da egreja perdia-se no escuro, silenciosa como o sepulchro. A alampada suspensa em frente das grandes cortinas encarnadas, que escondiam a capella do Santissimo, deitava uma luz moribunda, fraca e indecisa. No meio da nave espalhava-se o clarão pallido de quatro tochas em volta d'um esquife.

Alvaro que não sabia de nada ficou surprehendido e caminhou fitando sempre o esquife.

Mettida no caixão, immovel, dormia o somno da morte uma pobre velha.

Alvaro chegara junto da alampada. Quando se preparava para lhe deitar azeite ouviu no silencio da igreja um grande tremor, como de alguem em ancias, afflicto. Alvaro voltou-se rapidamente e fixou o cadaver. Este conservava-se immovel, rigido, com as mãos postas, as faces chupadas, a lividez da morte, sobresahindo o queixo muito agudo, tudo illuminado vagamente pela luz dos tocheiros.

Elle, muito pallido, ficou indeciso, sem saber explicar o estranho caso.

Então no fundo escuro da egreja ouviu novamente o mesmo tremor afflicto.

Alvaro era valente, mas os cabellos levantaram-se-lhe hirtos na cabeça e um calafrio lhe percorreu a espinha dorsal. O caso era para isso.

Lá no fundo, na espessura densa de sombras ouviam-se de quando em quando as convulsões, como d'alguem no estertor.

O rapaz, com as pupilas dilatadas, tremulo, enfiado, perscrutava as trevas e parecia-lhe que, d'entre a sombra cerrada, lá do fundo da egreja, outras sombras, surgiam tomando fórmas phantasticas. O estertor parecia sentir-se mais ao longe, já distante.

Não pôde mais e partiu na direcção da sachristia. Ahi quiz abrir a porta para sahir, mas estava empenada; na egreja continuavam ainda entrecortadas as convulsões afflictas e elle sem poder abrir a porta. O suor cahia-lhe em bagas; por fim com certo esforço conseguiu abrir.

Correu á residencia esbaforido, pallido, enfiado.

Tinha chegado o abbade.

— Que diabo tens tu homem? Vejo-te transtornado.

— Eu sei lá! Sei lá o que tenho! e contou o caso.

— Vamos á igreja, disse o abbade.

Partiram os tres, o abbade, Alvaro e o creado.

Chegados lá, nada sentiram, nada ouviram. A velha, morta e bem morta, estava estendida, muito hirta, entalada entre as quatro taboas do caixão.

Passaram então revista a toda a igreja.

Nada viram. Iam a retirar-se muito intrigados, sem poder explicar o caso, verdadeiramente extraordinario, quando o abbade disse: — Esquecia-nos subir ao côro.

Foram. Sabem então com o que lá deram?

A um canto do côro, muito encolhido, com o seu olhar indifferente, de idiota, estava acocorado no chão o *Zé d'Arruda*, um pobre doido que havia na aldeia, a quem davam uns ataques nervosos e se deixara ficar na igreja sem ser visto de ninguem, quando foram depositar o corpo da velha.

E aqui teem como se explicou aquelle caso de arripiar os cabellos mesmo aos mais afoitos.

III

O sonho

Com a face collada contra as persianas verdes do seu quarto, elle espreitava a visinha, que, por entre as rosas da varanda, sorria para o filho d'um burguez, empertigado na sella, de monóculo impertinente, caracolando em baixo, bem posto e garboso, no seu cavallo negro, como a aza do corvo.

Teria uns vinte annos; era o ultimo representante d'uma familia transmontana de fina estirpe. Triste representante!

A cabeça era d'um perfil correcto, emmoldurada n'uns cabellos escuros, onde alvejavam cans precoces. No rosto, pallido e fatigado, brilhavam uns esplendidos olhos, que tinham scintillações de diamante. O corpo era rachitico, com os pés e as mãos muito gran-

des, braços e pernas enfezados, de creança, e uma corcunda enorme.

Quando elle passava na rua, encostado ás suas molêtas, a visinha, que era boa e gentilissima, olhava-o condoida tristemente, e dizia comsigo: Pobre rapaz, de que lhe serve a fortuna?!

Outras, ficavam cochichando entre si, rindo da sua figura grotesca e aleijada.

Ainda que já distante, elle bem ouvia o riso zombeteiro d'estas, e sentia o olhar compassivo d'aquella. E, coisa extraordinaria, impressionava-o muito mais dolorosamente a compaixão sincera da visinha, do que o riso alvar das indifferentes. E' que elle amava delirantemente a sua bella visinha, que, por entre as rosas da varanda, sorria docemente ao filho do burguez.

Era um amor sem esperança, ardente, sahido d'uma alma boa, cheia de vida, nos seus vinte annos, sem rachitismo, nem defeitos, agrilhoada áquelle corpo disforme, de que elle proprio tinha horror.

Que tenebrosas luctas se passavam dentro de si! E sempre o coração ardente e apaixonado vinha a curvar-se perante a realidade, o aleijão enfezado e disforme, que punha um olhar compassivo nos olhos formosissimos da mulher amada, e fazia rir sarcasticamente as raparigas.

Elle bem o sabia, e tanto, que era por traz da persiana, para que ella lhe não fugisse, que elle se collocava para a poder contemplar. Passava assim horas e horas n'uma dôce adoração; depois, vinha a noite, e, a sós comsigo, tinha suspiros profundos, envoltos n'uma grande tristeza.

Era muito infeliz!

Se o pobre corpo, defeitnoso, rachitico, murchava pouco a pouco, victima da construcção enfezada: a alma, sedenta d'amor, sem um raio unico d'esperança, vivia contorcida por aquella immensa tortura, que o devia matar.

Ficára só no mundo, muito novo ainda, tendo por ultimo conforto e amparo os carinhos d'um velho creado, que o vira nascer. Verdade é, que o pobre homem lhe queria muito. Tinha por elle os cuidados, os disvélos que as mães teem pelos filhinhos. Muita vez chegava mesmo a dizer-lhe palavras desagradaveis, asperas, quando elle recolhia fóra d'horas, ou commettia qualquer imprudencia, que o velho creado desconfiava poder fazer-lhe mal.

Então, o triste representante da velha estirpe, sorria-se bondoso dizendo-lhe:

— Vamos, meu bom Thomaz, tu pódes dizer-me tudo o que quizeres, sei bem quanto me estimas. Ama-me muito, pobre velho, que és o unico ente n'este mundo, que sente por mim uma affeição sincera.

Thomaz ficava-se a contemplal-o, com os olhos rasos d'agua, arrependido já do que dissera, pensando nos seus velhos amos, que elle vira morrer um após outro.

*

* *

Uma noite, sentado n'uma poltrona, junto ao fogão, meditava melancolico. Em frente um grande galgo preto, deitado, com as patas dianteiras crusadas uma sobre a outra, fitava a chamma esbrazeada, com scintillações vivas, prateadas. Na meia luz, que illuminava o vasto aposento, os retratos dos avós, pendurados das paredes, esticados nas suas fardas bordadas, pareciam contemplar tristemente o representante da sua raça, que, encolhido, enterrado na poltrona, se aquecia friorento á chamma viva do fogão.

Um relogio, de bronze antigo, collocado no marmore da chaminé, marcou com o timbre argentino onze horas. O galgo preto alongára a cabeça sobre as patas e dormia agora profundamente. Fazia um silencio de sepulchro no aposento espaçoso, de paredes altas

fracamente illuminado pelo candieiro ao centro, sobre uma jardineira coberta com um pesado tapete antigo.

Elle despertou por fim da *rêverie* que o absorvia, e carregou n'um botão de campainha.

Veio o creado.

— Thomaz, vem ajudar-me a deitar.

No quarto, o bom velho, tinha com elle taes cuidados, como se fôra uma creança. Ia, voltava, conchegando-o, reparando escrupulosamente em que nada lhe faltasse. Depois partia, para se deitar no quarto proximo, prompto a acudir ao primeiro chamamento.

*

* *

Uma lampada d'alabastro suspensa ao centro projectava uma claridade tenue:

Elle, com o olhar vago, abstracto, não dormia. Deitado no leito de cortinados adamascados, tornava a povoar-lhe o espirito a *rêverie* interrompida. Voltava e tornava a voltar-se, febril, agitado pela insomnia cruel. As horas succediam-se, e não podia dormir.

Sempre a fascinante imagem da visinha a tortural-o docemente!

Depois de muito fatigado, conseguiu por fim pegar no somno prostrado pelo cansaço.

Dormia agora placidamente.

Então um clarão estranho, alvacento, invadiu subitamente o aposento.

Junto d'elle estava um ente divinal, com formas de mulher, envolto em longas roupagens brancas, vaporosas, como nuvens.

— Vamos, disse ella, partamos.

Elle olhava attonito em roda.

E, á luz extranha que se irradiava em torno do ente mysterioso, via todos os seus membros passarem por uma transformação extraordinaria. O corpo, en-

fezado, transfigurava-se pouco a pouco. Espantado de si mesmo sentia-se de uma elegancia perfeita, d'uma correcção de fórmas esculptural. Os braços, magros, chupados, tornavam se robustos, herculeos, as pernas musculosas, e todo o seu corpo se endireitava, esbelto, avivada a face, que lembrava pergaminho, por um bello tom de rosa, suavissimo.

— Partamos, sim, repetia inconsciente.

Deslisaram em seguida os dois através da noite escura. No meio das sombras caliginosas o ente divinal àbriu as azas muito brancas, d'onde emanava um grande resplendor de luz viva, coruscante.

Lá muito em baixo, enxergava-se mal a terra, uma informe massa, envolta em trevas profundas.

E continuavam sempre, fugindo, fugindo, na noite escura.

Pouco a pouco iam sahindo da escuridão.

Avistaram então, banhada n'uma claridade rosa e ouro, uma cidade enorme com altos minaretes, largos terraços, e grandes zimborios, terminando em flechas agudas encimadas pelo crescente.

Passaram além e pararam junto d'um palacio de porphyro, com as altas portas em ogiva chapeadas d'agata, no meio d'um verdejante palmar.

A porta abrira-se como por encanto. Os dois seguiam atravez dos aposentos sem fim, ornados de riquezas preciosas. Na sua passagem, os eunuchos, com a face de bistre e turbantes de côres flamejantes, curvavam-se reverentes. Pararam por ultimo na frente d'um portado de marmore rosa cravejado d'esmeraldas enormes. A porta abriu-se de par em par.

Entraram.

Era um recinto em oval suave, a luz cahia de cima através de crystal purissimo, attenuada por seda côr de rosa. Ao centro uma espaçosa taça de jaspe cheia d'agua crystalina, que espadanava em jorros das fauces d'um Tritão. Fetos gigantescos, de folhagem fina-

mente rendilhada, plantas tropicaes com fórmas caprichosas e flôres phantasticas, espreitando entre as folhas exquisitas, contornavam a taça, espalhando no ambiente perfumes estonteantes. Sustentavam a alta cúpula de crystal, d'onde vinha a luz, feixes contorcidos de columnas delgadissimas. O pavimento era de difficil mosaico, e as paredes com arabescos custosos, de esmaltes muito vivos.

Em roda, deitadas languidamente sobre divans riquissimos, distinguiam-se mulheres semi-nuas, d'extraordinaria formosura. Assim que elles entraram, levantaram-se preguiçosas e vieram ao seu encontro.

Elle olhava-as estupefacto, os olhos muito abertos, radiante, extactico.

Eram soberbamente bellas; e, deslumbrado pelos mil encantos, que d'ellas vinham, fascinado pelo sorriso languido e olhar innebriante, com que todas o miravam, anciosas por uma palavra, um sorriso seu, parava hesitante, perplexo.

No meio de grupo tão extraordinariamente bello, elle viu então, com um olhar ardente, supplicante d'amor, fito no seu, os labios humidos, sensuaes, entre-abertos n'um sorriso d'amor, os cabellos negros espalhados em desordem pelo corpo semi-nú, os seios de neve, turgidos, contornando-se em curvas suaves por baixo das roupagens transparentes, viu emfim, de formosura peregrina, a sua lindissima visinha, que lhe abria os braços suspirando, anhelante d'amor!

Embriagado, allucinado pela celestial visão, ante aquella formosura divina todas as outras bellezas, que o cercavam, empallideceram, como desmaiam as estrellas ante os raios deslumbrantes do sol doirado.

De braços abertos correu para ella, sentia-se estreitado contra os seios rijos, o contacto doce de todo o seu corpo flexivel, fazia-o gosar sensação tão inebriante que elle ia desmaiando nos braços assetinados do seu estremecido amor.

Partiram juntos para mansão celestial, toda d'oiro e luz; e, ali, emfim sós, os seus labios uniram-se n'uma suprema delicia!

*

* *

Alguem lhe tocava no hombro, voltou-se, era o Thomaz.

A lampada d'alabastro espargia um clarão velado, muito mortiço. O Thomaz entre-abriu as portas da janella. Uma restea de luz pallida, doentia, entrava no quarto.

— São onze horas, meu senhor. Eu já cá vim duas vezes, mas o menino dormia tão profundamente que tive dó de o acordar; demais o dia está tão enfarruscado... parece-me que vem chuva.

Levantava-se ajudado pelo creado. E, melancolicamente, contemplava de novo a sua misera nudez, que lhe causava horror.

.....

Pouco tempo depois adoeceu. O medico não acertava com a doença, que o ia minando dia a dia.

Uma vez pediu ao Thomaz que lhe fizesse mudar o leito para junto da janella.

Então, d'ahi, d'esse leito, febril, onde o matava lentamente uma tortura sem nome, através das persianas verdes da janella, elle contemplava tristemente a lindissima visinha, que, por entre as rosas da varanda, sorria ao filho do burguez, empertigado na sella, de monóculo impertinente, caracolando em baixo, bem posto e garboso, no seu cavallo negro, como a aza do corvo.

IV

Uma chavena de chá

Não ha muitos annos, que o caso se passou; fazia-se ainda viagem do Porto á Régoa, parte em caminho de ferro, parte em *diligencia*.

A' porta do escriptorio da Companhia Viação um enorme carro, tirado por seis cavallos, estacionava esperando pelos passageiros. Um *brouhaha* espantoso em volta do carro; estes gritavam que não viam no tejadilho a sua mala, aquelles discutiam os seus logares, tudo á mistura com as pragas pouco edificantes dos carregadores.

N'um dos logares da porta via-se um rapaz moreno de fino buço negro, que elle cofiava muito calado, parecendo um tanto concentrado e pouco communicativo.

O logar que ficava em frente, estava vago.

Ia partir o carro. No alto da almofada o cocheiro, muito direito, ajustava as redeas.

Então, dobrando a esquina da rua, apressado, viu-se através d'uma chuvasinha miuda, um vulto, seguido por mais dois ou tres carregados de malas e malotes, bamboleando-se como um pato, agitando um enorme guarda-chuva aberto e fazendo signal para esperarem.

Chegou por fim, muito azafamado; a bagagem foi posta á pressa no alto do carro e o nosso homem entrou a custo, elle, o guarda-chuva e um amplo capote.

O carro seguia ao trote dos cavallos pelas calçadas do Porto dirigindo-se á estação dos caminhos de ferro do Minho e Douro. O velhote parecia preoccupado por qualquer cousa, que o incommodava. Ia sentado em frente do rapaz moreno.

— Pois sr., disse elle no meio d'um solavanco um tanto forte, não fui capaz de tomar chá!

João de Sousa, o rapaz moreno, fixou o seu vis-a-vis; tinha notado o burguez e dissera já de si para si: que bom typo!

— Com que então não foi capaz de tomar chá?

— E' verdade. Estou habituado a tomar chá preto sempre depois de jantar. Eu cá não tomo d'outro, mas hoje, com as pressas, não me foi possivel. Vou mal disposto para a viagem. Que quer? São habitos, e, na minha edade, custa muito sair d'elles. Sou muito methodico nas minhas coisas, e olhe que é bom, creia; o sr. é ainda muito novo, mas tome o conselho d'um velho, ordem e methodo nunca são de mais.

João de Sousa estava gostando do homemsinho que, muito communicativo, parecia disposto a contar-lhe a sua vida toda. Como chegassem á estação disse-lhe:

— O sr. póde aqui tomar chá no *restaurant*.

— E é verdade, tem razão, muito obrigado pela lembrança.

Todos á mistura saiam do carro. Na *gare* via-se já alinhado o comboio.

O nosso homem correu pressuroso a um dos creados e pediu chá.

Os creados eram poucos, e muitos os que queriam ser servidos.

Assentou-se a uma meza e esperou.

Pouco tempo depois soou na *gare* uma badalada e deu um salto na cadeira. Escapar-lhe-ia ainda a satisfação do seu habito?

Foi interrogar um creado sobre o caso, outro appareceu por fim, correndo, com o chá. O burguez pegou no bule e principiou a fazer correr d'alto para a chavena o perfumado liquido. Soaram duas badaladas. Quando se preparava para o saborear, mal o provou exclamou:

— Oh! homem! o chá é verde!...

Tratava de justificar-se o creado, na *gare* soavam as tres badaladas e o pobre homem correu apressado a encaixar-se no seu logar.

O comboio partia.

Casualmente foi sentar-se em frente de João de Sousa.

— Pois sr., ainda não fui capaz de tomar chá. E contou o caso.

João de Sousa estava achando infinita graça ao pobre do homem.

*

* *

O comboio seguia através dos campos formosissimos; pouco depois a paisagem tornava-se sombria, passando agora apertado entre montanhas muito empinadas, em parte revestidas de pinhal. N'uma clareira sobre uma encosta viam-se casas escuras com telhados d'ardosia; mais adiante entrava-se n'um valle cortado

aqui e alem por latadas assentes em compridas lapides d'ardosia postas ao alto. A distancia estendia-se Vallongo, ao fundo corria a serra escalvada em ondulações caprichosas.

A chuva caía agora rijamente, cortando a paisagem de traços verticaes.

Principiava a anoitecer. A luz do poente velada pelas nuvens ia desapparecendo gradualmente. Ao longe, o recorte da montanha nua entrevia-se mal entre a neblina que mansamente vinha descendo para o valle.

O homemsinho abrira a bocca muito aborrecido olhando a fumarada da locomotiva que se perdia rastejando entre os campos humidos.

— Com que então o seu chá... dizia João de Sousa.

— Que quer?! Faz-me uma falta, que nem o sr. imagina; se não fosse aquelle bruto do creado do *restaurante*... mas logo me havia de trazer chá verde, quando eu só tomo preto...

— Mas o sr. ainda póde tomar chá.

— Tomar chá! disse o burguez abrindo os olhos, ao antever ainda essa doce esperança.

— Sim, homem, em Cahide.

— E é verdade, não me tinha lembrado... Assim que lá chegar é a primeira coisa que vou pedir. D'esta vez não me escapa, é já um pouco tarde, mas é o mesmo.

E o burguez conchegava-se a um canto entrando depois n'uma doce somnolencia, embalado pelo movimento do comboio, que seguia sempre a vertiginosa carreira.

Tinha pegado de todo n'um beatifico somno quando foi acordado em sobresalto por João de Sousa.

— O que é? Que foi?

— Chegámos a Cahide.

— Ah!... muito obrigado, já vou. E deitava mão do seu volume n.º 1, para depois se agarrar ao n.º 2 e seguintes.

A viagem d'ahi por diante fazia-se em *diligencia*.

Cá fora, dois carros esperavam os passageiros; um era a *diligencia* de Villa Real, o outro a da Régoa.

João de Sousa passou pelo *restaurant* e já lá encontrou o nosso burguez altercando com um creado; perguntou-lhe se ia para a Régoa ou Villa Real.

—Régoa, meu senhor, Régoa; mas sabe que ainda d'esta vez não posso tomar chá?!...

— E' caso grave, dizia João de Sousa sorrindo-se.

— Grave, sim senhor, isto são uns *restaurantes* de não sei que lhe diga, onde nem chá preto ha! Ora veja o senhor; de maneira que...

— Quem vae para a Régoa? O carro vae partir, gritava o conductor espetado n'umas grandes botas d'agua, jaqueta d'astrakan, *cache-nez* enroscado no pescoço e *bonnet* de pelles.

O burguez foi sentar-se em frente de João de Sousa.

— Então ainda d'esta vez lhe escapou...

— Não me falle n'isso.

— Mas o sr. ainda póde tomar chá.

— O quê? disse o pobre homem já meio desconfiado.

— Sim, em Amarante.

— E é verdade... é já um pouco tarde, mas emfim...

A *diligencia* corria estrada fóra. Dentro os passageiros, illuminados pela debil luz da lampada posta ao fundo, cabeceavam somnolentos, apesar de fortemente sacudidos pelos solavancos do carro.

João de Sousa olhava abstracto a fita da estrada, que fugia no escuro da noite entre as *silhouetes* das arvores que se enxergavam confusamente aos lados.

Sentia-se ao longe o ladrar de cães; pouco depois passavam por uma povoação; pelas frestas das portas, mal unidas, sahiam filetes de luz, antevendo-se o agasalho do lar quente.

Principiavam agora a descer para Amarante. Pela

meia noite atravessavam a villa, passavam a velha ponte, cuja construcção se envolve em lendas, entrando n'uma rua muito estreita. Pararam ao fundo, junto da celebre estalagem da *Capadeira*.

Em volta do carro, protegidas pela sombra da noite, rodavam umas raparigas de belleza *fanée*, envolvidas em andrajos, offerecendo uns sorrisos pallidos, contrafeitos, onde ia muita tristeza e muita miseria.

Entrava-se por uma taberna geralmente cheia de fumo e de cheiro d'azeite fervido. Pela escada, que ficava ao lado, os passageiros iam subindo. Em cima um creado baixote, que era um argumento vivo da origem simiana, com um sorriso, que ainda o tornava mais feio, esperava os hospedes encaminhando-os para a casa de jantar.

Via-se disposta na comprida meza uma boa ceia, onde, no tempo proprio, realçavam os aveludados pecegos.

Todos se sentavam em roda com prazer.

O nosso burguez perguntára logo ao cimo da escada pelo chá,— chá preto, recommendava.

— Sim, senhor, agora vou servir a ceia e depois é um *instantinho*. O sr. não ceia?

—Não, senhor, só tomo chá, não se esqueça d'elle, ouviu?

— Sim, senhor, sim, dizia o criado atravessando com a bojuda terrina cheia da fumegante canja.

Os passageiros moidos da viagem sentiam-se bem diante da reconfortante ceia.

Reinava grande algazarra, especialmente n'um grupo ao fundo, que ouvia com interesse entre gargalhadas da bocca d'um rubicundo padre uma historieta brejeira.

O velho relogio de parede em frente de João de Sousa marcava quasi uma hora. A um canto, muito embrulhado no seu capotão, o bom burguez esperava paciente.

Então sentiu-se na rua a corneta do conductor chamando os passageiros.

O burguez gritou afflicto ao creado.

— Oh! homem, e o meu chá?

— Já vae, senhor, já vae, é um *instantinho*.

Pouco depois apparecia á porta da entrada o conductor dizendo que o carro ia partir.

Os passageiros levantavam-se apressados.

Ao cimo da escada o burguez altercava furioso com o creado que lhe trazia enfim o chá, muito quente, a ferver, quando os passageiros enfiavam escada abaixo.

— Leve isso, homem, para que diabo me serve agora elle, quando o carro vae partir?

E resmungando entrava no carro dizendo para João de Sousa:

— Pois senhor, ainda d'esta vez não fui capaz de tomar chá!

— Pois ainda d'esta vez? Ora essa!

E João de Sousa ria a bom rir do pobre diabo, que vinha do Porto até ali a suspirar pelo desejado liquido sem lhe ser dado saboreal-o.

*

* *

A *diligencia* puxada por duas juntas de bois, com os cavallos presos á portinhola, subia lentamente a serra.

Eram cinco boas horas, a passo de boi, até ao alto. Uma massada.

A chuva tinha cessado e a lua parecia correr apressada abrindo difficilmente caminho entre as nuvens prateadas. A serra era quasi toda coberta d'uma vegetação luxuriante, cheia de velhos castanheiros, enormes, sentindo-se na passagem de longe em longe o ruido de quedas d'agua que se despenhava d'alto, fugindo depois espumante entre as fragas.

Havia muito que subiam, n'um grande silencio, cor-

tado só pelo boieiro animando os bois n'um tom monotono, e dentro o resonar d'um dos passageiros que lembrava a nota profunda d'um rabecão ferida asperamente. Todos, embalados pelo deslizar vagaroso e suave do carro, dormitavam mais ou menos, excepto João de Sousa, que olhava uma casa, perto da estrada, toda de granito pardacento, com dois cactos enormes, esguios como serpentes, aos lados da porta, estendendo-se até ao telhado, onde a lua, dando em cheio, punha uns tons phantasticos.

Principiava a sentir-se um friosinho secco, precursor da manhã.

Um pouco mais acima via-se uma cabana toda coberta de côlmo, como que mettida por baixo d'um enorme penedo, que parecia prestes a desabar sobre ella. Vivia ali uma vélhita que diziam bruxa.

A paisagem tornava-se mais aspera, rareando a vegetação á medida que se approximavam do alto. Um grupo de penedos enormes sustentando-se em difficil equilibrio distinguia-se sobre o terreno pedregoso, e por traz das montanhas, entre as brumas da manhã, via-se um enorme leque de luz afogueada.

Continuavam subindo lentamente.

Já quasi no alto da serra, rompia por fim o sol a custo a neblina.

Chegavam finalmente. Ahi tiravam os bois, para os substituir por cavallos, parando n'uma povoação chamada Quintella, junto d'uma *estalajória*.

Os passageiros saltavam fóra a desentorpecer as pernas da posição contrafeita e respirar o bom ar puro da manhã

João de Sousa admirava a paisagem que era imponente, a belleza selvagem das montanhas.

Muito ao longe, a perder de vista, montanhas e montanhas sobrepondo-se umas ás outras esfumando-se as ultimas n'uns tons levemente azulados; mais perto, lá em baixo, um estreito valle, cheio de lameiros verde-

jantes, cortados por um riacho tortuoso, e ao lado, sobre um cabeço, uma pequena povoação; o valle, o riacho e a povoação, vistos quasi a prumo d'aquella grande altura pareciam lá em baixo microscopicos. Como fundo de quadro a cordilheira do Marão, arida e nua, com as cumiadas ligeiramente tintas de neve, d'onde vinha um frio cortante.

João de Sousa sentiu ao lado um abrir de bocca muito aborrecido; era o burguez que se espreguiçava somnolento, conservando um dos olhos meio cerrado.

— Olá amigo, então que tal? E a respeito de chá?

— Ai, senhor, já fui ali áquella *tabernoria*, mas, qual! Perdi-lhe de todo a esperança.

Os passageiros entravam para o carro.

Começava a descida vertiginosa. Aquella parte da serra era mais arida, coberta só aqui e além de grandes manchas de pinhal. Mais adiante, passado *Mezão-Frio*, o aspecto mudava, sempre montanhoso, mas tudo coberto de vinhêdo; entrava-se em pleno paiz vinhateiro do Douro.

A descida continuava até á pequena povoação da Rede, com os seus frondosissimos pomares de laranja; depois a estrada seguia a margem direita do rio Douro, barrento e caudaloso.

N'uma curva da estrada avistava-se emfim a Régoa, preguiçosamente estendida na encosta, com as casas muito brancas que em baixo o Douro quasi vinha lamber.

Chegaram á Régoa das oito para as nove horas.

Ao apearem-se da *diligencia* o burguez voltou-se para João de Sousa e com um sorrir feliz disse-lhe:

— Ora até que emfim vou tomar chá!... Sim, meu senhor, eu sou de Freixo-de-Espada-á-Cinta, onde fica ás suas ordens o Barnabé dos Anjos; hoje demoro-me aqui, e ámanhã sigo para a *terrinha*. Ora pois, estimei conhecel-o, e... *saúdinha*. Vou-me ao chá, agora não me escapa, é um pouco tarde, mas... vale mais tarde que nunca.

V

Irmã da Caridade

Irmãs da Caridade! A caridade
Tem só duas irmãs: a Fé e a Esperança.
Não traja as côres só d'uma irmandade,
Traja as côres do Arco-da-alliança.
.....
João de Deus.

Adeus, menino, adeus. Dá lá um abraço na nossa *Velha*,» dizia eu abraçando meu irmão.

Tinham já soado tres badaladas e um empregado, ao longo do comboio, ia fechando as portas das carruagens com grande força.

Subi á pressa. O silvo rouco da locomotiva fendeu os ares; ella, resfolegando, como gigante aspirando o ar a plenos pulmões, poz em movimento a grande massa.

Da janella da carruagem eu seguia com a vista o vulto de meu irmão, que se ia tornando cada vez menos distincto até o perder de todo, confundido na multidão que abandonava a *gare*.

Entravamos n'um tunnel; e eu, mal humorado, cheio

da saudade dos que me são caros, instalei-me a um canto.

Passado o tunnel, o comboio entrou no ridente valle de Jugueiros.

Era um dia de outomno formosissimo.

Relanceei então a vista pelos meus companheiros de viagem. Na frente, um bom burguez com a cara emmoldurada por uma barbinha de *passapiolho*, lia com attenção o seu *Primeiro de Janeiro*. No canto, diagonalmente opposto ao meu, duas irmãs da caridade, muito graves, immoveis, com as suas toucas muito engommadas, lembravam duas estatuas de *biscuit*.

Uma d'ellas, a mais edosa, tinha um typo trivial, um pouco nutrida, com um tom pallido de cêra. A outra, nova ainda, d'uma belleza rara, mas um tanto fatigada pelas longas vigilias, ou talvez por qualquer soffrimento moral que lhe minava a existencia, causando as rugas prematuras que lhe cavavam a tez assetinada, tinha o typo hollandez, rosto redondo, muito loira, olhos azues com largas pestanas e um rosa desmaiado nas faces. Era de pequena estatura, e mesmo atravez das roupagens negras do habito sentiam-se, adivinhavam-se umas fórmas admiraveis, perfeitas. Sustentava na mão fina, aristocratica, um livro, que seguia com vivo interesse.

A pouco e pouco a attenção se me prendia n'aquelle rosto suave e fatigado: parecia-me que eu tinha visto n'outro tempo, em qualquer parte, um outro que me lembrava aquelle.

Fixando sempre a irmã de caridade inclinada sobre o livro, reconheci emfim que me não enganava, e que ella era simplesmente Henriqueta d'Aguiar.

Que grande tristeza se apoderou então de mim!

*
* *

O pae de Henriqueta era um bom velho que eu venerava, para casa de quem ia passar dias e dias, interessando-me sempre a descripção que elle fazia, com bellos coloridos, das suas viagens, em conversas longas, d'inverno, ao fogão.

Parecia-me vêl-o contar, com as lagrimas nos olhos, como um dia a filha fugira com uns padres francezes para Paris, a tornar-se irmã de caridade!

— Vê tu, me dizia elle, antes Deus m'a tivesse levado! Com que cuidados acalentei no seio aquella vibora! Tu sabes. Em pequenina perdeu a mãe, eu levava horas e horas ao lado d'ella, não confiando de ninguem a loira creança, que me fazia lembrar a outra, o pobre anjo que lá no céo nos estava vendo a ambos.

«Mais tarde, quando lhe proporcionei educação, em tudo pensei para a fazer um ente perfeito, e ella, com o punhal da ingratidão, cavou no meu coração larga e incuravel ferida: fugiu, como quem commette um crime, para esses padres que m'a roubaram para sempre! Ah! como eu os odeio, a partir d'esse dia!

«Para ahi fiquei só no mundo, inteiramente abandonado dos meus.

— Mas tem ainda seu filho, lhe dizia eu.

— Não, não, esse está já eivado do grande mal; não o mostra, talvez por dó de mim, mas, crê, por minha morte ha de ser um jesuita. Um jesuita! me dizia elle com os olhos muito abertos, dando tratos a uma grande pêra grisalha e passando depois nervosamente a mão pela fronte angustiada.

E o meu pobre amigo não se enganou, não.

Henriqueta levantou os olhos do livro e fixou-os em mim; esteve assim algum tempo. Pareceu-me que

pelo seu pensamento passava uma recordação, o rosto tingiu-se d'um leve rubôr: foi rapida porém a commoção; desviou de mim a vista, retomou aquella frieza de marmore e continuou parecendo seguir a leitura interrompida.

Eu seguia tambem as minhas recordações.

*
* *

Tinhamos chegado a uma das estações marginaes do caminho de ferro do Douro.

As duas «irmãs da caridade» ergueram-se como tocadas por uma mola.

Henriqueta ao levantar-se fixou em mim os seus formosissimos olhos; depois as duas sahiram como dois automatos.

Debrucei-me á janella.

A paisagem era encantadora e originalissima.

O Douro com as aguas sempre turvas corria em baixo revolto, caudaloso, apertado entre as margens escarpadas.

Do outro lado um carreiro em zigzag cortava difficilmente a encosta até ao alto.

Ao fundo do carreiro, junto á areia da margem, um homem com dois machitos esperava as «irmãs da caridade,» que, com difficuldade, uma atraz da outra iam descendo para a beira do rio. Em baixo lentamente atravessava a barca que havia de as passar ao outro lado.

Junto do rio, espalhados aqui e além, penêdos enormes de fórmas caprichosas. A margem fronteira coberta de frondosissimos castanheiros e muito pinhal sombreando o alto das encostas. Traços de vinhedo sobrepostos em socalcos; e espreitando através do arvorêdo uma ou outra casita. Muito no alto, a distancia,

montanhas escalvadas, e depois... uma estreita nesga d'um azul puro.

N'uma curva do rio, sobre um outeiro, destacava-se uma pequena povoação, toda garrida, com as casas muito juntas, mirando-se nas aguas turvas do Douro.

O comboio seguia sobre despenhadeiros medonhos.

Eu enxergava ainda os dois vultos negros que iam chegando á margem.

Pelo rio acima, com a larga vela enfunada, subia a custo um *ponto*[1], todo carregado de pipas, um barco *rabello*. Pela margem de lá os barqueiros, com a pelle tisnada, onde sobresahia a alvura do linho da camisa e das bragas, encarrapitados nos penêdos, ajudavam da terra tirando o barco á sirga.

De repente o comboio entrou n'um tunnel, e tudo desappareceu.

O meu companheiro de viagem puzera de lado o *Primeiro de Janeiro* dizendo-me:

— *Entom* o sr. vae até ao *Puârto?*

Era do Minho o homem.

— Vou sim senhor, e o senhor provavelmente tambem vae, respondi mal humorado; e accendi um charuto.

(1) Especie de Cachoeira.

VI

Ao soalheiro

No alto ficava a capellita, com as paredes muito caiadas, batendo-lhe em cheio o esplendido sol d'um dia d'abril.

Na frente a *lameira*, com o seu tapete verde, d'uma relva curta e raza. No fundo uma velha estrada, perdendo-se mais longe, aos torcicollos, entre as vinhas. N'uma das curvas da estrada, isolada, uma nova cerejeira mostrava as suas folhas novas, muito luzentes, como setim; depois desdobravam-se os campos, matizados aqui e além por pequeninas flôres de côr variegadas. Pouco distante, a aldeia com as casas pardacentas, espreitava por entre a folhagem do arvoredo. Ao longe uma grande fita de pinhal distinguia-se indistinctamente, na sua massa escura, d'um verde sombrio; depois a serra escalvada com uns tons violeta e azul, e as cumiadas ainda le-

vemente tintas de neve. Da aldeia, uma calçada, de lages largas, levava á fonte; junto d'esta havia um pequeno regato, onde as raparigas lavavam as roupas. O ribeiro, bordado de salgueiros, tomava mais largura n'aquelle ponto, e as aguas, reprezas por umas fragas que havia mais abaixo, mostravam-se quietas e tranquillas, espelhando pequenas nuvens brancas, que fugiam apressadas, tocadas do nordeste.

Na pequena ponte, que atravessava o ribeiro, passavam pachorrentamente dois bois, seguidos por um garotito, de grande aguilhada ao hombro, descalço, a camisa aberta no peito, sahindo-lhe por baixo das abas do chapeu de palha o cabello muito ruivo. Um bando de patos, em carreiro, uns atraz dos outros, sahia da aldeia, caminho do ribeiro.

Chovêra de manhã. Respirava-se um ar puro e bom. O verde dos prados, das arvores, tinha um tom fresco e viçoso. Junto da capellita, abrigado do nordeste, havia um banco de pedra; era ali que as velhotas da aldeia vinham tomar o sol, fiar na sua roca e desfiar nas vidas alheias.

*
* *

N'essa tarde havia só quatro mulheres no banco da capella.

Uma d'ellas, a tia Gertrudes, d'olhos orlados de vermelho, pequeninos, d'um pardo desbotado, deixára cahir o fuso da mão e seguia com a vista uma rapariga de fórmas opulentamente desenvolvidas, que, a pouca distancia, de borrifador em punho, regava umas meadas estendidas na relva.

— Vê lá, Maria, olha que as da borda ainda não levaram agua.

— Ora, sabe que mais, tia, farta de as molhar estou eu.

— **Faz-me o trabalho bem feito, e não me cantes.**

A rapariga olhou de revez para a velha e continuou de má vontade o seu serviço.

Sentada em baixo, no chão, uma das mulheres, de cabellos espalhados, deixava-se catar minuciosamente por uma das velhotas.

— Sabe, sr.ª Gregoria, que não se póde dizer nada a estas não sei que lhes diga d'hoje em dia, dizia a Gertrudes.

— Isto até *afleige* a gente, sr.ª Gertrudes. Na minha mocidade não era assim, não. E' verdade, mal sabe vocemecê quem eu vi hontem na villa; a Mathilde, toda preparada, muito bem repimpada n'uma carroagem, com um fidalgóte ao lado, um diabo feio e gordo, que parecia um suino.

— Que me diz? A Mathilde! aquella piolhosa que andava por ahi a pedir em pequena pelas feiras, rôta e suja que mettia nôjo!

— Nem mais nem menos. Pois olhe que, se a visse, benzia-se, aquillo é que ia, toda lépida que parecia uma rainha. Pelos modos vinha das aguas, do Vidago ou das Pedras, e ia para o Porto com o tal figurão. Ai! quem te viu e quem te vê!

— Voltas que dá o mundo, sr.ª Gregoria, uns sobem e outros descem.

— A'quellas alturas não queria eu que coisa minha subisse, aquillo é senhorita de contrabando.

— Sae á mãe, olhe do leito da Leonor...

— Passa-lhe o leito, dizia a outra com modos sacudidos, todos nós sabemos o que era aquella *praça*.

— Pois o *bebedana* do marido bem lhe *assentava os malhaes* quando estava com a *turca*. Olhe que ha homens, sr.ª Gertrudes, que parece que lhes púzeram os santos oleos cá de longe com uma canna! Benza-te Deus!

— Ninguem foge á sina, sr.ª Gregoria.

— Pois não foge não, assim é que é.

— E olhe que, em não estando bebado, era trabalhador.

— Pois era, era, mas que quer? o que fazia com as mãos desfazia com os pés.

De repente, uma das velhotas, calada até ali, levantou a cabeça e disse:

— Quem lhe sabe da *chrolica*, sou eu, que m'a contou hontem o Zé da Luiza, chegado do Porto, onde esteve ao serviço de soldado. Pelos modos conheceu-a na cidade.

— Conte lá sr.ª Engracia, diziam as duas, ávidas de novidades.

Então a Engracia, tomando uns ares importantes, passou a contar, pouco mais ou menos, a seguinte historia, tristemente vulgar.

*
* *

Um dia, a Leonor, farta dos maus tratos do marido fugiu para o Porto, com um carpinteiro da villa proxima, levando comsigo a filha, que teria uns onze annos.

Foram viver para uma *ilha*.

Ao principio correu feliz e tranquilla a vida para os tres, porém, passado um anno, o carpinteiro deu em vir para casa muito bebado, fóra d'horas.

Quando elle entrava, d'olhar estupido, a face turva, cambaleando, Mathilde punha-se a tremer muito encolhida na sua camasita estreita.

Então o bebado fazia saltar bruscamente da cama a pequenita a tiritar de medo e frio, e obrigava-a a dançar no meio da casa. A pequenita em camisa, mostrando o corpito muito branco, franzino saltava sempre com uns movimentos compassados, de automato, a face pallida, enfiada, os olhitos muito abertos, evitando os pontapés do bebado, que ria, ria, chamando-lhe nomes feios.

A Leonor revoltára-se a principio contra esta scena brutal, mas o amante dera-lhe uma sóva tão valente, que ella ficára de cama.

A pequenita dissera então á mãe:

— Não lhe diga nada quando elle vier assim, gosta de me vêr saltar? deixe-o.

Depois d'isso quasi todas as noites ella pulava, pulava sempre, até que o bebado com um sorriso feliz lhe dizia:

— Basta, grande cabra, gira para o curral.

Mathilde enfiava logo pela cama dentro, cançada, cheia de medo, sustendo as lagrimas.

*
* *

Passaram quatro annos. A Leonor dava agora em bebada, como o amante. A Mathilde passava os dias quasi sempre só, comendo muita vez, tarde e a más horas, o que lhe dava uma visinha por dó da rapariga.

Altas horas da noite entravam os dois, bebados, a cahir. Muitas vezes nem tempo tinham de chegar á cama. Ficavam-se estirados no pavimento, roncando como porcos, chafurdando na immundicie dos vomitos.

A Mathilde era por fim mulher; adoravel, com os cabellos d'um louro dourado, olhos d'um azul profundo como o ceu peninsular, esbelta, elegante, bem feita, com as fórmas a desabrochar em curvas suaves.

Uma noite o amante da Leonor não entrou. De manhã cedo foram dar com elle estatelado á entrada da *ilha*. Tropeçára nos degraus do portado do pequeno pateo commum, e batera com a cabeça desamparada nas lages.

Estava morto.

A Leonor continuava a embebedar-se agora só. Ma-

thilde ganhava o seu salario como costureira, que a mãe lhe bebia todo em aguardente.

Um dia a Leonor vendeu a filha a um brasileiro ricasso. Levou-a comsigo enganada a um antro qualquer, recebeu o preço e entregou a rapariga.

Mathilde quiz revoltar-se contra a infamia horrenda. O brasileiro era feio, gordo, baixo, lembrando um sapo; mas, no seu intimo, ella pensou comsigo: Com este ou com outro, tinha de ser.

Depois o brasileiro punha-lhe casa e coupé, era muito melhor essa vida do que aturar a mãe sempre embriagada, e os dias sem jantar, com a tortura da fome.

Quando à mãe a ia vêr, Mathilde dava-lhe dinheiro, e Leonor continuava ininterruptamente a sua vida de bebeda, até que foi morrer ao hospital de *dilirium tremens*, dançando constantemente, com a razão perdida, em visões horrorosas.

Mathilde ouviu indifferente a noticia da morte da mãe; no dia seguinte partiu com o brasileiro para as Pedras Salgadas.

Era de volta d'ali que a Gregoria a tinha visto.

*
* *

Na egreja da aldeia soavam tres badaladas. Era meio dia. Cobria o sol uma nuvem côr de chumbo, com as bordas muito brilhantes, d'um prateado vivo. A paisagem ficára quasi toda na sombra, pardacenta; ao longe uma nesga de sol fazia realçar uma tira estreita com um tom de luz dourado.

As velhotas levantavam-se, eram horas do jantar. Só a Gertrudes, pensativa, ficava contemplando as opulentas fórmas da sobrinha, esbelta e airosa, que continuava borrifando as meadas, e, de si para si, ella dizia comsigo: Ai! se tu tivesses a sorte da Mathilde!

VII

Os inglezes

Ao longe, entre nuvens de poeira, avistava-se gente e ouvia-se indistinctamente o som de instrumentos, cortado pela pancada secca e compassada do zabumba. Aquelles sons confusos vinham subindo pouco a pouco n'um grande *crescendo*. Era o rancho da Quinta do Eirô com a competente esturdia. Tinham principiado as vindimas. A garotada em grande algazarra enfiava em desordem pela estrada fóra, sahindo-lhe ao encontro. D'ahi a pouco entrava tudo de roldão no vasto terreiro, e á varanda, de balaustres de pedra, assomavam os inglezes que ali tinham chegado de manhã. Por traz d'elles via-se um velhote, de ventre proeminente, olhar bondoso, sorriso prasenteiro, a face nedia, cuidadosamente barbeada; era o dono da casa, o sr. Domingos Gonçalves, commissario dos inglezes e lavra-

dor abastado que comprara a Quinta do Eirô a um fidalgote arruinado.

Em baixo, os homens, de calças brancas, grossos sapatos ferrados, em mangas de camisa, jaquetas a tiracollo apertadas no peito pelas mangas, as faces afogueadas, cobertos de suor, debatiam-se furiosos, alinhados em duas alas paralellas, dando uns saltos grotescos, n'uma dança de selvagens.

Atraz, muito direitos e graves, vinham os tocadores; um rabequista que desenvolvia em variações endiabradas, ás cabriolas dos agudos para os graves, a *chula* da Campeã, o da violla e o da guitarra seguindo n'um acompanhamento espaventoso, secundados fortemente pelo dos ferrinhos, e o do zabumba fazendo prodigios ao julgar-se admirado pelos de cima.

O cantador, n'uma voz esganiçada, de falsête, entoava uma cantiga. Os dançantes redobravam d'ardor nos pulos bestiaes, com gestos alváres. Em desordem seguiam depois as mulheres com os seus trajes escuros, de serranas, e trouxas de roupa á cabeça; eram quasi todas de feições grosseiras, destacando raramente um ou outro rosto mimoso. Em cima, na varanda, a ingleza, secca e direita como uma taboa, loura como as estrigas, commentava:

—Oh! yes, muita original!

O rancho e a esturdia seguiam caminho das *cardênhas*.

*
* *

No escriptorío do sr. Domingos Gonçalves estava ao meio da casa o mais velho dos inglezes, o sr. Richards; gordo, de suissas brancas, que destacavam na face avermelhada, olhos pequenos, esbranquiçados, sem côr definida.

Respondia invariavelmente aos lavradores que, um por um, lhe vinham offerecer os vinhos:

—Mim não dar mais de trinta e nove mil réis por vinhos tintos e dez soberanas por vinhos brancos.

O lavrador demonstrava longamente que, por taes preços, pouco lhe sobejaria das despezas do custeio.

—Veja v. ex.ª; o enxofre, o sulphureto, os adubos; fóra cava, rédra, erguida, vindima, despezas extraordinarias etc., etc... E as contribuições?!

— Yes, sr. lavrador; mim não poder dar mais.

—Veja bem v. ex.ª que de anno para anno a producção diminue, o phyloxera vae destruindo assustadoramente, parece que o preço devia augmentar...

— Oh! mim não discutir com sr. lavrador, dizia pausadamente, com uma voz aflautada, sr. lavrador estar para vender, mim para comprar. Não convir a vossemecê, mim não comprar; yes.

—Trinta e nove mil réis pelo tinto e dez libras pelo branco!... dez libras!

—Ainda o anno passado v. ex.ª me pagou o branco a cincoenta mil réis. Veja bem, sr. Richards; demais o pagamento é feito em tres prazos, como de costume. Se o phyloxera continua a devastar, como este anno, vejo-lhe geitos de ser o ultimo vinho que me compra. Por um lado o terrivel flagello, por outro uns preços desanimadores, é caminharmos para a ruina total.

— Oh! estar preços rasoaveis; mas não convem a sr. lavrador, sr. lavrador não vende, yes...

Pallido, torcendo o chapeu entre as mãos, o lavrador olhava tristemente o inglez. E este, n'uma grande tranquillidade, dando voltas aos berloques da cadeia, contemplava, atravez da janella, a paisagem montanhosa que se desenrolava em frente, n'um esplendido banho de luz.

Pensava então comsigo mesmo o lavrador que, se este inglez lhe offerecia aquelle preço, os outros não

lhe dariam por certo mais; e os filhitos e a mulher lá estavam em casa a precisarem de pão, era forçoso resignar-se.

— Então v. ex.ª não quer dar mais? E' tão pouco!

—Mim não dar mais. Repetia indifferente na sua linguagem de preto.

—Pois... é seu o vinho, dizia o outro n'um triste desespero.

—Muito bem, darei minhas ordens; e tomava apontamentos na volumosa carteira.

O lavrador sahia cabisbaixo.

.....

A' porta do escriptorio apparecia a physionomia risonha de Domingos Gonçalves.

—Então vamos jantar?

— Yes, jantar; mim estar muita bem disposto, dizia o inglez com um sorriso satisfeito.

*
* *

No topo da vasta mesa presidia ao jantar a sr.ª D. Esmenia, a esposa do sr. Gonçalves, transmontana ainda fresca, de boa côr rosada, respirando aquelle tom de saude que dá o ar fino que vem das serras. Formava um perfeito contraste com a sua visinha a ingleza, secca e chupada, a face pallida, direita e grave, sorrindo levemente, como um automato, ás amabilidades da dona da casa.

O sr. Domingos Gonçalves fizera convites: o prior, o filho d'um brazileiro, o boticario etc., etc.

Corria tudo animadamente.

D. Esmenia dava as suas ordens a dois latagões altos, contrafeitos n'umas casacas pretas e gravatas brancas, que as executavam pressurosos; eram dois

caiadores da povoação proxima transformados em criados de mesa, entidades constantes e indispensaveis em todos os jantares de tom dos arredores.

Os inglezes eram quatro, o sr. Richards, a esposa e um filho, rapaz dos seus vinte e cinco annos, e acompanhava, como *touriste*, a familia Richards um outro inglez que fazia pela primeira vez em Portugal uma viagem de recreio; não percebendo nada de portuguez conservava-se serio e indifferente no meio da animação geral.

—Oh! João, dizia D. Esmenia a um dos latagões, leve esse leitão ali ao sr. prior para trinchar, elle é entendedor. Tenha paciencia padre Manoel.

— Sempre ás ordens, minha senhora, ordens de v. ex.ª cumprem-se sempre com agrado e estas especialmente.

O padre levantava-se dispondo-se para atacar com pericia o difficil trabalho.

—Ande lá, do peru me encarrego eu, e tu Gonçalves, vae cortando essa perna de vitella.

O filho do brazileiro, todo almiscarado, dizia para o visinho, o filho do sr. Richards, que em Portugal se comia bem.

—Yes, estar pórtuguises bons comedores, concordava elle plenamente.

Ia terminando o jantar, entravam na sobre-mesa, faziam-se saudes.

O priôr deliciava-se gulosamente com um pastel de Villa Real; a ingleza já não tinha a face pallida e aos tres inglezes, serios e graves, parecia que o sangue lhes queria rebentar por baixo da cutis polida.

A ingleza e D. Esmenia levantaram-se e passaram á sala proxima, onde lhes era servido o café.

Immediatamente houve nos inglezes, uma transformação completa; tornavam-se communicativos, punham-se á vontade. O sr. Richards pedia mais vinho, do de trinta e quatro, ser muito bom vinho, dizia elle.

O filho perguntava ao visinho que taes eram as pequenas do sitio.

—Nada de geito—respondia o filho do brazileiro, como entendedor—e alguma coisita melhor leva muito tempo a domar.

—Domar! estar boa palavra essa, domar, yes. E ria satisfeito.

O *touriste* saboreava uns atraz dos outros os calices de vinho, contemplando atravez da janella fronteira o bello tom de purpura do poente.

Ia anoitecendo, os creados traziam serpentinas com luzes.

—Gostou da linha ferrea, sr. Richards? interrogou o boticario.

—Oh! yes, muita pittoresca, mas viagem incommoda.

—Sim? porque?

—Eu lhe conto. Mais trinta e quatro, sr. Gonçalves. Nós ir a todo o vapor, mim olhar margens de rio, very encantador, yes; entam... mim ouvir apitar outro comboia, ficar aterrado; espreitar atravez da portinhola, outro comboia vir fumegando a toda vapor contra nós. Oh! ficar seriamente atrapalhado, yes.

Entam... mim berrar, berrar! Ninguem ouvir. Nosso comboia, rallentar andamento e parar pouco depois. Entam... mim sahir rapidamente, estar estribo de carruagem muito alto, mim não calcular com precipitação de fuga, yes; entam... mim rolar a todo comprimento talud a baixo, parar n'um rego da agua, entrar agua por minha cabeça e sahir por meus pés.

—Ora essa! dizia o boticario rindo ás gargalhadas.

—Oh! não estar muita para rir.

—Sim, o sr. não devia ter muita vontade de rir, não. Mas explique lá, como foi isso, houve choque?

—Non choque. Havia grande peneda sobre a linha, outra comboia, vir para trasbordo de passageiros.

—E depois?

—Entam... mim passar a outro comboia, tirar roupa de mala, despir toda minha roupa molhada.

—N'esse caso ficou nú!

—Yes, inteiramente nú. Vestir roupa nova e ficar muita bem.

—Pois senhores é original, dizia o priôr saboreando um segundo pastel e terceiro calix de vinho.

O *touriste* ressonava enterrado na cadeira, a face congestionada; o sr. Richards pedia mais vinho, do de trinta e quatro, e o filho, muito bebedo, dava murros em cima da mesa, dizendo que não havia em todo o orbe homens, como os inglezes.

O *touriste* acabara por escorregar e cahir para baixo da mesa.

*
* *

Era noite havia muito.

As salas, brilhantemente illuminadas, enchiam-se de damas e cavalheiros. O boticario sentado ao piano martellava uma polka, os pares redomoinhavam contentes, as mamãs, solidas matronas, cochichavam entre si, sentadas ao longo das paredes, e seguiam com o olhar satisfeito as filhas no seu parecer tão gentis.

No escuro d'uma das portas espreitavam curiosas as cabeças das creadas.

N'outra sala, uns velhotes jogavam o voltarete, rodeados d'outros que, rubicundos, discutiam as asneiras dos jogadores, com grande arrelia dos mesmos.

No gabinete contiguo, ao centro, de pé, o filho do sr. Richards, com uns vagos fumos ainda da bebedeira ultima, desafiava os circumstantes um por um á luta braço a braço.

—Oh! mim vencer todos Pórtuguizes, dizia no meio

da casa, de pernas abertas, o olhar insolente, victorioso. Pórtuguizes não preste para nada.

Todos se voltaram então para um homem de cincoenta annos que fumava pachorrento no seu cachimbo a um canto do sofá.

— Oh! Fonsêca, entre-me com elle, vá lá você, ande... diziam todos.

—Nada, não sr., isto já não vale nada, foi tempo, foi tempo!...

— Ora adeus, salte para o meio da casa, e puxavam-lhe pelos braços e levantavam-n'o á força.

—Emfim vá lá, mas olhem que já não presto para nada.

Era um homem de estatura mediana, hombros largos, magnificos olhos pretos, muito moreno, comprida barba grisalha. Contavam-se d'elle casos extraordinarios de força.

—Oh! sr. Fonsêca quer luta comigo? Estar homem vencido.

—Vamos lá a ver isso.

E o Fonsêca estreitava contra o largo peito o filho d'Albion.

— Olhe lá, sr. inglez, escolha a tabua.

—Escolha taboa? para quê?

—A taboa onde quer cair.

— Oh! dizia indignado o inglez, unindo-se bem com o adversario. Fonsêca porém abarcára o corpo musculoso do inglez, e, torcendo-o entre os braços robustos, como se fôra um vime, estatelava no meio do chão, entre uma gargalhada geral, o adversario que, de barriga para o ar, o olhava estupefacto, d'olhos muito abertos.

—Assim é que elles se ensinam, meu *bife*, resmungava o Fonsêca indo de novo sentar-se pachorrento ao canto do sofá.

VIII

O Farófia

VAGAROSAMENTE subiam a passo a ingreme ladeira duas carroças. Ouvia-se o chocalhar compassado das campainhas das mulas, e, de quando em quando, os gritos dos arrieiros animando o gado.

Lá muito em baixo estendia-se o valle, verde, frondoso, salpicado de pequenos casaes brancos. O terreno torneava o campo em ondulações bruscas, fechando depois em semicirculo, cortado abruptamente, deixando ver ao largo, por essa abertura, uma nesga de mar, prateado, onde davam em cheio os raios fulgurantes do sol, como n'um espelho immenso, deslumbrante de luz.

N'uma das carroças viam-se bahús, malas, bastidores, caixotes, uma trapalhada de cousas; na outra, homens, mulheres, creanças, tudo á mistura, como

fardos, apertados uns contra os outros. Entre o grupo um velho de cabellos grisalhos, cara rapada, olhar amortecido, sustinha nos braços uma criancita de tres annos, que dormia placidamente. O velho tinha a physionomia attrahente, distincta e grave das velhas imagens; parecia conservar-se n'uma grande abstracção, longe de tudo o que o cercava.

Tinham chegado ao alto da encosta, pararam para dar descanço ás mulas.

— Oh! Farófia, disse um, magro e alto, esguio como um i, que fundo para uma bella magica! E além no córte, destacando n'um tom esbrazeado, o mar transformado em lago de fogo, tu, vestido de diabo, de tridente em punho, espicaçando os comdemnados, que se despenhariam, contorcendo-se n'uma suprema angustia nas profundas dos infernos! Hein? que dizes?

O Farófia, o velho que aconchegava a criancita, teve um sorriso pallido, e continuou mergulhado no profundo scismar.

Ao lado, as acácias da estrada, com as suas flores em cachos de marfim, espalhavam um aroma penetrante.

A estrada seguia agora em declive suave para uma povoação, da qual se avistava já a casaria por entre o arvoredo frondoso, cujas copas o sol poente pulverisava d'ouro. No meio dos telhados, em alguma claraboia, os raios do sol punham um facho incendiado, como brazeiro enorme e faiscante.

O Farofia não tirava os olhos da povoação em frente, que a pouco a pouco se ia desenhando nitidamente; e duas lagrimas, silenciosas, lhe deslisavam pela face, cançada e gasta, indo cahir sobre a criancita que, sorrindo, dormia socegada, talvez sonhando um sonho alegre.

*

* *

O Farófia era o jocoso da companhia, fazia rir o publico em gargalhada franca, mal apparecia no palco. Chamavam-lhe o Farófia, porque tinha sempre, mesmo na conversação intima, um estylo faceto, uma forma sua e engraçada de dizer, á mistura com uma extraordinaria collecção de historietas, que trazia a proposito de qualquer caso.

Havia muito porem que parecia outro, triste, sorumbatico, ninguem lhe arrancava uma palavra.

N'aquella mesma terra, onde ia chegando a *troupe* dos comediantes, annos antes, dera-se o facto, origem e causa de todos os desgostos do velho actor. Tinha então uma filha que era todo o seu encanto, todo o seu orgulho. A rapariga teria uns dezaseis annos, fazia as ingenuas. Era d'uma belleza provocante, d'uma estatura fina, bem lançada, olhos escuros, sorriso voluptuoso, pairando n'uns labios um tanto grossos, que ella mordia quasi sempre, nervosamente, por habito.

A belleza da filha do Farófia deu nas vistas a um capitão de cavallaria. O D. Juan metteu hombros á empreza da conquista da fascinadora beldade.

Uma noite em que a *troupe* dos comediantes partia para outra terra, o pobre velho soffreu o profundo golpe de se vêr abandonado da filha, ingrata, que fugira para longe com o seductor. Elle ficara como que meio aparvalhado ao darem-lhe a triste nova. Afastara-se então de todos, escondendo a vergonha da sua deshonra. Soffreu muito, atrozmente e, apesar de tudo, no seu coração bom, gotejante da ferida profunda, que a filha lhe fizera, havia sempre uma dolorosa saudade, que se traduzia n'uma immutavel e concentrada tristeza.

Era comtudo curioso de ver, como a face do velho

sempre triste, se transformava, facil, rapidamente, tomando o expressão grotesca do histrião, ao passar dos bastidores para o palco.

Um dia, havia quasi tres annos que a filha o deixara, estava com a sua *troupe* n'uma villa de provincia, quando lhe foram dizer que uma mulher, com uma criancita ao collo, pedia para lhe fallar.

O Farofia mandou entrar.

No pequeno aposento, fracamente illuminado pelo sol doentio d'um dia d'inverno, entrou de repente um vulto que, entre soluços, lhe foi cahir aos pés. Era a filha que o amante abandonara emfim com uma criancita, fruto d'aquelles amores.

Foi uma scena de lagrimas.

O pae, cheio de amor, benevolente, perdoou D'ahi por diante pareceu voltar a alegria á face do velho. Passava horas e horas a comtemplar a netasita, com quem brincava como se elle mesmo fosse tambem criança.

Uma cousa o preoccupava. Sentia fugir-lhe a saude, passava noites sem dormir, e experimentava uma ancieidade, uma dôr aguda sobre o coração, pensando que um dia faltaria á filha e á netinha querida!...

*

* *

Uma noite, no pequeno theatro da villa, que regorgitava de gente, a companhia fazia a estreia com o *Chicot*, comedia em quatro actos, em que o Farófia era inexcedivel. Sentado no camarim, com a netasita nos braços, o seu fato de guizos, uma corcunda enorme, elle esperava pelo seu momento d'entrar em scena.

O contra-regra veio chamal-o. O Farófia collocou com cuidado a criancita adormecida a um canto, so-

bre uma pouca de roupa, e partiu para junto do bastidor, por onde devia fazer a entrada.

Entrou trauteando uma cançoneta brejeira; mas, de repente, a voz estacou-lhe na garganta, pareceu cambalear, e principiou a dizer palavras sem nexo, alheio ao que representava, não fazendo caso do papel, que o ponto lhe repetia furioso do buraco.

Na plateia rompia a pateada; o Farófia parecia não a ouvir, ficára parado no meio do palco, não tirando os olhos de um ponto fixo. Dos actores já ninguem se entendia, e a pateada crescia sempre, ameaçadora.

As faces do Farófia estavam medonhas, injectadas de sangue, os olhos parecendo estalar fóra das orbitas. E, elle continuava fixando alguem, tornando-se-lhe a face côr de violeta; depois, como que crescendo para esse ente, que tão extraordinariamente o impressionára, elle teve um grito rouco, enorme, e vociferou: Ah! infame!...

Em seguida cahia redondamente morto para o lado.

.....

A' frente da pateada campeava intrepido o capitão de cavallaria.

Acordára no camarim a pequenita, e, sorrindo, ameigava carinhosamente uma boneca de trapos.

IX

O ultimo enforcado em Bragança

No ceu ennevoado, um branco sujo esbatia-se sereno, com uns tons carregados, de chumbo. Estava um frio cortante. As arvores, despidas da folhagem, mostravam negros e humidos, os galhos nús. A paisagem montanhosa tinha o aspecto triste e pesado d'um dia de inverno.

Junto da velha estrada, escorregadia e endurecida pelo códo, via-se uma pequena casa de pobre apparencia; era uma taverna. Sahiam de dentro dois caminhantes, um soldado e um paizano, e seguiam estrada fóra.

Na meia luz do interior da casita, viam-se, perto da porta, duas creanças semi-núas, muito sujas, com as barrigas proeminentes, d'aspecto pallido e doentio, roendo com os dentes muito brancos umas côdeas ne-

gras de pão de centeio e seguindo vagamente com a vista os viandantes, que dobravam já o cotovello da estrada.

Sigamos nós com elles.

— Sempre está um *barbeirinho* frio, como todos os diabos, oh! camarada.

— Não admira, é tempo, está o Natal á porta.

— Sem querer ser confiado, V. M.cê para onde vae?

— Para o Pinheiro Velho, vou lá passar tres dias de licença.

— Ah! sim? estamos perto, eu sigo para mais longe. Mas como é que o camarada vem passar o Natal ao Pinheiro não sendo d'estes sitios, creio eu?

Não era; elle era de Bragança. E, muito communicativo, puxado por uma pontita de vinho, que acabava de beber, foi desfiando a sua vida toda. Como conhecera a Michelina, a rapariga mais gentil d'aquelles sitios; e d'ahi como se namoraram, mais isto e mais aquillo, deixando antever satisfeito que Michelina era hoje sua amante. Mas, accrescentava logo, apenas termine o tempo de soldado, caso com ella, assim lh'o prometti.

Ao passo que o soldado fallava animadamente dos seus ardentes amores, o paisano empallidecia fortemente, caminhando n'um silencio concentrado.

Seguiram calados algum tempo ao lado um do outro

Principiava a anoitecer.

Em baixo, no fundo da encosta, distinguiam-se as primeiras casas do Pinheiro Velho, sahindo das largas chaminés tenues columnas de fumo azulado, que se inclinava obliquamente ao ventinho rijo, que soprava do nordeste.

Chegavam os dois a uma encrusilhada.

— Então adeus, camarada, V. M.ce toma por ahi, e eu sigo o meu caminho.

— Pois *adeusinho* e *saudinha;* se um dia fôr a Bra-

gança procure o José Jorge, soldado de caçadores n.º 3.

E separaram-se.

*
* *

Tinham decorrido tres dias sem que a mais leve nuvem negra viesse manchar o bello ceu azul d'aquelle mutuo amor. Elle queria-lhe perdidamente, ella entregava-se toda nos seus braços robustos, embriagando-se delirante no olhar, que lhe enfeitiçára a alma.

Chegára a noite de Natal.

José Jorge fôra convidado pelos paes de Michelina para a consoada.

Na grande cosinha, com o pavimento de lages, e as traves do tecto negras pelo fumo, agrupavam-se os convidados em torno da lareira. As mulheres iam e vinham, em grande azafama, preparando a ceia. Na lareira o tronco enorme d'um carvalho levantava uma chamma viva lambendo a fumarada, que toldava a vasta chaminé. Sentado no escano d'alto espaldar, um velho veterano, tio de Michelina, contava aos circumstantes boquiabertos coisas maravilhosas das muitas riquezas apprehendidas depois da batalha a José Bonaparte; e mostrava então um magnifico relogio d'ouro comprado em Victoria, depois do saque.—«Aquillo é que eram tempos, camarada, dizia elle voltado para José Jorge, olhe que, no meio de tudo divertia-me bem mais, do que vocês se divertem hoje».—E passava satisfeito a mão callosa pelo aspero e farto bigode grisalho, contente das recordações do seu passado, carregando depois pela centessima vez o seu cachimbo.

Iam sendo horas da consoada.

O pae de Michelina resmungára já que era tarde, que se despachassem; e as mulheres, atarefadas, iam

e vinham, dando a ultima demão n'este ou n'aquelle guizado.

Por fim Michelina disse de lá com a sua voz fresca e argentina:

— Pae! está a ceia na meza.

Acercaram-se todos da larga meza de castanho, coberta com a alva toalha de linho, tecido em casa, e aromatisado com o cheiro suave da maçã camoesa. Fumegava no centro uma enorme travessa de bacalhau com couves e tinham uma côr apetitosa os fôfos *sonhos*, as louras filhozes, etc., etc.

O pae de Michelina, de pé, resou uma breve oração; todos o imitaram, sentando-se depois á meza.

O veterano notou logo, que faltava o pichel, e que, sem elle, não havia nada feito.

— Está ao lume, tio, eu vou buscal-o; respondeu Michelina.

Reinava grande animação entre os convivas.

— Amigo Manuel, (dizia um velhote, chupado como arenque fumado), que me diz á besta do prior?

— Qual besta? perguntava o interrogado.

— A que elle comprou agora na Torre de D. Chamma.

— Ah! sim senhor, bonito bicho, mas elle não tem calções para o animal; que tome cuidado, senão um dia põe-lhe os costados no meio do chão.

José Jorge não despregava os olhos da amante, embebido no seu olhar fascinador.

— Vocemecê não come? oh! camarada, dizia-lhe o veterano, olhe que se não vive de cantigas, ha tempo para tudo; entre-me n'esse arroz de polvo, que está mesmo *a dizer ginjas*.

Elle sorria satisfeito e Michelina puzera-se vermelha como uma romã.

Ao fundo da meza, um mocetão desempenado contava que, andando na vespera ás perdizes, encontrára n'um cabeço perto de Salgueiros, o *Zé das Picôas*.

—Aquelle patife, acrescentava, tem um dia de me vêr do avêsso, fiquei-lhe com minha *áquella* desde que, no verão passado, me cortou por tres vezes a agua do lameiro.

Cá fóra o sino da egreja dobrava chamando o povo á missa do *Gallo*.

— Vá, despachar, vá, dizia o pae de Michelina.

O veterano comia á pressa a ultima filhó, e empinava o ultimo copo do delicioso vinho, espumante, côr de rubi.

Todos se levantavam da meza.

— Vamos para a missa.

As mulheres cobriam as suas capuchas, e os homens levantavam as altas gollas dos fartos capotes de cabeção.

*
* *

Magotes de povo, com grande barulho de sóccos assentando em cheio nas lages da tortuosa rua, mal calçada, seguiam para a egreja.

O pequeno templo, envolto n'uma meia sombra, onde destacava, esplendido de luz o altar-mór, tinha um certo conforto para os que entravam com as caras roxas de frio, a tiritar. As mulheres ajoelhavam em grupos ao centro da nave, e os homens, de pé, aos lados, conservavam-se n'um grande silencio, cortado só pela tosse teimosa d'um ou d'outro velhote.

José Jorge, encostado a um pilar, não tirava os olhos de Michelina.

Ella era franzina, muito branca e loura, com um tom de rosa desmaiado na face mimosa.

No meio das outras camponezas, morenas, de formas robustas, fazia lembrar uma pallida açucena entre um maciço de rosas vermelhas.

No altar-mór o senhor prior dizia a missa com um

accento vibrante e plangente, como o som de gotta d'agua cahindo d'alto em caldeiro de cobre.

A José Jorge nunca parecera tão bella a amante, vagamente illuminada pela luz pallida, que se lhe espalhava no rosto suave e delicado, com uns tons dos quadros de Rembrandt.

De quando em quando o suspirar arrastado d'uma velha devota cortava o religioso silencio, ressoando pela abobada do templo.

Tinha terminado a missa.

As mulheres corriam apressadas a beijar o pequenino Christo, que o senhor prior no altar-mór mostrava aos fieis; no côro, uma gaita de folles desenvolvia umas variações esganiçadas, seguidas pela nota persistente e grave do acompanhamento.

Todos sahiam do templo, enfiando em pequenos grupos pelas ruas estreitas da aldeia.

José Jorge acompanhou a familia de Michelina até á porta. Ao despedir-se, ella disse-lhe baixinho:

— Espera-me.

Elle contornou a casa, saltou uma pequena sebe, atravessou o quintal e foi postar-se junto d'uma janella ao rez do chão.

Na abobada negra do ceu profundo, raras estrellas, lembrando diamantes enormes, suspensos na immensidade, punham de longe em longe pontos luminosos, muito brilhantes.

Abriu-se por fim a janella.

*
* *

Uma dubia claridade, precursora da manhã, principiava a subir vagamente do nascente, quando a pequena janella do rez do chão se descerrou de novo. Na meia luz do quarto desenhava-se o busto gentil e [illegible]no de Michelina enlaçando o amante.

— Tenho que deixar-te, dizia elle soltando-se-lhe dos braços, preciso chegar cedo a Bragança. Adeus; e, beijando-lhe depois os labios nacarados, saltava pela janella para o pequeno quintal.

Ella prendia ainda entre as suas as mãos do amante e suspirava-lhe cheia d'amor:

— Oh! não partas sem me repetir mais uma vez que me queres muito!

— Se te quero! Oh! muito, muito! Quero-te mais que a tudo que ha n'esta vida. Que amarguradas saudades eu vou passar lá por Bragança! Olha que não se passa um dia que tu me não alembres. Só Deus sabe bem como eu te quero!

Ella, com os seus grandes olhos d'um azul profundo, fixava-o inebriada; enlaçava-lhe o pescoço nos braços assetinados como petalas de rosa e puxava-o docemente contra os seios rijos, cobrindo de beijos ardentes a cara morena do amante.

Uma coruja, cortando o espaço com a sua gargalhada estridente e sinistra, veio despertar do doce sonho os dois amantes.

— Ai! Jorge, que medo!... que susto!... dizia ella pallida, enfiada, achegando-se mais ao amante estremecido. Fiquei sem pinga de sangue!

— Não te assustes, é uma coruja que passou. Adeus, vida da minha vida, é tarde, e preciso partir.

— Oh! não partas ainda, não sei o que me diz o coração!

— Criança! Que tolice! Adeus, pensa muito em mim, não me esqueças nunca.

E, embebido ainda no feiticeiro olhar, partiu por fim.

No quadro de luz, formado pela janella aberta, destacava sorrindo meigamente o busto gentil de Michelina.

*
* *

A' claridade pallida, que ia embranquecendo a abobada celeste, esfumavam-se as *silhouettes* desiguaes das casas da aldeia. José Jorge atravessou-a e tomou pela estrada de Moimenta, caminho de Bragança.

A paisagem humida e fria accentuava-se pouco a pouco entre a nebrina.

Elle seguia subindo a encosta.

Havia dia claro quando chegou ao alto. O sol, privado dos seus raios esplendidos, triste no ceu nevoento, lembrava uma enorme braza espherica.

Pareceu-lhe que lá debaixo, da aldeia, sahiam sons vibrantes de sinos tocando a rebate.

Parou, olhou para traz, nada viu, só as brumas da manhã rastejando no valle.

Os sinos continuavam sempre tangidos desesperadamente. Que seria?

José Jorge seguia preoccupado pensando nos seus amores.

Ia chegando á taverna isolada junto da estrada. O frio era muito, entrou.

Por dentro do balcão de pinho, muito sujo, coberto de nodoas, via-se a teverneira assoprando uns tições fumosos junto da lareira.

— Bons dias, tia Genoveva.

— Bons dias, camarada, por aqui tão cedo?!

— E' verdade, vou-me até Bragança, que já findaram os tres diasitos de licença. Bote lá uma pouca de aguardente a vêr se aqueço.

A um canto, n'uma velha enxerga, cobertas por uma manta esburacada, duas creancitas mal despertas, espreitavam muito cheias de somno.

José Jorge assomára á porta sempre impressionado pelo som dos sinos que ouvia continuamente.

De repente desembocou do cotovello da estrada grande mó de povo.

— Oh! tiá Genoveva, chegue cá. O que será aquillo? Não vê tanta gente correndo para aqui?

— E' verdade, dizia ella muito espantada, não sei o que seja.

O magote de povo distinguia-se agora perfeitamente, armado de fouces e bacamartes, trazendo á frente as mulheres n'uma gritaria infernal.

José Jorge esperava ancioso.

Quando o avistaram desataram as mulheres a berrar:

— Lá está elle! Lá está o malvado! O assassino!...

José Jorge olhava na direcção de Bragança, espreitando a estrada a ver se descobria alguem a quem se podesse dirigir toda aquella gente alvoroçada e ameaçadora.

A estrada inteiramente deserta seguia tortuosa pelo terreno montanhoso.

De repente achou-se cercado pela gentalha que crescia para elle de punhos cerrados.

— O que me querem? Que pretendem de mim?

— Morra!... Morra!... vociferavam n'uma gritaria infernal.

José Jorge ouvia-os attonito, sem perceber nada.

Então, do meio da multidão, surgiu um vulto de homem baixo e gordo.

— Arreda p'ra largo! gritou elle, dominando a vozearia. N'este homem ninguem toca; e vossemecê considere-se preso p'ra todos os effeitos.

Era o senhor regedor.

— Mas porque me prendem? perguntou elle boquiaberto.

— Porque vossemecê é accusado de ser o assassino dos paes de Michelina e tambem da propria Michelina!

— Mi... che... li...

Não terminou. José Jorge tornou-se livido, camba-

leou, rodou sobre si e foi cahir sem sentidos a todo o comprimento na velha estrada.

*

* *

No dia seguinte muito cedo foram buscar o preso para ser confrontado com os cadaveres. Elle não tinha dormido em toda a noite agitado pela commoção violenta.

Quando assomou á porta, era como um cadaver movido automaticamente, conservando apenas, como symptoma de vida, um fulgor estranho nos olhos avermelhados.

Passou por meio do populacho agitado parecendo não ouvir os improperios da turba excitada.

Ao fundo d'uma rua estreita ficava a pequena casa de Michelina.

Quando José Jorge a avistou pareceu acordar d'aquelle torpor somnambulo que o dominava.

Entrou.

Era esperado á entrada pelas auctoridades competentes. Principiou então um interrogatorio longo e moroso, que o escrivão ao lado ia escrevendo em largas folhas de papel, sobre uma meza de pinho.

Terminado o interrogatorio, fizeram-no entrar no quarto, onde fôra commettido o crime. Terrivel espectaculo o que se offerecia á vista. Logo á entrada era preciso quasi passar por cima do cadaver da mãe de Michelina, estendida de bruços, com uma enorme ferida na cabeça, por onde irrompiam os miólos entre pastas de sangue negro.

A um canto, com a cabeça quasi separada do tronco por um valente golpe de machado, os olhos vitreos fitando o tecto, a bocca entre-aberta, com uma horrivel expressão d'angustia no rosto livido, via-se o cadaver do pae de Michelina, com profundas feridas nos

braços e nas mãos, parecendo que entre elle e o assassino teria havido uma lucta gigante.

José Jorge olhava horrorisado tudo o que o cercava; quando deparou com o cadaver da amante, uma larga ferida no seio de neve, cahida de travez sobre o leito, a face de cera, os olhos semi-cerrados, na grande tranquillidade da morte, correu de braços abertos para ella, apertando-a soluçante contra si, e cobrindo-a de beijos e de lagrimas.

— Michelina!... Michelina!... é certo, que te mataram?! Oh! meu amor, que ha-de ser de mim, de mim, que te queria tanto!... Quem foi o desalmado, o monstro que teve cobardia bastante para te assassinar tão barbaramente, anjo da minh'alma!

E contemplava angustioso o cadaver beijando-lhe suavemente a face fria, n'um desespero intimo, do fundo d'alma.

— Quem me roubou para sempre a tua vida, que era a minha vida?!...

E ficava-se a olhar para ella n'uma dor intima que elle sentia e não sabia expressar. Depois dizia-lhe baixinho, como se a morta o podesse ouvir:

— Dizem que fui eu que te matei oh! Michelina!... Eu!... Tu bem sabes que não fui eu, e é o que me basta. Ah! quem me dera que acabassem comigo, pois de nada me serve a vida n'este desterro!

E a dôr lancinante estalava-lhe o coração. Novamente, d'um modo frenetico e delirante, estreitava contra o peito o cadaver, beijando-o sofregamente.

Foi preciso tirar-lh'o á força dos braços, que elle, como louco, não o queria deixar.

Pela janella baixa, que dava sobre o quintal, entrava uma restea de sol doirado, que punha na meia luz do quarto uma nota alegre, discordando tristemente com aquella scena horrivel e lugubre.

José Jorge foi ainda interrogado pelo juiz. A todas

as perguntas respondia invariavelmente que não era elle o assassino.

O juiz mandou-o recolher á prisão.

Ainda da porta voltou-se uma ultima vez, e de lá, n'uma profunda tristeza, disse, mais sereno agora, quasi resignado:

— Adeus! bem da minh'alma!... Adeus! Michelina!... para sempre!

*

* *

José Jorge foi julgado e absolvido por falta de provas; ouvira triste e indifferente a longa sentença.

Voltou á vida da caserna.

Desde esse dia conservou-se taciturno, affastado dos camaradas, n'uma grande concentração melancolica.

Torturava-o de noite e de dia a saudade pungentissima do bem, que perdera para sempre. Muita vez, depois do toque prolongado de silencio, triste como um lamento, elle passava as noites n'umas insomnias infernaes, sentindo ao lado o ressonar socegado dos camaradas. Se dormia, apparecia-lhe em sonhos a imagem de Michelina, pallida e fria, com a larga ferida cortando-lhe o seio de jaspe e sorrindo tristemente, pedindo-lhe vingança.

De dia não podia olhar para aquellas montanhas, para tudo emfim, que lhe trouxesse á lembrança os seus desgraçados amores. Fôra na romaria de S. Bartholomeu, que elle a vira pela primeira vez. Lá estava no alto, sobre a collina verdejante de vinhas, a pequenina capella, recordação da tarde feliz, em que o sorriso d'aquella mulher lhe enfeitiçára a alma.

Um dia não poude mais; resolveu-se a procurar longe d'ali, no meio de vida nova, a calma ao espirito ...do.

Desertou, fugiu; e por montes e valles foi parar ao Alemtejo.

Conseguiu entrar como ganhão n'um *monte*,[1] que havia perto d'uma povoção rural. No *monte* vivia mulher e marido; elle já entrado em annos, ella ainda fresca, de boa côr rosada, fórmas airosas, bem desenvolvida.

Tinha muita entrada em casa um primo da lavradora, rapaz esbelto, bom cavalleiro e grande jogador de feira.

Havia quem rosnasse que, entre a lavradora e o primo se entretinham relações mais intimas, do que as de pura amisade.

E' certo que, por uma noite de verão, em que o primo a deshoras saltava por uma janella das trazeiras, a lavradora pareceu-lhe ver o José Jorge deitado junto d'uma *almiára*[2] contemplando as estrellas. Desde essa noite ficou desconfiada que elle descobrira os seus amores. Este, poucos dias depois, descontente com o abegão por questão de serviço, foi ter com o lavrador para lhe fazer contas. O lavrador estava adoentado, fallou-lhe ella. Ouviu satisfeita o pedido de José Jorge, e disse-lhe que no dia seguinte o attenderia.

Era domingo, havia romaria e tourada na aldeia proxima; todos tinham partido para a festa, o *monte* ficara deserto. A lavradora chamou-o, fez-lhe as contas, e disse, mostrando-lhe um farnel: Aqui tem vossemecê a sua merenda para o caminho; e ella mesma lh'a esteve acondicionando nos alfôrges.

José Jorge agradeceu penhorado.

O sol queimava, dardejando a prumo os raios ardentes; respirava-se mal debaixo da atmosphera suffocan-

[1] Casa de herdade.
[2] Meda de palha.

te. Enfiou pela *carreteira* [1] fóra, que cortava os campos cobertos de restolho secco. Em frente alongava-se a campina rasa, a perder de vista, monotonamente plana, quasi sem ondulações, nem mancha de arvoredo, com o tom amarelado persistentemente. Muito ao longe esfumavam-se levemente montanhas d'um azul esbranquiçado.

Já distante, avistava-se ainda uma fita muito branca, o *monte*, de construcção acaçapada, êrmo e só, destacando no tom arido do restolho sem uma arvore, sem uma latada, que o preservasse dos ardores d'aquelle sol, que lembra regiões africanas.

José Jorge caminhava sempre.

A sua imaginação perdia-se muito longe d'ali. A phantasia desenhava-lhe uma pequena aldeia n'um paiz montanhoso; ao fundo d'uma rua estreita a casita baixa escondida entre a ramaria espessa d'uma velha nogueira.

Depois cahia a noite cerrada, e na janella aberta ao rez do quintal havia um quadro de luz viva, onde realçava o busto *mignon* de Michelina, estendendo-lhe meigamente os braços assetinados, contornando-se por baixo das roupagens entre-abertas os seios rijos, d'uma alvura quente.

Desfazia-se a pouco e pouco, entre as sombras cada vez mais densas, a doce visão.

Era emfim tudo trevas, e, do escuro profundo, surgia agora o phantasma hirto da amante, apontando-lhe no seio de gelo a ferida aberta, gottejante.

José Jorge passava a mão pela fronte angustiada, coberta de suor frio, querendo affastar de si o espectro ensanguentado.

Ia entardecendo.

Ao lado da estrada, junto d'um piornal, um grande

[1] Estrada velha.

bando de cegonhas olhava indifferentemente o viajante, que passava. Elle seguia descendo para um pequeno ribeiro, com as margens aqui e além cobertas de moutas de loendros, salpicada a folhagem verde por manchas d'um rosa carminado.

Librando-se no azul profundo, mosqueado de pinceladas côr de fogo das nuvens illuminadas pelo sol poente, n'um grande banho d'ar e de luz, uma enorme aguia parecia immovel, n'uma absoluta tranquillidade.

Não corria uma aragem na atmosphera pesada, enervante. Parou cançado junto do ribeiro, poz de lado os alfôrges, e preparava-se para beber uma pouca d'agua, quando sentiu tropel de cavallos.

Eram muitos os cavalleiros e corriam á desfilada envoltos em grandes nuvens de poeira. Esperou curioso. Chegando perto, pararam. A' frente vinha o abegão; saltou da egua e disse-lhe:

— Não te mexas e dá-te á prisão.

— O que fiz eu? perguntava espantado.

— Já vaes saber, mas primeiro atem-lhe as mãos com esta corda, dizia para dois d'elles.

O abegão passou depois a examinar os alfôrges, cahidos ao lado. Dentro, embrulhada n'um panno, viase a merenda misturada com objectos de prata da baixella de uso caseiro.

— Sabes porque te prendo? porque mataste meu amo para o roubares.

— Eu?! dizia elle d'olhos esbogalhados, o pasmo e o espanto pintados no rosto livido.

— Tu, sim, grande malandro, basta de conversa, segue lá para diante.

Voltaram todos caminho do *monte*.

Era noite fechada.

Muito ao longe enxergava-se uma *queimada*, destacando-se na noite por uma grande tira de luz, horisontal, muito brilhante. Em frente a lua, muito esbra-

zeada, ia subindo lentamente no espaço; e pela planicie espraiava-se a luz pallida, com scintillações phantasticas.

* *

O processo seguio morosamente os tramites legaes. Os mezes succediam-se aos mezes e José Jorge passava pelo longo martyrio da espera. Torturava-lhe atrozmente o espirito a incerteza de ser ou não absolvido; não que lhe repugnasse a ideia da morte, mas horrorisava-o a morte vexatoria, infamante, tido como assassino. Na prisão evitava quanto podia o convivio dos companheiros miseraveis, que encolhiam os hombros com um sorriso sarcastico, quando elle, muito exaltado, affirmava insistentemente que não tinha sido o assassino.

Chegou emfim o dia do julgamento.

Quando entrou no tribunal, com a face fatigada, livido, o olhar embrutecido, n'uma grande tristeza, parecia ter envelhecido dez annos.

As testemunhas provaram ser elle o criminoso, sem poder haver hesitações. Os debates não foram longos; o delegado e o advogado d'accusação por parte da viuva tiveram rajadas d'eloquencia demonstrando á evidencia, que a viuva do assassinado espreitára tudo, transida d'horror, sem poder valer-lhe.

Que o primo, caminhando na direcção do *monte*, vira o reu lavando as mãos tintas de sangue n'uma fonte proxima. Emfim era positivo o roubo, e que o reu tinha procurado a occasião em que o *monte* estava deserto, para praticar o crime. Ninguem soubera ao principio d'onde elle era, d'onde tinha vindo. Depois conhecera-se o facto de ser desertor e de ter já respondido pelo crime de assassinato, e tudo emfim o condemnava.

Foi sentenciado á morte, devendo ser executado em Bragança, onde era desertor de caçadores n.º 3.

*
* *

No dia 3 d'abril de 1843 o povo de Bragança grupava-se em torno do patibulo, que se erguia sinistro, cercado de baionetas, no campo de Santo Antonio.

D'um lado avistava-se no alto o velho castello, soberba construcção medieval, dominando o burgo, com as vetustas muralhas ennegrecidas pelo tempo. Do outro, a antiga cidade espraiando-se na planura. Em frente desenrolava-se a paisagem em grandes ondulações, montanhosa, cortada pelo pequeno rio Sabor e terminada em terras d'Hespanha pela serra de Senabria, toda branca de neve.

Com o seu cortejo de morte chegou por fim o condemnado. Caminhava pallido e resignado.

O padre que o acompanhava admirava tanta coragem e tanta resignação. Subiu com passo firme os degraus do cadafalso. Elle tinha no rosto livido um sorriso tristissimo ao contemplar toda aquella massa de povo, apinhando-se curiosa para o vêr morrer, e sobre cujas cabeças cahia a prumo o esplendido sol, que via pela ultima vez, illuminando a natureza, como elle cheia de seiva e de vida. O padre, n'uma grande prédica, massuda, mostrava as negruras e consequencias do crime, exhortando o povo a seguir sempre a linha recta do dever.

José Jorge era tristemente bello, com a sua figura esculptural, de pé, cabeça levantada, mãos atadas atraz das costas, tendo como comparsas um padre e um carrasco e por fundo de quadro... a forca!

A multidão, de olhos fitos no patibulo, seguia com interesse todos os preparativos do desenlace fatal.

No aço polido das baionetas scintillavam chispas de

luz. Na turba anciosa, ávida de commoções, continuava o silencio profundo.

D'ahi a pouco cortava os ares uma gritaria enorme, estridente, medonha!

As mulheres rojavam pelo chão as faces horrorisadas. Tudo estava terminado!

Do alto da forca um cadaver hirto balouçava-se sinistramente no espaço.

* *

Pela noite escura vê-se hoje brilhar a distancia, no cemitèrio, uma pequena luz illuminando uma capellita com as paredes cobertas das offertas dos devotos.

Está ali enterrado o justiçado.

O povo diz que é a capella do santo.

Corre como lenda, que, pouco depois do cadaver ter sido sepultado, a terra, que o cobria, crescera, tomando grande vulto. Mais tarde, indo ali sepultar-se outro cadaver, acharam o corpo do justiçado todo inteiro, vindo do fundo da sepultura um aroma suavissimo de rosas e violetas.

*
* *

Tempos depois da execução de José Jorge veiu a provar-se a sua inteira e completa innocencia.

Soube-se que o assassino de Michelina e dos paes fôra aquelle paisano que figura no principio d'esta narração. Era um contrabandista d'aquelles sitios; conhecia muito bem a Michelina e dera-lhe na vista a sua belleza pouco vulgar. Ao facto dos amores de José Jorge, aproveitou-se da hora, em que todos estavam na missa do *Gallo*, para se introduzir furtivamente no quarto de Michelina. Quando de madrugada José Jor-

ge partiu para Bragança, o contrabandista quiz abusar da pobre Michelina, esta gritou horrorisada, a féra cheia de desejos e de raiva, não podendo dar larga aos seus instinctos brutaes, cego, allucinado, correu para a victima n'um ultimo esforço. Aos gritos acudiram os paes; depois... a tremenda e selvagem scena de sangue.

Quanto ao segundo crime descobriu-se mais tarde, que o lavrador fôra assassinado pela propria mulher e o amante, o primo. Procuraram a occasião em que o *monte* estava deserto, e a propria lavradora mettera nos alforges, á mistura com a merenda, objectos de prata, de uso caseiro, para mais facilmente fazer recahir as suspeitas sobre o pobre desgraçado.

*
* *

E' certo que hoje, em dez legoas em redor, não ha santo de mais virtude.

Eu não sei se o ultimo enforcado em Bragança é, ou não, santo a valer; no conceito popular está sagrado como tal, e d'outros sei eu, que gosam foros de santidade com bem menos razões.

O que indubitavelmente foi o pobre martyr, foi uma victima da pena de morte.

Nota: — O entrecho principal d'este conto é fundado n'uma tradição popular de Bragança.

X

A abandonada

A casa do oleiro ficava ao fim da aldeia, n'um encontro, fóra da estrada que partia ao centro toda a pequena povoação. Em frente havia um terreiro onde punham a seccar ao sol, panellas, alguidares, pucaros, etc., etc.

Á porta da casa estava sentada uma pequenita que cuidadosamente procedia á esmerada toilette d'uma boneca e por detraz uma outra, de pé, seguia attenta o complicado e difficil trabalho. As duas foram de repente interrompidas por um rapaz bem trajado que lhes perguntava se o pae estaria em casa.

—Não, meu senhor, disse a mais velhita, a da boneca, foi para a villa, á feira.

—E tua mãe? tornou o outro.

—Ai, essa, sim senhor; oh! Rosa, vae lá chamal-a, diz-lhe que está aqui um senhor, anda.

A Rosita foi.

—Então tens só essa boneca? tornou o rapaz.

—Só, sim senhor, respondeu a pequena sorrindo.

—E querias mais? Uma que fosse muito bonita? Assim, muito grande?

—Se queria... mas... o pae... tem... muito em que gastar o dinheiro... bô!... se tem!...

—E tu então contentas-te com essa, não é assim? Pois sabes que tens já muito juizo n'essa linda cabecinha. Como te chamas?

—Amelia, uma sua creada.

—Muito bonito nome; deixa que te hei de comprar uma boneca nova, verás.

—Devéras? indagava a pequenita duvidando.

—Verás, verás.

N'essa occasião apparecia no limiar da porta a mulher do oleiro.

—Olha, é o sr. Joaquimsinho, disse ella. Arreda-te d'ahi Amelia. Faz favor de entrar, faz favor de entrar.

—Deixe lá, tia Emilia, estou bem, não me demoro.

—Isso é que não, faz favor, na rua! ora essa! *Indas* que a casa não é bastante...

E o Joaquimsinho entrava na loja toda atulhada de objectos de barro, onde, ao fundo, n'outra casa, que deitava para o quintal, se viam duas raparigas sentadas, junto d'uns potes com tinta; uma de pincel, outra de esponja em punho, pintando, com desenhos primitivos, utensilios de barro.

—Pois, tia Emilia, eu vinha saber do seu homem...

—Foi á feira, sr. Joaquimsinho.

—Já m'o disse aquella pequenita. Queria que elle me fizesse seis duzias de vasos lá para a quinta, mas que fossem por esta medida, aqui tem.

—Deixe Vossellencia, que eu cá lh'o digo quando elle voltar.

—O' tia Emilia, quem é esta pequena, que tem uma cara tão bonita? e apontava para a Rosa.

—Olhe, meu senhor, trabalhos, trabalhos! Haverá um mez que, vindo eu mais o meu homem da villa, ahi junto do sobreiro da meia légua, encontrámos esta pequena, sentada n'uma pedra, á beira da estrada, a chorar que era um dó d'alma. O pae deixara-a para ali sosinha, abandonada. Ora veja lá!... Sempre ha almas christãs, sr. Joaquimsinho, que são peores que as féras do matto. Abandonar um filho das nossas entranhas!... e póde haver corações para tanto!... dizia ella revoltada... Vae eu, disse logo ao meu José: nós não havemos de deixar aqui esta pobresinha. Oh! mulher estás doida? olha que lembrança a tua!... me disse elle. Deus sempre nos ha de ajudar, tornei eu; anda lá, faz-me isto, levemos a pequena comnosco. Elle coitado, que é bom, encolheu os hombros, e ella para ahi está, pois já se vê!...

O Joaquimsinho ficara a olhar enternecido a boa mulhersinha, de cara redonda e olhar franco, que tão singelamente deixava traduzir a grandeza da sua alma santa!...

—E não se sabe quem é o pae?

—Sim, meu senhor, era aquelle homem que andava por ahi de porta em porta a vender cestos, não se lembra?

—Bem sei, e parecia ser um bom homem: ora vejam, tinha-o n'essa conta...

—Quer não, olhe que não era certo nas voltas, não senhor. Ficou por ahi a dever ao Barcelona, o da venda, muito *córtilho* de vinho; e demais, quem abandona assim uma creaturinha de Deus, não póde ter bom fim. Se visse!... não faz ideia, comidinha de bichos que era um nunca acabar, e como a pequena estava, toda esfarrapadinha! Olhe que tenho tudo guardado lá em cima, que lhe hei de mostrar mais tarde para que ella saiba como veiu para esta casa.

E a pequenita tinha no rosto, lindo, uma sombra de tristeza amarga da recordação d'esse passado; bai-

xava as longas pestanas dos formosissimos olhos onde bailavam duas lagrimas e erguia depois o olhar meigamente para a boa da tia Emilia, illuminada agora a face pequenina d'um sorrir feliz.

— Deus lh'o pagará, tia Emilia, dizia o Joaquimzinho, não se arrependa de fazer bem; e tu, pequena, lembra-te sempre do que te fizeram e que tens ali uma boa mãe que te quer muito. — Pois, vou-me embora. Então não se esqueça, diga ao José a ver se me arranja isso quanto antes, sim?

— Vá descançado, cá lh'o digo logo que volte da feira.

— Adeus, tia Emilia.

E, dando dois beijos nas duas creanças, partiu para os lados d'aldeia.

Ao transpor o limiar da casa do oleiro pensava elle que Deus, para amenisar as agruras d'este valle de lagrimas, espalhára, como no escuro profundo da noite as estrellas fulgurantes, por esse mundo fóra os anjos bons: e a tia Emilia era um d'esses, por certo.

Cá fóra um sol esplendido illuminava a paisagem.

Pela chapada fronteira estendiam-se cordas d'oliveiras muito alinhadas, cortando os campos. Ao largo percebia-se o curso do ribeiro pela dupla linha de salgueiros que serpenteava em curvas deseguaes, e muito longe uma cordilheira de montanhas barrava o horisonte.

Em baixo, mais perto, no valle, uma junta de bois mansamente tiravam a charrua que o camponez guiava arroteando o campo, e as alveolas elegantes iam seguindo de perto o esboroar da terra onde avidamente procuravam os pequenos vermes. N'outro campo, já lavrado, um grupo de mulheres com uns paus iam espetando um ou outro grão de milho que ficára de fóra, e ao lado a grande pôça d'agua da repreza punha no meio d'um prado verdejante um pedaço de espelho crystalino onde se mirava o braço esguio da ce-

gonha com que se tirava a agua e uma nuvem branca que fugia apressada manchando o azul do ceu.

*
* *

São passados dez annos.

Um dia o tufão da desgraça invadira desabrido, implacavel, a casa do oleiro. Amelia, a interessante creança, entrára de soffrer umas febres que a não largavam, que a estiolavam, como flor delicada queimada do vento leste. Assim foi indo até que por fim, n'um sorriso ultimo dado aos pobres velhos, lhe expirou nos labios o alento.

Entrou então para sempre a dôr e a saudade n'aquella morada outr'ora feliz; a pouco e pouco os dois velhotes finavam-se um atraz do outro.

Rosita ficou de todo no mundo sem amparo algum.

E ella, pobre, sem familia, d'uma formosura rara, foi pouco a pouco resvalando no lodaçal infamante das perdidas.

*
* *

Era n'uma grande cidade. Terminado o espectaculo, a Rosita, e mais as suas companheiras, rindo, palrando, alegres como um bando d'aves fugindo pelo espaço, enfiavam pelas ruas fóra illuminadas pela luz fria e viva dos fócos electricos.

Encostado á esquina d'uma rua, n'uma cantilena, um pobre cego pedia plangente uma esmola pelo amor de Deus. Era um velho de aspecto venerando, o rosto queimado, d'um tom de bronze, emmoldurado por uma barba grisalha que lhe descia sobre o peito mal coberto pelos andrajos. A Rosita procurou uma moeda para lhe dar, mas ao encarar com o mendigo fixou-o em duvidosa, como querendo recordar-se d'aquella

physionomia, deformada pela doença, transtornada pelo soffrimento. De repente fugiu espavorida. Debaixo d'aquelles andrajos, envolto n'aquella miseria, os olhos estoirados nas orbitas, medonhos á vista, a Rosita reconheceu o pae!...

E fugia ainda tremula, nervosa, apressada, como se fugisse d'um animal repellente, viscoso, que lhe causasse asco e terror, lhe pozesse arrepios pelos nervos e pavor no animo.

As companheiras interrogavam-n'a:

— Que diabo tens tu, oh! coisa? parece que viste bicho damnado?

Ella não tinha nada, que a deixassem, que a deixassem.

E, silenciosa, seguia ao lado das mais pela rua fóra.

No seu espirito havia a visão medonha, a recordação dolorosa do dia em que o pae a deitara á margem do caminho como se lança um fardo pesado e inutil.

Oh! elle fôra cruel, sem alma, sem piedade para a criancita que em lagrimas se debatia e se lhe enleiava ás pernas pedindo, instando em gritos para que a não deixasse. E como tinha bem presente ainda no seu espirito a lembrança do pontapé deshumano com que por fim o pae a desviára prostrada, sem sentidos! Quando voltou a si, junto d'ella o sobreiro immovel estendia os ramos frondosos, a estrada era deserta, os campos desenrolavam-se a perder de vista quentes do sol ardente, e no espaço azul, d'uma limpidez grande, havia uma tranquillidade serena.

*
* *

Pouco depois, no lupanar, a Rosita ria a plenas gargalhadas, ria sempre, nervosamente, nos braços d'um ebrio.

Na esquina, tremendo de frio, banhado de luz viva

e pallida, o cego continuava estendendo a mão rugosa. E a sua cabeça d'estudo daria um quadro bom a quem lhe copiasse fielmente o aspecto venerando, a barba grisalha emaranhada e hirsuta, espalhada sobre o peito semi-nú, os olhos estoirados nas orbitas, a côr tisnada, a face d'uma expressão bestial. E na sua toada plangente e monotona elle continuava inutilmente implorando uma esmolinha pelo amor de Deus, emquanto que nas ruas estalava uma rajada de saraiva e as rodas dos coupés lhe salpicavam de lama na passagem os andrajos sordidos.

XI

O Medo

Ao fundo d'uma encosta escarpada, mesmo á beira d'um ribeiro, que se despenha d'um açude proximo, fugindo depois de fraga em fraga, espumando e redemoinhando por entre pequenos grupos de salgueiros, que agitam ao vento as folhas verdes, assenta a Quinta do Cypreste.

Ahi por 1860 cobria-se toda a encosta de vinhêdos cortados por grandes filas de oliveiras dividindo entre si as propriedades; de longe em longe avistavam-se um ou outro macisso d'um verde mais escuro, era um ou outro grupo de figueiras. Em frente estendia-se outra encosta, não menos ingreme, coberta até meio por uma frondosa matta de medronheiros, com o seu verde sombrio, salpicado de pequenos pontos vermelhos; depois, mais vinhas, trepando por ahi

acima em socalcos, cortadas aqui e além por grandes sabugueiros com as suas largas flores, pondo grandes nodoas brancas n'aquelle fundo verde claro. Para todos os lados o aspecto era o mesmo, montanhas, como que ás cavalleiras umas das outras, cobertas de vegetação; e ao longe, como gigante sentinella perdida, o Marão, com a sua cabelleira de neve, cortado a meio por uma fita de nevoa, dominando o quadro.

Lá em cima uma nesga de céo azul n'este horisonte apertado entre montanhas.

A habitação aninha-se á beira do regato junto a um pomar de laranjeiras que a perfuma com o aroma suavissimo da flor. E' vasta a casaria, d'uma côr pardacenta, ao lado uma capella, em frente um terreiro; junto ao açude, como que escondido pela folhagem verde d'um enorme freixo, um moinho todo vestido de hera, com o telhado polvilhado de farinha que sahe atravez da telha-vã, espreitando a corrente; ao fim do terreiro um grande cypreste esguio e sombrio. D'ahi o nome de Quinta do Cypreste.

O Douro,—paiz vinhateiro,—era então ainda viçoso e bello. Hoje o aspecto é triste e nu; o povo, na sua linguagem rude, diz que está tudo queimado; e é assim. Parece effectivamente que um incendio enorme, phantastico, lambeu, com as suas labaredas, todos aquelles immensos vinhêdos, tristemente assolados pelo terrivel phylloxera, deixando as cêpas negras e ressequidas.

*

* *

O sol poente illuminava os pincaros elevados do Marão, dando á neve um tom alaranjado; o resto da paisagem ia entrando nas sombras pouco a pouco; a quéda d'agua no açude sussurráva com o seu tom mono e continuo. No grande freixo, os pardaes,

n'uma chilreada sem fim, disputavam entre si os ninhos, e a tramela do moinho ouvia-se cá fóra com o seu tenir secco, e repetido. Os zirros em grandes bandos cortavam os ares em curvas rapidas, esfusiando n'uma gritaria estridente; no terreiro as gallinhas esgaravatavam n'uma meda de estrume; e no alto da escada uma mocetona robusta, de braços arremangados, e cara suja, chamava os porcos com uma voz aguda... *bicá?*... *bicá?*... Do outro lado do muro, no pomar, ouvia-se o caseiro cantando com a sua voz de *basso* uma cantiga, em quanto tratava da rega.

No ambiente respirava-se um ar fresco e perfumado. Muito ao longe, lá no alto, ouvia-se o chiar monotono d'um carro de bois que subia a custo a ladeira. Junto ao muro do pomar, n'um silvado, um rouxinol, com trilos e *fioritures* sem conto, dizia amor á sua amante.

Tudo respirava vida.

*

* *

Não era assim ha dois annos.

A Quinta estava então inteiramente abandonada. Tudo deserto e só. Ninguem queria ir para lá como caseiro; a gente das cercanias não passaria por certo a horas mortas pelas immediações. Corria nos arredores que andava um *mêdo* na Quinta. Havia quem jurasse que, passando no caminho a deshoras, vira distinctamente, por uma esplendida noite de luar, um defunto amortalhado no habito de S. Francisco, mettido na tumba, à porta da capella.

Outros affirmavam ter visto uma luz sinistra illuminar os vidros da capella e ouvido uma voz que gemia e soluçava lá dentro.

Differentes versões corriam a tal respeito, e um ou outro rapaz mais atrevido, que se tinha afoutado a ir

para a Quinta como caseiro, apparecia no dia seguinte muito pallido e enfiado, dizendo que tinha sentido e ouvido cousas extraordinarias. Houve tal que depois da primeira noite, passada na Quinta, lhe sobrevieram *maleitas* de tão mau caracter e teimosas, que teve quasi os dias contados.

O que era facto averiguado por todos, presenceado por muitos e que ninguem negava, nem podia explicar, era que, ao anoitecer, e ao romper d'alva, a sineta da capella tocava por si só. Isto era uma grande verdade, que trazia muita gente apatetada e intrigada sem poder explicar o caso satisfactoriamente.

Dizia o povo que era alma penada; a alma do fidalgo que vinha de noite, por aquella fórma, pedir dois padre-nossos, por sua intenção, para poder sair do purgatorio, onde cahira.

João de Moura, pae do actual possuidor da Quinta, não tinha gosado de boa fama em vida. Havia mesmo quem dissesse que a unica obra meritoria, por elle praticada, tinha sido o ter poderosamente contribuido, para que a mulher, — uma pobre creatura, tão bella como bondosa, — alcançasse a palma do martyrio, a qual, no caso de haver ceu e Padre Eterno, este com certeza lhe não negou, quando ella deu entrada na bemaventurança.

Havia n'uma aldeia proxima dois irmãos, rapazes robustos e destemidos, que eram conhecidos, em dez leguas em redor, como os mais atrevidos d'aquelles sitios. Um dia, o mais velho, José, disse para o outro:

— Oh! Manuel, sabes: vou pedir ao pae que me deixe ir de caseiro para a Quinta do Cypreste. Diabo! ninguem lá pára, pois hei de parar eu. Sempre quero vêr se a alma do fidalgo, ou o que diabo é, se mette comigo.

— Olha, José, tinha vontade de ir tambem, e talvez que o pae, sabendo que vamos os dois, mais facilmente nos deixasse ir juntos. Valeu? pedimos-lhe?

— Esta noite mesmo, depois da ceia, disse José.

Effectivamente, essa noite, depois da ceia, os dois pediram, como de costume, a benção ao pae, e, em seguida, o mais velho disse-lhe o que desejavam. O pae pensou um pouco sobre o caso, e depois respondeu.

— Está bem; se vocês querem ir, não ponho duvida. Vou ámanhã a Villarinho fallar na coisa com o fidalgo, com o sr. Francisquinho. Mas, ouçam cá, antes de tudo attendam bem ao que lhes vou dizer. Olhem que isso de almas do outro mundo é tudo uma historia; lá como a sinêta toca não sei eu, mas quem vae não volta, e portanto, vocês são rapazes e todo o cuidado é pouco, nada de atirar para ahi um tiro sem mais nem menos. Vocês sabem o que se passou com o José da Rosa, que quiz por força saber como era o caso do lobishomem, que apparecia todas as noites na rua de Cima, e, no fim de contas, matou o Leonardo Coelho, que fallava com a Rita, a mulher do Gregorio. Vocês eram pequenos quando isto foi, mas sabem muito bem que o pobre José da Rosa foi para a costa d'Africa e por lá ficou. Se portanto me promettem prudencia, vou ámanhã a Villarinho.

Os dois ficaram por tudo o que o pae lhes disse, e, dois dias depois, sabiam que o fidalgo consentia que fossem de caseiros para a Quinta.

Depois partiram, jurando ao pae nada fazerem que os podesse comprometter.

Chegaram á Quinta era já tarde; percorreram toda a casaria, os armazens com os seus enormes toneis, os lagares, as *cardenhas* onde dorme a gente de trabalho, o moinho, toda a casa d'habitação.

Tudo com um cheiro a bafio, proprio dos aposentos longo tempo fechados, um ou outro rato fugindo, e nada mais. As casas em mau estado, soalho esburacado pelo caruncho, vidraças sem vidros, portas empenadas; José então disse ao irmão :

— Sabes ? vou pôr dois colchões no côro da capella, e é ahi que havemos de dormir.

— Tens razão, respondeu o mais moço, o tal fidalgo, pelos modos, ahi é que faz as suas visitas nocturnas e portanto para ahi é que o devemos ir esperar. Leva tu a tua *caçadeira* bem carregada, que a minha está prompta.

— Cuidado com isso, Manuel, observou José.

O sol escondia-se no alto, entre o recorte das montanhas, quando os dois recolheram á capella.

* * *

Sobre uma peanha, representando o mundo, está de pé, calcando a serpente immunda, uma estatua da Virgem com o seu manto azul recamado d'estrellas. Os cabellos castanho claro espalham-se em desordem sobre os hombros, o rosto d'um oval suave e muito pallido, os braços cruzados sobre o peito, e os olhos, de olheiras profundas, negros como a noite, fitando o ceu, parecem vêr n'uma visão phantastica o esposo e o filho estremecidos envoltos no esplendor da Gloria. Em dois nichos lateraes estão, n'um S. Sebastião semi-nu contorcendo-se crivado de settas, atado a um tronco; no outro Santa Barbara com um grande castello na mão e a palma do martyrio na outra. Sobre o altar-mór, um Christo, de braços estendidos, contorce-se na cruz nos paroxismos da agonia.

A luz do crepusculo côa-se atravez dos vidros d'uma janella lateral e do olho-de-boi da fachada principal. As sombras invadem o recinto lentamente. Estendidos sobre a cama, de barriga para o ar, os dois irmãos, com as armas ao lado, esperam a explicação do mysterio.

Então n'aquelle silencio sepulchral ouviu-se a sineta badalar... tem!... dem!... tem!...

Os dois irmãos, como que tocados por uma mola, sentaram-se de repente na cama.

Com os olhos muito abertos prescrutavam as sombras, com os ouvidos dilatados indagavam o silencio. Tudo porém era socego absoluto e sombras densas e compactas.

Assim estiveram largo tempo, sem nada mais verem, sem nada mais ouvirem. Então José disse ao irmão: Vou correr a casa toda. E partiram os dois.

Não houve canto que não revistassem. Por fim foram ao pomar, ao moinho, ao terreiro. Tudo ermo e só; o cypreste erguia-se para o ceu, afilado e sombrio.

Voltaram á capella. Tudo o mesmo, apenas um canto da janella ia illuminar em cheio, com o luar, S. Sebastião nas suas posições gymnasticas.

Passaram a noite inteira sem dormir, sentindo apenas no silencio profundo aquelle zunir dos ouvidos que parece povoal-o de ruidos mysteriosos.

Mal o primeiro alvor da madrugada principiou a dissipar pouco a pouco as trevas, a sineta soou novamente... tem!... dem!... tem!...

Um calafrio percorreu a espinha dorsal dos dois irmãos, e, apezar de atrevidos e destemidos, os cabellos levantaram-se-lhes direitos na cabeça!

— Então que te parece isto, José? disse o mais novo.

— Sim, é extraordinario! mas ámanhã hei de sabel-o, respondeu o outro. Tu ficas aqui, e eu hei de ir dormir para o forro da capella. Sempre quero vêr que diabo é isto.

*
* *

No dia seguinte assim fizeram. José de espingarda em punho entrou muito cedo por um buraco para os forros da capella, e Manuel ficou em baixo no côro.

Ao anoitecer deu-se a mesma scena, a sineta soou... tem!... dem!... tem!... e tudo recaiu no silencio.

De madrugada a sineta resoou de novo... tem!... dem!... tem!... e immediatamente ouviu-se um tiro de espingarda, e José gritando para o irmão:—Matei o *Medo!*... matei o *Medo!*...

Effectivamente, pouco depois, apparecia José trazendo na mão o *Medo!* uma pobre doninha toda ensanguentada!

Era o caso que o animalsito, tendo o ninho no forro da capella, saía á noïtinha para se alimentar, servindo-se da corrente da sineta para saír, e da mesma corrente ao romper da manhã quando recolhia á toca. Claro está, que a sineta com o peso do animal tocava tem!... dem!... tem!...

E aqui está como se acabou o *medo* que andava na Quinta do Cypreste.

XII

A senhora morgada

Na frente do velho solar estendia-se o vasto terreiro onde, pela Senhora dos Remedios, os rapazes e as moças das cercanias desciam a dançar junto da capella que se via ao fundo, sobranceira ao rio, cujas aguas barrentas fugiam pesadamente marulhando de encontro aos fragoêdos, que eriçavam as ribas ingremes.

Era de aspecto severo a grande casa antiga, perdida assim á beira do rio, quasi só, entre penedia e pinheiros rasos, toda de granito, com os seus dois torreões lateraes, que lhe punham um tom de velho castello feudal.

Pouco distante, mais acima, espalhadas na encosta, surgiam entre tufos de tojo e moitas de estêva, umas casitas pobres, cobertas de côlmo. Uma velha calçada de largas lages, subia da margem, serpenteando, en-

costa fóra, até ao alto e ia passar junto da grande casa isolada e por meio das casitas do logarejo. Em baixo, no rio, deslisava de longe em longe um pesado barco rabelo, a larga vela toda enfunada, prenhe de vento; e as canções dos barqueiros, na sua toada dolente, cortavam então a monotonia da tranquillidade d'aquelle ermo.

Na velha casa viviam o morgado e a morgada, o capellão, que administrava os muitos haveres dos fidalgos, e creadagem numerosa.

Das janellas dos aposentos a morgada seguia até perder de vista a extensa curva do rio, perdendo-se entre a desolação árida das margens e na frente via desenrolar-se o dobrar encastellado das montanhas, succedendo-se sempre até se esfumarem confusamente ao largo. A placidez do azul, todo espelhante de sol, pairava na vastidão sem fim. Os altos tectos de castanho tinham um tom sombrio e frio, de velho mosteiro. A morgada ali fôra creada, ali perdera os paes, ali casara, quasi não conhecia outro mundo. Olhava a vida por um prisma simples e puro, como lhe formara a alma a mãe, senhora dos velhos tempos, creada nos sãos principios.

Todo o seu bem consistia hoje em amar o marido e tornar-lhe a vida suave. De resto, ajudada pelo capellão, ella procurava ainda dulcificar as muitas agruras da miseria em todo o recanto onde havia lagrimas e fome.

O morgado, esse gosava dos creditos d'um pobre homem, que empregava toda a sua actividade em caçar. Quando lhe fallavam nos negocios da casa respondia logo que isso era lá com a morgada, e, de caçadeira ao hombro, largo chapéo desabado, seguido por dois magnificos perdigueiros, subia logo de manhã a ingreme e velha calçada, que levava á serra.

*
* *

Muita vez, de volta da caça, o morgado parava á porta d'um dos casebres do logarejo da encosta, que ficava um tanto afastado dos mais. A' entrada da porta havia um banco de pedra, elle sentava-se, tirava o largo chapéo, espraiava a vista pelas serranias fóra e gritava para dentro:

— Maria, venha de lá uma pucara com agua.

E a Maria corria trazendo a agua muito pura e fresca.

— Ora o senhor morgado p'ra que ha de bêber por aqui?... *indas* que pobres, sempre temos um copo de vidro.

— *Ná,* por aqui sabe melhor. E a pequena?

— Sempre na faina; não a ouve?

E sentia-se dentro o bater compassado do tear, *réque... réque.*

— Uma tecedeira de primeira a tua rapariga, Deus a crie para bem.

— Trabalha muito, senhor morgado, trabalha muito; que remedio? tão pobresinhas somos!

— A morgada já te mandou chamar?

— Ainda não.

— Pois, creio que deseja principiar com a teia do costume, vae-te lá, ouviste?

E, no meio tom do interior, sentia-se monotonamente o *réque... réque* do tear. Aqui, além, pela encosta, espalhavam-se as casitas; mais abaixo, á beira da margem, viam-se os largos telhados ponteagudos da grande casa com o seu quintal em socalcos, e o rio espreguiçando-se na larga curva, apertado entre as margens, eriçadas de penedía acinzentada á mistura com massiços verdes de figueiras do inferno.

O morgado levantava-se e dizia para dentro:

— Então adeus, oh! Luizita?...

A' porta assomava uma rapariga dos seus dezeseis annos, esbelta, ligeiramente morena, olhos d'um negro profundo, avelludado e doce.

— Muito boas tardes, senhor morgado.

— Pensei que me não querias falar hoje.

— Ora essa, não o tinha ouvido... com o tear... uma obra de que tenho pressa...

— Está bem, está bem, vou-me chegando, que são horas. Até ámanhã.

— Muito boas tardes, repetiam as duas.

E, já distante o morgado, gritava-lhe ainda da porta a Luizita:

— E que tal de caçada?

O morgado voltava atraz.

— E' verdade, não foi másita, não. Olha, fica com este coelho, sempre dá para a ceia.

— Oh!... senhor morgado, muito obrigada... não tinha dito isso para...

— Bem sei, bem sei, não córes, ficas mais bonita, mas não vale a pena.

Seguido pelos perdigueiros, o morgado descia então caminho de casa.

* * *

As visitas á casa da tecedeira succediam-se.

O morgado habituára-se a passar n'aquelle recanto isolado o seu bocado de tempo, conversando com as duas.

A mãe da Luizita entrou de adoecer, o mal augmentava, pertinaz, sem despegar. O morgado mandou-lhe o medico da casa, mas a medecina era impotente contra a teimozia da doença; a pobre Maria definhava de dia para dia, a olhos vistos. Um dia, ao

romper deslumbrante d'uma alvorada perfumada d'abril, achou-se a Luizita de repente só no mundo. Era profundissimo o golpe!... Ella não tinha mais ninguem e queria devéras muito á pobre mãe que tanto a amára em vida.

Ia passando o tempo.

O morgado continuava sempre vindo por ali. Agora entrava, e ficava horas a fallar da morta. A Luizita sentia um bem grande, uma consolação intima no desafogar com o morgado a sua viva saudade. Ella sentava-se ao tear na constante lida, elle ao lado falando-lhe da mãe. As mãos d'ella, mais cuidadas que as das outras camponezas, deslisavam sobre a alvura do linho, e o *réque... réque* do tear ouvia-se persistentemente.

O morgado começava a sentir um prazer extranho na contemplação do perfil da gentil tecedeira, desenhando-se no quadrado do postigo, que ao fundo mostrava uns longes de paizagem.

N'aquella intimidade dôce fugiam horas esquecidas.

Como a morgada fosse passar uma temporada com umas parentas da Beira, o morgado, que ficára só com o capellão no velho solar, demorava-se agora até mais tarde em casa da Luizita.

De noite, no espaçoso leito antigo, elle voltava-se e tornava a voltar-se preso da insomnia. Uma excitação febril o tomava e a deliciosa visão da rapariga, curvada sobre o tear, vinha pairar docemente nos sonhos da sua phantasia.

D'uma vez, elle mesmo não sabia como aquillo fôra, anoitecera de todo, a lua entrava pelo postigo, que dava sobre o quintalejo da casita; ella deixára o tear e viera sentar-se junto do postigo. O luar avivava extraordinariamente a sua face linda e dava um realce extranho n'aquelle tom confuso á sua adoravel belleza; o resto do pobre aposento mergulhava em sombras. O morgado sentia tomarem-no uns fremitos ner-

vosos, sem poder despregar a vista da illuminada visão junto do postigo.

Então, instinctivamente, aproximou-se; mais e mais se embebia na comtemplação d'aquelle ente divino! era provocantemente tentadora. Ella voltou-se, fixou-o, envolveu-o todo no afago d'um olhar, e elle sentia que uma vertigem o perturbava. A Luiza não desfitava o seu olhar ardente do morgado. Como que um filtro magnetico os subjugava a ambos; silenciosamente elle tomou-a nos braços, e ella não resistiu, abandonou-se; o morgado embriagava-se n'um delirio, n'um arroubamento celeste, e a ella invadia-a uma volupia estonteante!...

E na escuridão densa sempre crescente no pequeno e pobre aposento, o silencio era profundo e a nêsga do luar, que se estirava do postigo, ia cortar as sombras como um filete metallico, prateado, d'uma luz viva.

*
* *

Quando a morgada voltou da Beira, teve logo quem lhe fosse contar que o marido era amante da tecedeira.

Ella não podia crer e respondeu mal humorada á velha que lhe levava a má nova:

— Não se levanta assim uma aleivosia tal. Ella bem sabia quem tinha por marido. Era infame, só porque elle gostava de parolar o seu bocado com a rapariga, deitar logo sobre os dois a suspeita d'um crime.

E a velha sahira corrida.

A morgada sinceramente não acreditou que o marido a trahisse; na ingenuidade da sua alma boa não podia entrar a idéa d'essa falta.

Comtudo, os dias iam passando e a baba peçonhenta, deixada pela velha, operava lentamente o seu effeito corrosivo, lavrando sempre no animo da santa senhora.

O marido chegava agora tarde, de volta da caça; notava-lhe o espirito distrahido; mais que uma vez entrara muito de noite; que se perdera na serra, desculpára-se. Assaltavam-n'o melancholias profundas, perdida a vontade de comer, aborrecido de tudo. Aquelle desassocego não era natural n'elle, sempre tranquillo, na inconsciencia da sua ventura.

Quem sabe!... seria verdade o que lhe segredara um dia o demonio da velha?... E se o fosse?... Que fazer-lhe?... Então?... E' que o marido já não a amava, preferia-lhe a outra! Havia de resignar-se!... que remedio!... Mas era cruel a duvida que a minava, oh! dolorosamente cruel!...

Um dia, que o marido andava além-Douro com uns amigos ás perdizes, ella partiu só, sem dizer a ninguem onde ia. Subiu a encosta e parou á porta da casita da tecedeira; estava cerrada; bateu; veio logo abrir a Luizita.

— A... senhora morgada... aqui?...

— Sim, sou eu.

E o perscrutador olhar da morgada fixava-a persistente.

A Luizita corava e empallidecia debaixo da fixidez d'esse olhar; uma commoção grande a tomava; os seus olhos formosissimos marejaram-se de lagrimas; aquella sensação intima crescia sempre de intensidade, uma perturbação grande, como que uma vertigem. No seu coração leal havia a consciencia do crime. Tinha na sua frente aquelle ente digno e bom que mortalmente offendera, e, á luz d'aquelle olhar, que a fixava sempre, sem uma queixa, sem uma exprobação, a Luizita, n'um impulso grande, coberta de lagrimas, confessou-lhe tudo!...

A morgada, silenciosamente, olhava em roda a pobre morada; tudo respirava miseria, a nudez das paredes, a falta absoluta de confôrto. Ao deparar com a cama, a um canto, (velha enxerga sobre bancos de pinho),

sentiu invadil-a uma tristeza grande, um immenso dó e disse:

— Pois o senhor morgado vem deitar-se ali... n'aquella cama!...

E ninguem poderia saber se a morgada sentia devéras uma repulsão profunda ao pensar que o marido descia até ao desconforto d'aquelle pobre leito, d'aquelle todo miseravel, ou se o ciume violento lhe escaldava o peito, como labareda viva.

O que porém é certo é que, quando voltou a casa, deu logo ordem para que um bello leito de pau santo e uma boa mobilia fosse enviada sem demora á casita da tecedeira.

*
* *

Quando o morgado voltou d'além-Douro, eu não sei o que se passou na pequena casa da Luizita, mas sei que elle nunca mais tornou a subir a velha e ingreme calçada, caminho da serra, que passava junto da casita isolada das mais no logarejo da encosta.

Havia no morgado um remorso profundo, intimo, que o trazia triste, abatido. E ficava-se por vezes pasmado, na contemplação do rosto sereno da morgada, como se o tomára a visão d'uma santa.

XIII

O Senhor do milagre

Pouco distante da aldeia via-se n'um alto a igreja, com as suas paredes muito caiadas e o pequeno campanario de pedra escura ao lado. Em baixo, no fundo da encosta, serpenteava um regato com as aguas crystalinas fugindo entre campos de milho muito verdes. Não muito longe da igreja, sobre um cabeço, havia uma ermida muito occulta entre a ramaria espessa dos castanheiros; pertencia ao solar d'uma familia antiga a Casa de Villar, da qual se divisavam a pequena distancia os telhados empinados com as suas largas chaminés.

Quando em pequeno eu entrava na igreja, sentia um certo bem estar n'aquelle recinto, todo cheio de luz e flores, que o velho abbade tinha todo o cuidado em renovar por suas mãos.

Havia sobre tudo um altar diante do qual eu ficava em contemplação tempo esquecido. Era o altar da Senhora da Assumpção. Eu via a Virgem, de pé, cercada de nuvens e anjos, com o manto azul cruzado sobre as roupagens brancas, braços estendidos para o ceu, o olhar estatico, fixo n'um mundo, que eu não avistava, e a que a minha phantasia de creança punha encantos sem par, gosos inebriantes, eternos.

O meu espirito extasiava-se ao pensar n'aquella Virgem, levada através de nuvens pelos anjos, caminho de eternas delicias.

Não me succedia o mesmo quando olhava para o altar fronteiro. Sentia como que terror ao contemplar a estatua de Christo, curvado ao peso da cruz que elle conduzia fraco e sem forças para o Calvario. Havia tanto soffrimento n'aquelle olhar angustiado! Tanta dor n'aquellas faces maceradas! Era especialmente a bocca meio aberta, de labios seccos, e o olhar fito em mim, que me causavam uma impressão de medo, que não podia dominar. E' que na aldeia dizia-se, que aquelle Senhor dos Passos fallára uma vez a uma devota que recorria ao seu poder, n'uma afflicção pungentissima.

E nas procissões de penitencia? De noite ouvia de casa o dobrar dos sinos, como se alguem tivesse morrido, e ao longe duas fitas paralelas de luzes cortando o escuro; vinha a procissão descendo a encosta. Depois, mais tarde, ella ia entrando pela rua estreita da aldeia e eu via-a das janellas da casa, atravéz das nuvens de fumo dos archotes. Em baixo os penitentes, cobertos com lençóes brancos, atados á cintura por uma corda, e uns carregados com pesadas alavancas de ferro, outros fustigando-se fortemente com as disciplinas; as mulheres descalças, cabellos cahidos, coroas de espinhos na cabeça e velas na mão. Sobranceiro a isto tudo, curvado sobre a cruz, com a sua tunica roxa, os cabellos sedosos, sem brilho, espalhados pe-

los hombros, ia o Christo, e atraz os padres psalmodiavam o seu canto-chão. Lembrava-me tudo um sabat infernal a que presidisse o Senhor dos Passos; e, quanto mais elles se fustigavam, mais me parecia que o Christo se curvava sobre os penitentes, como incitando-os á tortura, sem dó da carne peccadora.

Mas vamos ao caso do Senhor do Milagre.

*
* *

Passou-se tudo em tempos que já lá vão. Foi na Casa de Villar.

A esse tempo a fidalga ainda moça e já viuva contorcia-se no leito da morte, entregando aos cuidados d'uma creada antiga, que tinha sido sua companheira d'infancia, a pequenina Guiomar, sua unica filha, que nascera havia um mez.

Maria da Luz, a creada, era tambem viuva a esse tempo, e havia pouco que perdera o unico filho que lhe ficára.

Quando Maria da Luz viu a sua pequenina, orphã, sem ninguem que a soubesse amar, ella, que tambem estava no mundo sem mais ninguem, concentrou todo o seu amor na sua Guiomar. O tutor, um tio d'esta, respeitou sempre o concentrado amor da criada pela sobrinha e tratou-a como uma verdadeira amiga, d'uma dedicação extraordinaria; e na verdade a pequenina era para Maria da Luz o seu idolo, o seu unico amor.

A creança era bem digna d'essa dedicação, pois que realmente tinha por ella um carinho e uma meiguice pouco vulgar.

*
* *

A pouco e pouco a creança tornou-se mulher e uma mulher adoravel. Em volta d'ella não havia miseria que

não fosse soccorrida, nem lagrimas que ella não enxugasse com palavras de carinho e consolação.

Era realmente o anjo bom da aldeia.

Como mulher, sem ser d'uma formosura e belleza esculpturaes, era comtudo d'uma sympathia extraordinaria, insinuante logo á primeira vista. Tinha sobre tudo um deliciosissimo sorriso que prendia e encantava. Quando ella sorria, todo aquelle rosto angelico se mostrava radiante á luz da immensa doçura do seu coração perfeito e bom.

Um dia Ruy de Souza, um primo, que Guiomar tinha *além-Douro*, pediu a sua mão em casamento. Ella acceitou, mais por satisfazer á vontade de seu tio e tutor, que levava muito em bem tal casamento, do que por impulso do seu coração.

Ficaram vivendo em Villar.

Ruy era um bello moço, mas muito novo, e, como tal, em pouco tempo principiou a levar vida de rapaz, sempre mettido com uns primos, que tinha na aldeia, e que gosavam de fama de devassos, em caçadas pela serra e dias e dias na cidade proxima entregue ao demonio do jogo e com mulheres levianas e faceis.

Guiomar vivia pois só em Villar, tendo comtudo sempre a seu lado a velha Maria da Luz, e, como verdadeiro encanto, uma filha que Deus lhe mandára para consolação da sua vida e do seu coração.

A má estrella de Guiomar tinha porém de a fazer passar pelo lance mais doloroso da sua vida.

Um dia viu morrer-lhe a filha estremecida que estendia para ella os bracinhos pequeninos, afogada no estertor horrivel da dyphteria, sem que nada a pudesse salvar. Soffreu atrozmente, parecia doida, e, apezar das consolações da boa Maria da Luz, no coração de Guiomar a partir d'aquelle dia rasgou-se uma ferida profunda, que nada pôde fechar.

*
* *

Todas as tardes ia á ermida orar na sepultura da filha que estava no jazigo da familia.

N'esse passeio diario quasi sempre a acompanhava um filho de seu tio e tutor, seu primo José, o qual em creança tinha brincado com ella como irmão.

Ruy continuava sempre com os primos na sua vida de desregramento.

Um d'esses, que era tido como um D. Juan temivel, havia muito que notára que Guiomar era simplesmente encantadora; o abandono do marido deu-lhe coragem e metteu hombros á empresa de se fazer amar. Guiomar comprehendeu as intenções perversas do fidalgote, a ninguem o disse, nem o deu a perceber a elle proprio, que a encontrou sempre impassivel e fria como o jaspe. A frieza de Guiomar exasperava-o, e quanto mais pensava n'ella mais o torturava deliciosamente a ideia persistente e continua de a possuir toda inteira, de lhe morder os labios apetitosos, rubros, côr de cereja.

Diante porém da virtude de Guiomar, o D. Juan tremeu; mas, perverso como era, intentou vingar-se. Pegou da penna e escreveu anonymamente a Ruy dizendo-lhe, que elle era o unico, que ignorava os escandalosos amores de Guiomar com o seu primo José. Entre outras infamias concluia dizendo que se escondesse entre os castanheiros, que havia em torno da ermida, á noitinha, e que os veria sahir juntos todas as tardes d'ali.

*
* *

No dia seguinte Maria da Luz ao atravessar o adro da igreja encontrou-se de repente cara a cara com Ruy.

Era ao cahir da tarde.

Maria, que o não esperava, ficou surprehendida e inquieta vendo-o com o aspecto inteiramente transtornado.

— O sr. Ruy aqui? disse ella.

— E' verdade, e que tens tu com isso? Onde está tua ama?

— Não sei, meu senhor, ou em casa, ou na ermida.

— E' provavel que esteja na ermida essa miseravel! Essa infame! Maria da Luz, que o odiava sinceramente, ao ouvir-lhe assim fallar do seu anjo estremecido, sentiu affluir-lhe precipitadamente todo o sangue ao coração, e pallida, com os olhos muito abertos, crescia para elle, dizendo-lhe:

—Cale-se, senhor, cale-se. Quem é miseravelmente perverso e infame... é...

Não terminou; Ruy com uma mão de ferro agarrando-lhe por um braço, prostrou-a de encontro á porta meio aberta da igreja.

— Cala-te mulher miseravel, tão infame como tua ama!

E partiu desesperado.

Maria sentiu uma dor vivissima como de estylete agudo que lhe varasse de lado a lado o coração.

Quiz gritar, mas a voz prendeu-se-lhe na garganta; quiz marchar, mas as pernas tremiam sem forças. No seu desespero infernal não sabia o que fazer.

Reparou então que tinha cahido á porta da igreja. Cambaleando foi prostrar-se aos pés do Senhor dos Passos. Com toda a fé d'uma alma afflicta, em ancias, pediu-lhe que salvasse a vida preciosa da sua Guiomar.

Estonteada pela dôr enorme, pungentissima, que a dominava, preza toda ella d'aquella afflicção sem nome, olhos fitos no rosto pallido do Christo, n'aquella meia luz do templo pareceu-lhe que todo elle se illuminava d'um fulgor estranho e que descerrando lentamente os labios lhe dizia baixinho:

— Socega... parte!...

Maria ficou attonita primeiro, com os olhos espantados, fixos no Senhor; depois, como que tocada por uma mola, ergue-se radiante, crendo piamente na influencia sobrenatural, divina, e correu á ermida.

Então, perto da capella, vio ao pé d'um velho castanheiro, estendido no chão, victima d'um ataque apopletico, Ruy de Souza.

Lá dentro, junto do tumulo da filha, de joelhos, Guiomar dava largas á sua dôr e á sua immensa saudade.

Mais além, José contemplava com interesse um retabulo antigo.

XIV

A camelia vermelha

Ahi por 1860 Santa Maria era uma pequena aldeia de Traz-os-Montes, escura e modesta como uma violeta, escondida entre verduras como um ninho de rouxinoes.

No meio de grandes castanheiros, vinhedos e campos sempre verdes, era rodeada a distancia por extensas orlas verde-negras de pinhaes, tendo como fundo de quadro, lá mais ao longe, a serra escalvada e nua, que, se recortava no puro azul d'um bello ceu peninsular.

D'inverno a paisagem tomava um aspecto mais triste e nú. As arvores, despidas da folhagem, mostravam os seus galhos negros espreguiçando-se em fórmas phantasticas n'um tom de chumbo. As encostas deixavam vêr os traços caprichosos das cêpas desenhando-se no fundo avermelhado e barrento do solo, e os valles pro-

fundos, tinha uma côr mais verde. A fita escura dos pinhaes mostrava um tom mais sombrio, e a serra perdia as suas fórmas, confundindo-as por vezes com as do nevoeiro, ou trocava o tom violeta pela roupagem gelada e alva das neves.

As casas da povoação, quasi todas d'aspecto pardacento, como em todo o Traz-os-montes, agrupavam-se em volta d'uma casa maior, de construcção pesada e severa; era o solar dos Figueiredos Noronhas, antiga familia, que, de ha muito, era para aquella pobre gente o seu amparo e conforto.

*

* *

Era então o representante d'aquella casa Alvaro de Figueiredo e Noronha, um velho de 75 annos d'um porte distinctissimo, que todos, moços e velhos, amavam e estimavam á porfia.

Alvaro, apesar dos seus 75 annos, era mais vigoroso e forte que muitos rapazes de 25 annos; entrára na guerra da Peninsula, e era um encanto ouvil-o fallar, cheio de enthusiasmo, de Beresford e Wellington. Seguia-se com interesse a descripção d'uma batalha qualquer; parecia que, descripta por elle, se estava realmente assistindo a esses episodios. E os camponezes escutavam'no com attenção religiosa tomando calor na acção, como se effectivamente fossem entrar em fogo.

Alvaro era viuvo d'uma mulher, que amára com toda a força da sua alma, e que, ainda joven, e d'uma belleza peregrina, morrera dando-lhe um filho, que era todo o seu encanto e as suas esperanças.

Gaspar de Figueiredo Menezes e Noronha, o filho de Alvaro, era uma elegantissima figura de transmontano; pallido, olhos negros, com largas pestanas avelludada se um pequeno buço louro, uma bocca com um sorriso por vezes zombeteiro. D'uma estatura mediana,

mas d'uma correcção tal de fórmas, que bem podia servir de modelo ao mais exigente esculptor.

Gaspar era o melhor cavalleiro das cercanias e, temerario e arrojado, contavam-se d'elle casos extraordinarios.

* *

Tinha gravada no mais profundo d'alma a imagem querida d'uma prima, Guiomar de Lencastre, que amava com uma paixão que não sabia dominar, apezar de temer deveras o caracter severo do pae, para quem estes amores eram a nuvem negra da sua velhice.

Guiomar amára de criança Gaspar, seu companheiro de brinquedos. Mais tarde, para salvar o pae e os irmãositos pequenos, da fome e da ruina, a que a má cabeça do pae levara a casa toda, casou com seu primo, o morgado de Poiares, homem d'uma boa fortuna, muito mais velho que ella, grande caçador, de modos rudes, pouco talhado para comprehender e possuir a delicada alma de Guiomar.

Poiares ficava na encosta, ao de lá da serra, e todas as noites um velho creado, alta noite, tirava com cuidado, por uma porta lateral, que deitava para uma azinhaga, o cavallo de Gaspar, ajaezado e prompto.

Gaspar montava e seguia, caminho da serra fronteira, em busca do momento anciosamente esperado, em que podesse emfim estreitar nos seus vigorosos braços o corpo franzino e delicado da sua Guiomar.

— Faz mal em ir assim sósinho, sr. Gasparinho, de noite, sem uma arma, por esses caminhos da serra. Deixe-me ir comsigo, dizia João, o velho creado, que vira nascer Gaspar, e o amava como se fosse seu filho.

— Não sejas tolo, João; commigo ninguem se mette e o cavallo é seguro.

— Tenha muito cuidado com a Cova de Lobos, olhe

que foi ali que mataram, ou que morreu, (o que nunca se soube), o morgado d'Alfarellos ; lembra-se ? E depois, mais baixo, ao ouvido : oh ! sr. Gasparinho, o irmão do morgado, o padre, não é bom, e a elle se attribue a morte do Manuel da Brizida !

— Ora não digas asneiras, João.

E Gaspar partia a galope, o coração cheio d'amor.

Uma noite, ao voltar de Poiares, Guiomar tinha-lhe dito :— Parte, meu amor, é tarde, e não voltes aqui sem eu te avisar. O padre anda desconfiado e tenho medo d'elle.

— Partir ! e já ! Oh ! meu doce encanto ! Mais um beijo só, e dize-me que o teu amor é sempre ardente, que só vives para o teu Gaspar.

— Pódes tu duvidal-o ?!

E ella sorria para o amante, bebia do seu olhar todo o philtro d'amor, que lhe embriagava a alma.

No cabello preto de Guiomar destacava-se uma camelia vermelha.

Gaspar, já disposto a partir, disse : — Dás-me essa camelia ?

— Dou. E poz-lh'a ella mesma na botoeira. Gaspar beijou-a e partiu.

*

* *

A noite estava escura, o ceu d'um esbatido de chumbo, um frio penetrante entorpecia os nervos, e, de quando em quando, cortavam o espaço, cerrado e opaco, uns pequenos farrapos brancos. Principiava a nevar. Gaspar, montado no seu cavallo andaluz, seguia com cuidado pelos ingremes e pedregosos carreiros da serra.

A neve cahia agora rijamente batida por um vento cortante.

De repente o cavallo estacou tremendo todo, elle apertou as pernas ao cavallo, mas este não obedeceu

á pressão, tremendo sempre. Na cerração da noite Gaspar viu então como que duas pequenas luzes brilhando a pouca distancia. Seriam os olhos d'um lobo? obrigou então a custo o cavallo a seguir o seu caminho, e não distinguiu mais nada. Subia a ladeira empinada da serra e nevava sempre, distinguindo-se já os contornos da montanha n'uma claridade alvacenta. De novo o cavallo estacou, e então Gaspar viu distinctamente dois enormes cães, desenhando-se na neve os vultos negros.

—São lobos, disse comsigo, e eu que não trago uma arma, e tenho ainda duas leguas de serra!

A custo obrigou o cavallo a caminhar.

Os dois vultos seguiam a distancia, ora receiosos, ora apresentando-se de frente, sentados nas patas trazeiras, no alto dos cabeços.

Gaspar aproximava-se do cimo da serra; ao voltar um cotovello do caminho notou, que os vultos augmentavam, e pôde contar distinctamente seis; estava irremediavelmente perdido. Os lobos animados pelo numero, cercavam mais de perto a sua prêsa.

Como ultimo recurso, agarrou no capote que o cobria e deitou-o á estrada; os lobos caíram sobre a capa, e conseguiu, enganando-os por momentos, distanciar-se um tanto d'elles. Mas o caminho tornava-se cada vez mais escabroso, principiava a descer para os lados de Santa Maria e era preciso descer com cuidado.

A meia encosta ficava a pequena ermida de N.ª Sr.ª da Guia; por baixo justamente passava o caminho estreito e pedregoso entalado entre a ermida e as arestas d'um despenhadeiro medonho, — a *Cova de Lobos*.

Ao chegar ahi, sentiu-se de repente uma detonação. O cavallo de Gaspar levantou-se ao ar, e, fazendo uma piroêta sobre as pernas, precipitou no espaço o corpo do cavalleiro, já sem accordo. O corpo de Gaspar, despedaçando-se de penedo em penedo, foi cahir em baixo, no fundo do covão.

Então, junto á ermida, surgiu por entre a alvura da neve o vulto negro d'um homem, com uma arma na mão, e que, por entre dentes, suspirava satisfeito: — Emfim!

*

* *

No dia seguinte uns moleiros que vinham dos lados de Poiares, vieram contar á aldeia, que tinham encontrado na serra o cavallo de Gaspar meio devorado pelos lobos, e que na—*Cova de Lobos*,—se avistava o cadaver de Gaspar todo esfrangalhado.

Effectivamente lá no fundo do despenhadeiro distinguia-se uma massa informe, meio coberta pela neve, alvo sudario que lhe servia de mortalha.

Na deslumbrante nitidez branca, junto do cadaver, destacava uma pequena nodoa vermelha arredondada, — era a *camelia vermelha*.

XV

O capitão-mór

Faz muito mal, Gaspar Borges, em sahir assim de noite de minha casa, olhe que se o apanham, dão cabo de si.

— Oh! sr. D. Rodrigo, só fui por duas vezes, depois da meia noite, a minha casa vêr a mulher e os pequenos.

— Mas não repita, não repita, que é muito arriscado.

— São capazes de dar cabo de mim esses *malhados!* Ai! que tempos! que tempos!... Se o sr. D. Miguel vencesse eu lhes diria a elles, eu lhes diria...

— Mas não venceu, resigne-se e tenha prudencia.

— Oh! fidalgo, o sr. D. Miguel sempre embarcaria em Silves?

— Embarcou sim, Gaspar Borges, no dia 1 do corrente pelas 6 horas da tarde na fragata ingleza *Stag*.

— Faça-se a vontade de Deus! dizia o capitão-mór, levantando os olhos para o ceu n'uma dolorosa resignação.

Este dialogo passava-se entre o capitão-mór de milicias Gaspar Borges e D. Rodrigo Pessanha, velho fidalgo transmontano.

D. Miguel de Bragança capitulara em Evora Monte, e o systema liberal estava implantado em Portugal á custa de muito sangue e muitos sacrificios.

O capitão-mór, logo que soube da capitulação, fôra refugiar-se em casa do fidalgo, que vivia a meia legua da sua casa. D. Rodrigo era respeitado por gregos e troyanos, e, apesar dos constitucionaes desejarem a todo o custo vingar-se das atrocidades praticadas pelo capitão-mór, ninguem se atreveria a passar o largo portão encimado pelo brazão dos Pessanhas.

Gaspar Borges seguira por muito tempo o conselho do fidalgo, não voltára a casa. Uma noite porém apertaram com elle as saudades dos pequenos e da mulher. Ouviu dar meia noite na egreja da aldeia, e abriu de mansinho a janella das aguas furtadas onde dormia. A noite estava escura como breu. Cerrou a janella, enfiou por uma escada, que ia dar ao quintal, cortou por uma rua orlada de maceeiras e abriu com cuidado uma porta que dava para uma *quélha*. [1]

Estava nos campos, fóra do povoado.

Olhou em roda, ninguem; o céo escuro era sulcado, cortado de quando em quando ao longe pelos relampagos, restos da trovoada, que pairara de dia. Atravessou um souto e metteu pelo caminho pedregoso apertado entre pequenos muros de pedra solta, que dividiam as propriedades.

Pouco depois passou as *poldras* [2] d'um pequeno ri-

[1] Azinhaga.
[2] Passadeiras de pedra.

beiro; vistas assim, na noite escura, as aguas espumantes, pareciam negras, feitas de tinta. Principiou então a subir uma encosta; ao cimo distinguia-se confusamente a massa negra d'uma casa. Era ali, que estava o que elle tinha de mais querido. Sorriu-se ao pensar que dentro em pouco ia estreitar contra o peito a esposa estremecida e os filhos, aquelles bocados da sua alma, que elle adorava tanto!

Apertou o passo, e, pouco depois, vencida a ladeira, abrindo uma cancella, que dava para um cerradosito, bateu d'uma maneira especial á porta. No andar superior abriu-se uma janella e uma voz fresca de mulher perguntou de cima:

— E's tu, Gaspar?

— Sou sim, abre depressa.

*

* *

Gaspar Borges era um athleta, homem alto, d'hombros espadaudos, onde poisava uma cabeça de cabellos ruivos, sedosos, quasi sem pescoço. Tinha uns olhinhos pequenos de côr clara, não olhando nunca de frente o interlocutor; d'aquelle corpanzil saía uma voz de criança, que punha nos nervos dos que o ouviam uns effeitos irritantes, como o do raspar d'uma unha sobre a superficie plana d'um vidro.

Fôra temivel, nas dez leguas em redor, por aquelles tristes tempos.

Amára só a mulher, os filhos e o sr. D. Miguel I.

Se do Porto vinha a noticia, que as coisas iam bem para as armas miguelistas, o capitão-mór saía á rua, e ia o diabo na villa proxima. Cantava-se *Te-Deum* com a assistencia do clero, nobreza e povo, organisavam-se procissões, em que n'um andor levado pelas damas mais fidalgas e mais gentis da terra, se ostentava um bello retrato do sr. D. Miguel. Depois seguiam-se as

mil atrocidades, as casas incendiadas e roubadas sob o pretexto, muita vez falso, de que os proprietarios eram *malhados!* Vinganças infames! Um horror!

Verdade, verdade, se era a causa liberal que vencia, as barbaridades e as vinganças, exercidas sobre os *burros*, não eram menores.

Desgraçados tempos!

*

* *

Seriam duas horas da madrugada quando o capitão-mór se resolveu a voltar para casa do fidalgo.

Apertou contra o amplo peito a esposa, beijou os pequenitos que dormiam o bom somno tranquillo das crianças, e disse para a mulher:

— Vê primeiro se passa alguem pelo caminho.

A mulher abriu devagar a janella, esteve um bocado espreitando e recuou horrorisada!

— Gaspar, a casa está cercada!

O capitão-mór tornou-se excessivamente pallido, apalpou nervoso a coronha de duas pistolas e disse por entre os dentes cerrados:

— Não me levam ás primeiras; matar me-hão, mas antes algum d'elles ha de pagar o arrojo com a vida.

— Ai! filho da minh'alma, que ha de ser de mim e d'aquellas criancinhas?!

E estreitava-o convulsivamente contra si, banhada em lagrimas, n'um desespero atroz, sem saber o que fazer.

— Socega, disse elle, vae á janella do quintal e vê se por aquelle lado está alguem.

Ella foi.

Gaspar ficou só no quarto e os filhos adormecidos.

O que se passou n'aquella alma, n'esse curto espaço?! Que tortura enorme lhe dilacerou o coração?!

N'um relance anteviu tudo, a mulher viuva, e os filhos orphãos.

Olhou o grupo adormecido, curvou-se sobre elle, e beijou as creanças mansamente; quando se levantou fixando sempre os filhos queridos, distinguia-os confusamente atravez d'um veu de lagrimas e o coração parecia prestes a estalar.

Enxugou as lagrimas á pressa porque entrava a mulher.

— Então?

— Não vejo ninguem.

— Bem, eu salto o muro do quintal, e, passando por cima da pedreira, vou ter ao carreiro, que leva á casa do fidalgo. Adeus, amor da minh'alma, pede a Deus por mim, e vela pelos nossos filhos.

Enlaçou a ainda nos braços robustos, olhou mais uma vez as criancinhas e partiu.

*

* *

Gaspar saltou o muro e cortou por um terreno bravio. Era arriscada a passagem com a noite assim escura.

Para alcançar o carreiro, que por um atalho levava á aldeia, era preciso passar sobre a aresta d'um precipicio, a pedreira; alem d'isso, devia atravessar muito agachado, pois podia ser visto da estrada, que ficava mesmo em baixo.

Principiou com cuidado a travessia; mas, teria dado dois ou tres passos, sentiu de repente esboroar-se o terreno debaixo dos pés, tentou segurar-se a um arbusto, este esgarrou e elle foi rolar em baixo.

Ao baque da queda, junto a um grande grito, que Gaspar não podera suffocar, acudiu um dos constitucionaes, que cercava a casa do capitão-mór e avistou logo em baixo entre as pedras Gaspar Borges arfando.

— Ah! cão! que te apanhámos! E correu a dar signal d'alarme.

D'ahi a pouco o capitão-mór estava cercado pelos liberaes. Tiraram-no da pedreira e trouxeram-no para a estrada; mal podia andar, na queda deslocara um pé e partira o braço direito, escalavrando o corpo todo.

Os constitucionaes discutiram entre si o que deviam fazer do homem.

As opiniões discordavam, por fim cederam á vontade d'um d'elles a quem o capitão-mór mandára matar o pae. Concordaram em que fosse conduzido a essa aldeia para ser morto em frente da casa, que elle mandara incendiar, depois da morte do chefe da familia.

Gaspar Borges ouvia silencioso e pallido.

Principiou então o doloroso martyrio.

A aldeia ficava a uma legua de distancia, agarraram-lhe brutalmente pelos hombros, e um d'elles com uma coronhada, obrigou-o a seguir difficilmente os seus algozes.

Passou-se uma scena de cannibaes que a penna se recusa a descrever.

.....

Avistavam-se já as primeiras casas da aldeia onde o capitão-mór devia ser morto.

Junto d'um muro, ao lado da estrada, uma fraca luz de lampada alumiava um nicho, onde se viam uns corpos semi-nus, contorcendo-se nas labaredas infernaes, erguendo os braços tisnados para um Christo pallido, de braços abertos, pregados na cruz. Ao chegar ali o capitão-mór mettia dó, arrastando-se difficilmente, com ambos os braços fracturados, esburacado, mostrando as feridos gottejantes, semi-morto. Então elle, que até ali não descerrara os labios, voltou-se para os seus inimigos e pediu-lhes pelo amor de Deus, que acabassem com elle ali mesmo, que não podia mais.

Os liberaes reuniram em grupo para resolver. Gaspar Borges foi cair ao pé do nicho alumiado tenuemente pela pequena lampada,

*

* *

No dia seguinte o sol rompeu esplendido n'um ceu limpido e sereno. No ambiente respirava-se o ar acremente perfumado, que vinha dos campos, em plena vegetação luxuriante.

Junto do nicho via-se, medonho á vista, meio esphacelado, o corpo do capitão-mór. Da bocca arreganhada na contorsão suprema da agonia, saía por um dos cantos um laivo de sangue negro, avidamente sugado por muitas moscas. Os olhos vitreos, quasi saltando fóra das orbitas, tinham uma expressão angustiosa, horrivel. O corpo gigante coberto de lama e sangue, estendia-se meio arqueado sobre a relva verde, d'onde espreitavam umas floritas campestres.

Junto do pequeno alpendre, que cobria o nicho, esvoaçavam umas andorinhas em volta d'outras, que, deixando ver as pequeninas cabeças saindo dos ninhos, chilreavam alegres saudando o sol nascente.

XI

Consciencia de bandido

PENDURADA sobre um corte quasi a prumo, ficava a *casa da residencia* com a larga varanda, á qual o telhado formava alpendre. Junto da grade de madeira, uma rapariga dos seus dezoito annos dizia para dentro:

— Oh! mãe, tarda hoje o tio.

Do escuro do portado, que communicava com o interior, vinha sahindo uma mulher alta, dos seus cincoenta annos, um tanto curvada já.

— Talvez se encontrasse com o Silva e o demorasse por lá no casal da Murteira.

— O tio não devia andar só: está velho, e o caminho da quinta é tão ermo; e elle teima em lá ir todas as tardes...

— E' o seu vicio; que queres... não tem outro. Mas quem póde lá querer mal a teu tio! pobre velho que faz bem a tanta gente!

— Sim, isso é a verdade; aquelle vive só para a sua egreja e para os seus pobres; mas d'um malvado ninguem se livra, e ha tantos por esse mundo de Christo!

— Ora, adeus. Que tolices!

Encostavam-se agora ambas á grade da varanda.

O sol havia muito que se escondera por traz d'um cabeço. Ficára o ceu esbrazeado, e, no tom de fogo brilhante, umas estreitas e compridas nuvens punham manchas côr de chumbo, com leves tons rosados, orladas d'oiro muito luzente. Aquelle tom afogueado ia-se esbatendo suavemente, muito egual, até se perder no azul transparente e purissimo. Um pequeno ribeiro fugia em baixo aos torcicolos, ladeado de salgueiros muito verdes e esguios, cortados transversalmente pelas *poldras*. Um rebanho de cabras passava o rio a vau. De pé, sobre uma das pedras, o pastor, encostado ao cajado, enxotava as que ficavam para traz, tardias, mitigando a sêde, satisfeitas. As aguas, d'uma grande limpidez, mostravam tremulamente a imagem invertida do pastor, das cabras e da margem fronteira, muito escarpada. Por um carreiro em zig-zag, que subia para a aldeia, caminhavam lentamente as lavadeiras, com grandes trouxas de roupa á cabeça.

Toda a paisagem escurecia lentamente.

Do outro lado da casa ouvia-se o toque das Avé-Marias no campanario da igreja.

Mãe e filha, muito direitas, murmuravam uma oração.

Invadia-as uma grande melancolia.

Depois a rapariga voltava ao seu pensamento constante:

—Vae anoitecendo e o tio sem se avistar.

Silenciosas, fitavam um pedaço de caminho, que, para lá do ribeiro, se ia perder n'uma curva do terreno.

No poente o esbrazeado, muito vivo, desapparecera

inteiramente, tomára agora uma leve côr alaranjada esfumando-se n'um tom limpido e polido como espelho; as nuvens eram d'um rosa desmaiado, e o azul carregado, pouco a pouco, mostrava-se violeta, salpicado já, aqui e além, pelos pontos scintillantes das estrellas que começavam a apparecer.

As aguas do ribeiro pareciam de chumbo, e os salgueiros confundiam-se escuros entre a neblina que descia da serra.

— E o tio sem vir, repetia novamente a rapariga.

— Vae-me dando cuidado; entremos, que está arrefecendo e vou mandar o José em busca d'elle. Verás, não é senão o Silva, que lhe está por lá pregando alguma massada, das que elle sabe dar. Muito bôa pessoa, mas muito massador.

Entraram.

A Gertrudes trouxe um candieiro de tres bicos, de latão amarello. Atraz d'ella o grande gato pardo, de rabo muito direito, arqueado o dorso, roçava-se voluptuosamente.

— Diga ao José, que accenda o lampeão e vá caminho da quinta até encontrar o sr. reitor.

*

* . *

Sentaram-se em torno da meza, que ficava ao centro da pequena sala.

Esta sala destoava um tanto da simplicidade ou quasi pobreza que se via em toda a casa. Eram restos da antiga abastança que os antepassados da familia tinham gosado. Uma historia longa e triste. Servia ao mesmo tempo de sala de costura, de visitas, e escriptorio. A um lado ficava uma commoda-secretaria, bojuda, de pau preto, marchetada de pregaria amarella,

os pés terminando em garras apertando umas espheras. Inclinados sobre o camapé, tambem de pau preto, viam-se na parede, muito caiada, tres espelhos esguios, sendo o do centro maior e os lateraes mais pequenos, com molduras de talha dourada, e de lavôres vasados, terminando no alto em concha recurva. O tecto, em cupula, de madeira, almofadado, pintado a oleo, d'um branco já amarellado, perdia-se na penumbra. Das paredes pendiam retratos de familia: uma tia freira, o avô coronel de cavallaria e um tio desembargador.

Havia muito que as duas costuravam, pallidamente illuminadas pelo velho candieiro de latão.

Sentiu-se o ranger da porta que se abria na saleta proxima, applicaram o ouvido anciosas. Passos pesados cortavam a saleta, a porta abriu-se, era o reitor.

Parecia ter setenta annos; a physionomia attrahente, destacando nos cabellos grisalhos, respirava no seu olhar franco e bom a ingenuidade das creanças.

Vinha muito pallido.

Irmã e sobrinha correram para elle.

— Que foi, tio?... que lhe aconteceu?

— Porque chegaste tão tarde, João? Trazes o parecer alterado... que te succedeu?

— Soceguem, soceguem, eu lhes digo; mas, primeiro fechem bem a porta.

E o bom velho sentou-se junto á meza, na poltrona do costume. O gato saltou-lhe contente para o collo, e o reitor principiou a sua narrativa.

*
* *

Voltava eu da nossa quinta, era já tarde; ao passar pela Murteira, encontrei-me com o Silva, que me demorou bastante a desafogar comigo a grande dôr

que lhe vae n'alma, com a fugida da sobrinha. Coitado, sempre que me vê me falla n'isso, desabafa o pobre velho, mas, que posso eu fazer-lhe?

Como fosse tarde, despedi-me e segui caminho.

Vocês conhecem um pardieiro arruinado, que fica junto da estrada, êrmo e só. Pois bem, ao chegar ali apressava eu o passo para poder passar o ribeiro com ar de dia, e então, d'entre as ruinas, saltou um vulto ao meio da estrada e estacou na minha frente. Eu parei.

— Oh! *sôr* reitor! disse elle encostado ao bacamarte, sabe quem eu sou?

— Não tenho o gosto...

— Pois, eu sou um dos *Chuços*. [1]

Fiquei diante d'elle muito enfiado e não se o que lhe disse.

— Sabe para que aqui estou? tornou elle.

— O senhor o dirá, tartamudeei eu.

— Estou aqui para o matar!

— A mim?! disse eu attonito.

— *O' sôr* reitôr, sim senhor...

— Pois senhor, não sei que mal lhe fizesse...

— A mim nenhum, e, socegue, que eu já resolv não o matar, disse elle seccamente.

— Oh! senhor, muito obrigado...

— Não tem nada que agradecer-me, oiça lá:

O *sôr* reitor tem um grande inimigo, que me deu trinta moedas d'ouro para eu o matar. Vae eu recebi as trinta moedas e disse para mim: Antes de o matar hei de indagar do caso, não se mata p'r'ahi um *hóme*, sem se saber o que elle é. Então, disfarçado, percorri a aldeia, toda a freguezia até á villa proxima. Procurei, indaguei, todos me disseram bem do *sôr* reitor e mal do outro. Resolvi pois de mim para mim não o matar, e matar o outro, se o *sôr* quizer.

[1] Dois bandidos, irmãos que infestaram parte da Beira nos principios d'este seculo.

— Não, não mate ninguem, e muito obrigado por me ter poupado a vida, que, apesar de velho, ainda é precisa a alguem.

Era noite fechada, despedi-me do *Chuço* e segui.

Elle então, junto das ruinas, disse-me ainda:

— Oh! *sôr* reitôr, apesar de ser o que sou, cá um *hóme* ainda tem consciencia!

— E eu vou pedir ardentemente a Deus por si nas minhas orações.

*

* *

Ficáram os tres silenciosos, pasmados do caso extranho.

A' porta entreaberta assomou a face rechonchuda da Gertrudes annunciando a ceia.

Nas pernas do reitor, muito enroscado, o grande gato pardo fazia ouvir o seu *room... room*, cheio de uma grande beatitude.

— Mas, porque é que o José Fontoura lhe quer tanto mal, meu tio?

— Porque sabe muito bem, que, em quanto eu viver, a senhora morgada, a viuva do meu amigo Cypriano de Mello, não irá cahir na miseria, ella e os filhos, fazendo com aquelle malvado usurario contractos, que a arruinariam, enriquecendo-o a elle.

— Pois será possivel tanta malvadez?

— E' sim, filha. Se n'este mundo ha muita alma depravada, ainda existem as boas, como a...

— Sua, meu bom tio, disse ella, cobrindo de beijos a face rugosa do velho.

XVII

Anjo mau

VERANEAVA na sua quinta da Veiga o commendador Soares. Viera n'esse anno mais cedo por causa das eleições.

Já entrado em annos, voltára do Brazil possuidor de grandes haveres, e de uma formosa creoula, a quem chamava esposa e que, pela differença d'idades, podia bem passar por sua filha.

Ia anoitecendo. A tarde estivera abafada, suffocante. O commendador reunia n'essa noite, depois d'um bom jantar em que apresentàra aos seus amigos o padre Arthur, o candidato governamental, chegado na vespera de Lisboa. Padre Arthur teria 30 annos, talento robusto, formado em direito e theologia, orador fluente, de palavra facil, em quem o seu partido depositava grandes esperanças.

Nos vastos salões, cheios dos aromas inebriantes das flôres, de jorros de luz esplendida, cahindo dos

altos lustres dourados, e esbatendo-se em cheio nos hombros e seios das damas elegantes, redemoinhava a valsa doidejante.

A um canto, retirado, conversava o padre Arthur, havia muito, com uma dama joven e morena, de bons olhos negros e formosura distincta. Chamava-se Laura. Conheciam-se de ha muito, do tempo em que o padre era ainda o capellão da velha fidalga, madrinha de Laura.

— N'esses tempos — dizia ella —, era o senhor simplesmente o padre Arthur; eu, já então com pretenções a senhora, ficava-me horas esquecidas a ouvir-lhe contar os enrêdos romanescos dos muitos livros que o sr. lia. Hoje é o senhor doutor, futuro deputado, que sei eu!...

— Não tróce, Laura. Sou sempre o amigo dedicado, que outr'ora possuia a confiança da criança, e que hoje se daria por feliz se tivesse a amisade da mulher.

— E porque não? Olhe, vou dar-lhe já uma prova. Sabe, que me caso?

— Casa-se? Quem é o venturoso que...

— Julião de Moura.

— Sério?... Um velho que podia ser seu pae!

— Acha que faço mal?

Depois d'um momento de silencio elle respondeu pausadamente:

— Não acho que faça bem. Ora ouça:

Vê além... encostado junto d'um reposteiro, o Soares? repare bem n'elle. Note aquelle olhar mortiço, sahido d'uns olhos sem pestanas, a face, picada de bexigas, velha, fatigada, um todo alquebrado e gasto. Compare-o agora com a deliciosa esposa, a linda Josephina, que tão amavel parece estar com o seu par, aquelle peralvilho louro que não sei quem é. Como ella é esbelta, perfeita, cheia de viço e mocidade!

— E depois?

— Depois, lembre-se bem que a Laura póde, um dia, ser a bella Josephina que além vê.

— Oh!... nunca! — dizia revoltada—. Sabe o que se diz d'ella?...

— Com verdade, ou sem ella, póde bem ser o que dirão de si ámanhã.

— Ouça. Eu caso com Julião de Moura porque sou pobre; demais, sem pae, sem mãe, só com a Cacilda, a minha irmãsita mais nova, que quer? Tremo pelo futuro d'ella... e pelo meu proprio.

— Sim, o Julião é rico.

— Rico e bom.

— Bom!... em que? Em ter feito uma fortuna á força d'usura? Diga-me, Laura, ama-o?

— Não.

— Ah! então comprehendo...

— Comprehende o que?

Elle fixava n'ella os olhos pequenos mas vivos, d'um pardo onde havia reflexos doirados, penetrantes como o das aves de rapina; depois, um tanto pallido, disse-lhe baixo, lentamente:

— Comprehendo que... se vende.

Laura desappareceu-lhe de subito a côr das faces, todo o seu sangue affluiu em fogo ao coração, levantou-se como impulsada por uma móla invisivel e disse seccamente:

— Não fallemos mais n'isto.

E desappareceu.

*

* *

Ia adiantada a noite, o delirio do baile tocava o seu auge; de repente o ribombar sonóro d'um trovão, repercutido de quebrada em quebrada, veio perturbar a festa; atraz d'este, outro e outro.

As dignas matronas, sentadas ao longo dos salões, clamavam por Santa Barbara, por todos os santos en-

tendidos em casos d'electricidade e balbuciavam automaticamente a *Magnificat*, de tradicional efficacia contra raios e coriscos.

A tempestade crescia sempre, medonha, assustadora. As familias, apressadas, iam sahindo, abandonavam o baile.

Em uma das salas, já deserta, o padre Arthur, só, encostado ao peitoril d'uma janella aberta, contemplava absorto o imponente espectaculo que se desencadeava em frente. De quando em quando as trevas caliginosas e densas eram rasgadas de lado a lado pelo clarão fulgurante dos relampagos, illuminando com a luz crua e pallida a paizagem toda, n'um tom phantastico, de visão entrevista um momento, para cahir de novo tudo no escuro profundo.

Então, elle sentiu alguem junto de si: voltou-se, era Laura.

— O que! não tem medo da trovoada?

— Não. Mal sabe quanto me attrahe este soberbo espectaculo da natureza.

— Julgava-a mais timida.

— As apparencias illudem muita vez.

Ficaram silenciosos algum tempo.

Parecia que entre os dois havia muita coisa que sentiam e se não atreviam a dizer. No coração de Laura dava-se n'esse momento uma tempestade, tão violenta talvez, como a que ella contemplava. O que se passava no do padre Arthur? Não sei. E' certo que ao clarão dos relampagos elle contemplava Laura achando-a notavelmente fascinante; esta não desfitava os olhos da tempestade; e assim, sem olhar para o padre, disse-lhe com a voz um tanto tremente:

— Sabe?... já me não caso.

— Já se não casa?

— Não. Amanhã mesmo enviarei ao Julião as prendas que d'elle recebi.

— Mas, que subita mudança...

Então ella, encarando o padre bem de frente, disse-lhe com voz segura:

— E' que não quero... vender-me!

*

* *

O Soares venceu a eleição, o padre Arthur partiu para Lisboa, deputado da nação portugueza.

Pouco depois Laura soffria o grande golpe da perda da sua pequenina Cacilda; chorou-a amargamente, e a rogos da madrinha voltou para casa d'esta.

Quando as côrtes se fecharam, o padre Arthur veio estar algum tempo em casa da madrinha de Laura.

Assidua e cautamente principiou a fazer a Laura uma côrte calculada, systematica. Depois, de Lisboa, mandava-lhe umas longas cartas, verdadeiras preciosidades de estylo, que a entonteciam, fascinavam e prendiam, como a aranha nojenta prende nos fios tenues o insecto doirado.

Laura sentia por elle um amor ideal, sonhador, romantico. E chamava-lhe seu anjo bom! ente querido da sua alma! que lhe fizera vibrar o coração adormecido, a salvára da visão terrivel do Julião, onde ella não poderia nunca antever sequer o paraizo encantador do seu estremecido amor d'agora.

Um dia porém a triste realidade veio dolorosamente acordar Laura do seu doce sonhar.

A sua velha madrinha morreu de repente, sem testamento, e a herança foi parar a uns parentes afastados, do Riba-Tejo.

Padre Arthur luctava então braço a braço no parlamento contra a opposição, que, atravez de tudo, forcejava por derribar o governo.

Laura via-se só e pobre. Uma velha amiga da madrinha conseguiu arranjar-lhe, passados tempos, um

logar de mestra n'uma familia antiga do Minho. Laura agradeceu-lhe reconhecida o favor e partiu.

*

* *

Era por setembro. Laura estava com a familia do Minho a banhos n'uma praia do norte.

Uma tarde, em que ella passeava com as duas pequenitas suas discipulas á beira do mar, achou-se de repente com o padre Arthur.

Sentiu uma commoção violenta, apertaram-se as mãos com grande effusão; em seguida Laura disse ás pequenas que fossem apanhar conchas e sentou-se n'um rochedo.

Ficaram sós.

—Tu aqui, Arthur?

— E' verdade, fecharam as camaras, cedi ás instancias do Soares e estou além, da outra banda, por dias. Sabia pela ultima carta tua, que estavas aqui, e quiz fazer-te esta surpresa. Mas dize-me, e tu demoras-te?

—Todo o mez.

— Oh! vou então prolongar a visita ao Soares, virei por aqui a miudo, daremos largos passeios...

—Tenho mêdo, filho.

— E de quê?

— Que desconfiem lá em casa, bem sabes...

—Tens razão. Ah! tenho uma ideia. Faço-me passar por teu tio, hein? teu tio, tem graça: depois invento uma tia, entrevada, além, da outra banda; tu partes comigo ver a tia, e depois, sós os dois, verás que momentos felizes vamos passar, fallando livremente do nosso muito amor, immenso e profundo, como este ceu limpido que nos cobre e esse mar revolto que [illegible]ber-te os pés. Verás. Amanhã...

— Oh! Arthur, não, podem vir a sabel-o...

— Ora adeus, quem é que o sabe. Amanhã mesmo lá vou, não sejas má, porta-te bem.

— O que tu quizeres, meu anjo bom.

— Adeus, é tarde, o Soares espera-me para o jantar. Até ámanhã, meu amor.

Ella, de pé, sobre o rochedo, ficou seguindo com a vista o pequeno barco atravessando lentamente para o outro lado, o qual na superficie mansa e polida das aguas deixara um leve rasto encrespado.

*

* *

Dias depois partiram juntos para a outra margem.

O rio lembrava um espelho enorme retratando nitida a abobada azul do ceu cortada pelas aves maritimas que, umas atraz das outras, corriam para a terra.

Abordaram á margem e partiram felizes e contentes.

Da areia macia a costa transformava-se bruscamente em longa penedia de accesso difficil. Laura tinha por vezes de amparar-se a elle, e o padre sentia fremitos nervosos ao contacto quente e suave d'aquelle corpo gentil que o deliciava.

— Que pessimo caminho, Arthur.

— E' só um bocado, até á ermida do *Senhor da Boa Viagem:* ali estaremos bem e gosarás um magnifico horisonte.

No sul uma nuvem negra tomava proporções gigantescas e o mar encapellava-se mais e mais, rugindo furioso. Havia no ar uma atmosphera quente, pesada, enervante, e as aves maritimas continuavam cortando o espaço com o seu vôo pesado, buscando a terra.

— Está uma atmosphera quente, desconfio que va-

mos ter tempestade, Arthur, disse ella olhando ao largo a nuvem negra.

— Não me parece.

— Sempre que ha tempestade, vem-me á memoria aquella noite em casa do Soares, lembras-te? que doce recordação!

De repente o padre voltou-se para ella e disse-lhe:

— Mau! Por esta não esperava eu.

— O que foi?

— Vem além a familia do Soares. Espera, corta á direita.

E enfiaram por um carreiro estreito que descia entalado entre penedos.

— Oh! Arthur, como é custoso! Não posso caminhar.

— Espera, eu passo adiante.

E amparando-a, quasi a levava suspensa entre os braços.

— Mas isto é medonho, tu para onde me levas?

O padre caminhava sem responder; desceram ainda dois ou tres passos. Elle parou então e disse-lhe, mostrando-lhe um buraco escuro, formado por dois penedos enormes, encostados um ao outro, por onde mal passaria um homem:

— Para ali.

— Para ali? E' tão escuro e parece-me ouvir o mar esfusiando lá por dentro.

— Não tenhas medo, é uma gruta minha conhecida: o mar entra por uma anfractuosidade dos rochedos, mas não nos toca. Espera, eu entro primeiro para te passar depois para dentro.

— Oh! não Arthur, para ali não.

— E se nos veem? Vamos, anda depressa que eu sinto já a voz do commendador, não tarda que appareça em cima d'estes penedos.

O padre de dentro, no escuro, mostrava a face afogueada; o olhar vivo, scintillante, fixava-se n'ella, magnetisando-a, dominando-a.

Laura, envolvida, fascinada por esse olhar hesitava receiosa, como que presentindo qualquer cousa que lhe traria desgraça. Olhava o amante e sentia a attracção do abysmo; Arthur dizia-lhe de dentro: «Vem, meu amor, olha, não sentes já os passos do commendador?

Então ella disse, suspirando meigamente:

—Valha-me Deus, meu amor. E precipitou-se-lhe nos braços, desapparecendo por entre as sombras cerradas. Elle apertou-a contra o peito como cousa sua, ebrio, allucinado.

Em cima ouvia-se a voz do commendador, dizendo á esposa que na vespera os pescadores tinham tirado muito *mexuálho*. Josephina alongava a vista pelo oceano revolto, abria a linda bocca, aborrecida, e indagava entre um bocejo se partiriam cedo para Pariz.

*

* *

Laura foi durante dez annos a amante do padre Arthur. Este por fim abandonara-a, como ente altamente prejudicial á sua carreira e ambições futuras.

Continuava no parlamento a prestar relevantes serviços ao seu partido, o qual, novamente no poder, ia por fim recompensar a sua dedicação partidaria nomeando-o bispo d'uma diocese vaga.

Os jornaes da opposição clamavam irritados contra o espantoso escandalo em phrases violentas, energicas; os do governo exaltavam á porfia as virtudes do futuro prelado. Um d'elles, fazendo a biographia do padre em estylo empolado e rhetorico, ousava comparal-o a Fr. Bartholomeu dos Martyres, não sei se com vantagem para o padre.

Vejamos o que foi feito de Laura.

A sua vida depois do abandono do padre foi uma serie de desgraças consecutivas que dariam um livro tristemente curioso. A' força de amarguras e miseria

acabou por se lhe entenebrecer de todo a intelligencia, dilacerada pelas garras tremendas da loucura.

Conservava-se quasi sempre n'uma grande mudez, ou indifferente. De longe em longe, uma suave miragem lhe illuminava as profundas trevas, e um sorriso feliz vinha avivar-lhe o rosto definhado que fazia lembrar o das martyres ascetas, e murmurava então baixinho, docemente: Meu anjo bom!... meu anjo bom!...

XVIII

Frei Mathias

Se bem me lembro, isto passou-se por 1870. Foi, sim, e por signal que não se fallava senão em Francezes e Prussianos.

Era ao almoço. A casa de jantar tinha um aspecto severo, pesado: as paredes revestidas até meio d'azulejos, figurando uma caçada ao javali; o tecto de castanho, apainelado, elevando-se em cupula; e, por cima da chaminé do fogão de pedra pintada de preto, destacava na côr amarella da parede, entre os dois altos portados das janellas, um primoroso quadro a oleo da Senhora da Soledade, com a sua cabeça adoravel encostada ao madeiro da cruz, a face muito pallida, o olhar angustiado saindo d'uns olhos formosissimos, orvalhados de lagrimas. Na parede em frente ficava a porta, coberta por um pesado reposteiro de damasco, com o brazão dos Souzas; e aos lados, dous louceiros, que deixavam ver pelos pequenos vi-

dros dos caixilhos, de recortes caprichosos, velha louça da India e pratas antigas de primoroso lavor.

Ao tôpo da grande meza em oval estava sentada a fidalga, uma viuva, morena, ainda formosa, de olhar suave e triste, rodeada de muitos filhos.

Aquella mãe, vestida de preto, cercada dos que mais amava, n'aquella casa d'aspecto severo, frio, fazia lembrar os velhos quadros biblicos.

Empoleirado na sua cadeira alta, um dos mais pequenos, de cabellitos muito encaracolados, fresco e perfumado como um morango, com o chá deitado no pires, chapinhava tranquillamente as mãositas microscópicas no liquido tépido, côr de ouro, passando depois a completar a *toillete* lavando a carita.

A mãe via-o fazer tudo isso e sorria; depois, muito séria, ralhava:

— Jorge! então isso faz-se!

Do outro lado o mais velho, já homem feito, alto e magro, de buço fino, lia com attenção uma extensa carta.

— Não sabe quem chega amanhã, oh! mãe? disse elle, dobrando a carta, o frei Mathias.

— Pois o frei Mathias vem cá?

— Deve estar ahi amanhã, chega no comboio da madrugada.

— Ora o meu frei Mathias! coitadinho, que grande alegria que me traz, mal sabe elle. Deus o traga. Oh! Margarida, veja bem que não falte nada no quarto dos hospedes, vá logo fazer a cama e tratar de tudo com cuidado, não se esqueça.

E a boa senhora terminava o almoço, satisfeita, antegozando já as grandes palestras que o seu frade, como ella lhe chamava, lhe ia proporcionar.

Pelas grandes janellas abertas via-se em baixo o rio, serpenteando muito falto d'agua, como o fio tenue, prateado, por meio da areia dourada pelo sol, que já queimava áquella hora; aos lados prolongavam-se em

cerda os choupos da margem, muito esguios, com as folhas verde-claro, tremendo agitadas brandamente pela aragem; depois, a varzea, muito frondosa, d'onde subia vagamente o perfume suave do trêvo, e logo, em socalcos, trepando pela collina, os vinhêdos até ao paredão, que sustentava o jardim, e circundava a casa toda.

*

* *

Havia tres dias que chegára o frade.

A fidalga, para honrar a visita do seu hospede, convidára alguns amigos a jantar; e, depois da sobremeza, já quando tomavam o café na sala de visitas, travou-se grande discussão entre o *Zé* da Botica, um de olhos pequeninos, muito vivos, e o doutor Fonseca, grande politicão do sitio, que, sentado muito commodamente n'uma fôfa poltrona, remexia placidamente com a colher o assucar da chavena, dizendo com um ar de compaixão, que extraordinariamente exasperava o *Zé* da Botica:

— Coitado, o sr. não vê mesmo dois dedos adiante do nariz. Se ós Francezes tivessem um Moltke, ou um Bismarck, então sim senhor, outro gallo lhes cantára, mas assim... estão promptos, digo-lh'o eu.

— Não diga barbaridades, doutor.

— Ora lérias, homem, lérias, aquillo em França está tudo pôdre: desde o primeiro até ao ultimo ninguem se entende. E' como por cá, homem!

O *Zé* da Botica, de pé, todo afogueado, já pelo calôr da discussão, já pelos effeitos dos liquidos preciosos, que bebera com delicia ao jantar, respondia furioso, quando o frade, enfiando o braço no do filho mais velho da fidalga, lhe disse:

— Oh! Gasparinho, deixe lá esses caturras quebrarem lanças pelos Francezes e Prussianos e vamos nós

tomar um pouco d'ar ao jardim, antes que anoiteça de todo.

Partiram.

Lá fóra havia uma luz doce. Vinha do rio e da varzea uma frescura suave e do jardim uma atmosphera balsamica, onde predominava o aroma penetrante das açucenas.

O sol sumira-se de todo por traz das montanhas azuladas, deixando o ceu esbrazeado, com scintillações vivas, metallicas, destacando todo o poente n'um esbatido levemente alaranjado, que se perdia suavemente na abobada purissima, sem uma nuvem.

Sentaram-se os dois por baixo d'um caramanchão de jasmim e madresilva, que debruçava sobre a estrada, por entre os tufos de verdura, as suas flôres perfumadas. Ao lado ficava um enorme e copado freixo, onde os pardaes, ás revoadas, de ramo em ramo, faziam uma chilreada alegre e viva.

A distancia avultava a vasta casaria d'um convento que se enxergava entre uma grande matta de carvalhos.

— Oh! Gasparinho, disse o frade, para que serve hoje o convento?

— E' propriedade d'um brazileiro que só ali vem ahi por setembro; de resto está entregue a uns caseiros, que olham pelas casas.

— E... poderia vêr-se?

— Póde sim, quer lá ir?

— Queria, queria, mas... haviamos de ir só os dois.

— Está dito. Quando deseja ir?

— Vamos ámanhã? de madrugada?

— Sim senhor, ás horas a que quizer.

*
* *

Mal rompia a manhã quando elles partiram caminho do convento. Atravessaram a aldeia, quasi toda ainda silenciosa.

Um ou outro camponez vinha á janella, em mangas de camisa, somnolento, espreguiçando-se n'um grande banho de ar puro, olhando espantados o frade e o fidalguinho áquella hora tão matinal já estrada fóra.

Chegados ao fim da aldeia tomaram á esquerda e enfiaram por um carreiro ingreme que, por traz da povoação, cortava a encosta até ao alto.

Era difficil a subida, e o frade, curvado, agarrado ao seu pau ferrado, caminhava lentamente. Era um velho d'aspecto insinuante; os cabellos inteiramente brancos, cortados rentes, á escovinha, appareciam por baixo do largo chapeu desabado, como fios de prata.

O seu rosto, de um oval suave, illuminava-o um sorriso e o olhar doce e bom, onde transparecia a candura e a serenidade da alma d'um justo.

O frade parára a meia encosta e olhava a paizagem.

— Que bonito que isto é oh! Gasparinho!...

E era. Lá estava a aldeia com as suas casas pardacentas, onde raro apparecia uma ou outra muito caiada, destacando garrida entre as mais. A pequena povoação estendia-se a meia encosta, formando um Z; depois, desenrolavam-se os vinhedos por ali abaixo até á varzea que se estendia viçosa, cortada pelo rio, onde pousava uma grande fita de nevoeiro. O sol subia lentamente no horisonte aquecendo pouco a pouco, em grandes ondas luminosas, a terra, ainda envolta nos frios matinaes.

A estrada, deixando os vinhedos, entrava agora pela floresta de carvalhos; por baixo da folhagem copada, toda aljofrada de gottas d'orvalho, esvoaçavam com o

seu piar agudo, como um grito d'alarme, os melros reluzentes.

A poucos passos avistava-se o convento, uma grande mole de granito, de aspecto severo e pesado, onde sobresaia o alto zimborio da torre.

O frade parára a contemplar o edificio; Gaspar que ia adiante, parou tambem e voltando-se disse-lhe:

— Vamos d'ahi, olhe que o convento leva tempo a vêr; d'aqui á aldeia inda é um bom bocado e a mãe gosta de almoçar cedo.

— Vamos lá, Gasparinho, vamos lá.

Corria para Gaspar aos saltos um enorme cão, agitando a cauda felpuda, em teimosos affagos.

— Ah! és tu oh! Turco? e passava-lhe a mão pela bonita cabeça.

Por a larga escadaria que levava ao atrio do convento, ao cimo da qual se via uma grande cruz de granito, descia um homem em mangas de camisa, de cara rapada, cabello puxado para a testa, a jaqueta de saragoça deitada sobre as costas.

— O sr. Gasparinho, tão cedo, por estes sitios!...

— E' verdade, Manuel, vim mostrar o convento aqui ao sr. frei Mathias, tu dás licença?

— Ora essa, meu senhor!... Passem V. Ex.as... por aqui, eu vou adiante.

E seguia na frente abrindo o largo portão de castanho, com almofadas muito salientes, cheio de pregaria de bronze. Ficava ao lado a roda. Atravessaram uma casa escura com o tecto de abobada, destacando n'uma das paredes, mal illuminada pela luz frouxa de uma pequena janella, que dava para o claustro, um grande quadro a oleo, de tamanho natural, onde um monge, moço ainda, semi-nu, a face macerada, o olhar angustiado, fixando o ceu, levantava no braço descarnado as disciplinas, na attitude de flagellar as carnes revoltadas.

O frade, assim que ultrapassou o limiar do convento,

pareceu endireitar o corpo curvado, e illuminou-se-lhe a physionomia d'um fulgor estranho.

Principiou então a descrever tudo a Gaspar.

Aqui era o refeitorio, mais adiante ficavam a cella e os aposentos do guardião, aquella outra com saccada era do padre-mestre, ali a sala do capitulo, depois a livraria... etc., etc.

Passaram o claustro, obra primorosa, de columnas muito finas, torcidas em feixe, sustentando as arcarias, d'um rendilhado caprichoso, e subiram a escadaria, muito descançada, que levava ao andar superior.

Em cima havia um extenso corredor, d'um lado illuminado pelas janellas que deitavam para o claustro e por onde entrava o sol, cortando a sombra do pavimento com traços de luz; do outro ficavam as portas desiguaes das cellas dos frades.

Frei Mathias empallideceu ao chegar ali. Caminhou silencioso até ao fim do corredor, depois perguntou se aquellas cellas se não podiam vêr; respondeu-lhe o Manoel que eram aposentos do patrão, mas que ia buscar a chave. O frade não consentiu e, com um aspecto estranho, acercou-se da ultima cella, curvou-se e espreitou por o buraco da fechadura.

Esteve assim longo tempo.

Gaspar que, distrahido, olhava para um bando de gallinhas que esgravatavam em baixo no pateo do claustro, vendo que o frade se demorava na mesma posição, abeirou se d'elle e tocando-lhe no hombro disse-lhe:

— Oh! frei Mathias, então fica-se ahi?... olhe que são horas de partir.

— Já vou... já vou; .. e conservou se ainda um momento na mesma posição. Quando endireitou o corpo, pela face do velho frade deslisavam em fio lagrimas crystallinas.

— O que tem, frei Mathias? o que é isso? perguntava Gaspar.

— Não é nada, Gasparinho, tontices de velho, e limpava as lagrimas com o lenço encarnado. Vamos lá, vamos embora, que é tarde.

Sairam os dois, silenciosos, do convento e metteram pela floresta fóra. Já quasi ao fim, o frade voltou-se ainda, e, deitando um ultimo olhar para o convento, arrancou do peito um suspiro profundo.

— Sabe porque eu chorei inda agora, Gasparinho?

— Não.

— Foi d'aquelle convento que, sendo eu moço ainda, me expulsaram um dia, como ovelha tinhosa. Foi a tranquillidade e o repouso d'aquelle êrmo que me roubaram para sempre em nome da lei e da justiça, atirando me estonteado ao meio da sociedade. Aquella cella, que eu espreitava através do véo das minhas lagrimas, evocando a recordação amarga do meu passado... era a minha, Gasparinho!...

Gaspar olhou tristemente o velho e não teve uma palavra só de conforto para aquella dôr tão intima.

XIX

A' beira d'agua

O luar dava em cheio pelo rio fóra, fazendo tremeluzir em facetados metalicos e brilhantes o encrespado da agua, que uma briza suave arripiava.

Toda a raza planura, que se avistava do moinho, tomava uns tons docemente pallidos, cortados de quando em quando por grandes tiras fumosas de neblina.

Era uma d'essas noites, suavemente encantadoras, do nosso bom clima peninsular.

Manuel, o moleiro do moinho d'Amendoeira, e mais o sobrinho, de tarrafa em punho, calças arremangadas mettido na agua, espalhava sobre a cascalheira, fervente de espuma, a rêde, que, abrindo em circulo, ia cair na corrente, produzindo um *chap* apagado e afundando-se depois gradualmente até sumir-se por fim de todo, pouco a pouco. Principiava logo o Manuel com

cuidado a puxar pela rêde, caminhava para a beira do rio e tirava então os peixes, cujas escamas prateadas reluziam á luz do luar. Luiz, o sobrinho do moleiro, enfiava-os a um por um pelo buraco estreito do mingacho. E era de ouvir o bom do Manuel:

—Ora!... ora!... E has de ver que nem sempre *adréga* de darem assim na cascalheira carpas d'este tamanho!... E' raro!... olha para isto!... O patrão amanhã, quando vir uns *bicharrócos* d'esta ordem, fica banzado. A' cana não apanha elle peixe d'esta força, *olha lá ó!*... pois não fostes?!

E contente, satisfeito, lá seguia na sua faina rio abaixo.

No dia seguinte, ao patrão do Manuel, o lavrador da Torre da Moura, chegava gente da cidade, que convidára para uma pescaria, e pela noite fóra, o Manuel ia arranjando o peixe para a *escalda* do dia immediato.

Entrava pelo rio dentro o moinho, mesmo pegado com o grande açude, cujo fragor espumante cortava o silencio da noite calma.

A' beira do rio era a margem toda cheia de penedos soltos, que, batidos pelo luar, mostravam um aspecto livido, destacando vivamente as faces alvacentas, illuminadas, da penedia, nos recantos das sombras fortes e profundas. Em ambas as margens não se via uma arvore só, e o rio, prateado pela lua, seguia mansamente o seu curso no meio d'aquella paisagem desolada e triste.

Perto do moinho, n'uma leve ondulação do terreno, elevava-se a casita em que o moleiro vivia com a filha e o sobrinho.

Da casita avistava-se a herdade da Torre da Moura, com a vasta casaria alvejando por meio das searas verdejantes, que tomavam então um tom sombrio.

*
* *

Na placidez d'aquella noite tepida e perfumada pelos mil aromas que as flores campesinas espalhavam tenuemente no espaço, alguem esperava anciosamente por um momento querido, ardentemente desejado. Era a Margarida, a linda filha do moleiro, fixando as estrellas, que dizia comsigo: «Deve estar a cair a meia noite e não o avisto ainda.»

Pouco esperou.

Pelo carreiro que cortava por entre as searas, um vulto d'homem se enxergava. Era elle, o patrão, o lavrador da Torre da Moura.

Então a rapariga abriu mansamente a porta ao rez do chão, que deitava para as trazeiras da casa e enfiou pelo carreiro fóra. Caminhou até junto d'uma grande arvore, que ficava isolada entre os campos. Ahi parou. Pouco depois estava junto d'ella o lavrador.

Era um rapaz que teria vinte e tantos annos, alto, moreno, de olhos rasgados e vivos.

Assim que se acercou de Margarida enlaçou-a nos braços, estreitou-a bem contra o peito, e mergulhando o seu olhar no olhar da namorada deliciosamente sensual, collou os labios nos d'ella, que, frescos e humidos, tinham o viço e perfume das rosas em manhãs d'abril; e mil beijos d'amor, que faziam vibrar de prazer aquelles dois seres, se sentiam no silencio, repetidos, prolongados.

Margarida, olhando o amante ternamente, queixava-se então:

—Porque não vieste mais cedo, Alfredo? Ha que tempos que eu estava á tua espera.

— Filha, tu bem sabes que te quero muito, mas é necessario vir aqui a deshoras. É conveniente que ninguem saiba d'isto.

Então Margarida puxava-o docemente para si, e, d'uma belleza estonteante, provocava com o seu olhar velado e sorriso quente, mil caricias ao amante estremecido. Os seus olhos semicerrados espargiam voluptuosamente um philtro magnetico, e o amante, envolvido no effluvio d'aquelle olhar, ficava-se extatico, preso na contemplação d'aquelle ente divino, como n'um lindo sonho.

Na placidez calma da noite tépida, os zumbidos de mil insectos espalhavam nos ares uma alacridade grande, a que fazia acompanhamento o fragor distante do açude. A sombra da enorme arvore recortava-se em manchas escuras no terreno.

As estrellas tinham scintillações fulgurantes, com intermitencias de luz, como se diamantes pestanejassem, e a lua sorrindo irónica, a face bonacheirona, pairava na altura illuminando aquelle conjuncto encantador.

*

* *

No dia seguinte, logo de manhã cedo, começára a pescaria.

Uns seguiam um amador que ia deitar a tarrafa para o lado de cima do açude, outros tomavam posições, rio abaixo, preparando as canas. O administrador do concelho, um *enragé* pela pesca á cana, fixára-se logo pouco abaixo do moinho e mais o lavrador da Torre de Moura. Aquelle, acabando cuidadosamente de pôr o isco no anzol, dizia:

—Sabe? veem cá ter as Almeidas e as Cardôsos.

O outro não sabia; e, empallidecendo fortemente, fixava o postigo do moinho, onde acabára de assomar o busto gentil da Margarida.

—Mas, a que horas virão? indagava o lavrador.

—Psiu... disse baixinho o administrador, e apontava para a boia, temos peixe. A sua physionomia,

muito morena, côr de pederneira, tomava por baixo do chapeu de palha, de largas abas, uma expressão estranha, os olhos pequenos e vivos fitos sempre na pequena boia encarnada; por fim esta mergulhou de todo e o administrador puxou para fóra um enorme kágado que se debatia em posições acrobaticas na extremidade da linha.

O lavrador ria a bom rir.

—Raios partam o diabo, dizia o administrador forcejando por tirar do anzol o nojento animal que lançava de si um cheiro nauseabundo. Amigo, aqui é que eu não fico, isto já não dá nada, é o que lhe digo.

E dispunha-se logo a mudar de logar.

Enfiava a tiracollo o banquinho de tesoura, do outro lado o mingacho, na frente a lata do isco, ao hombro a comprida cana. Visto assim, de costas, com o largo chapeu de palha descaído para a núca, fazia lembrar o celebre Tartarin, que Daudet tão deliciosamente descreveu.

*

* *

O moinho tinha interiormente um aspecto caracteristico. Era o tecto fechado em abobada, pardacento todo elle, paredes e abobada; e as rugosas saliencias do rebôco todas pulverisadas de farinha mostravam um tom fantastico, original, frizando de leves flócos de espuma o tom escuro. A um dos lados enfileiravam se as tres grandes mós de pedra, que, girando sempre, faziam saltitar a traméla, que produzia um som cantado e secco, misturado ao ruido surdo e ao monotono marulhar da agua, espadanando em rodopio lá em baixo, contra as paredes. Respirava-se uma atmosphera mórna e a um canto apinhavam-se os sacos de farinha; por cima, pendurada d'um prego, via-se a jaqueta do moleiro.

Ao fundo estava a Margarida, immovel, encostada

ao peitoril do pequeno postigo, seguindo com a vista dois barcos, onde as damas, que tinham chegado da cidade, seguiam rio abaixo. A' beira do rio, pela margem fóra destacavam de longe em longe os pescadores á cana, na immobilidade de estatuas, arrostando corajosamente a má sorte que fazia com que o peixe não picasse.

Ao longe, nos barquitos, agora mais distantes, algumas das sombrinhas encarnadas das senhoras, lembravam papoilas côr de fogo picando o azul esverdeado do rio.

*
* *

De repente a Margarida estremeceu. Era o Luiz que lhe tocava n'um hombro.

— Que me queres?

Com o sorrir feliz de quem dá uma nova inesperada, elle disse-lhe então:

— Não sabes?... vae casar o nosso amo.

Margarida tornou-se livida e iria cair redonda no pavimento se ao vergarem-lhe as pernas não encontrasse o assento de pedra, cavado na parede junto do postigo.

— Como sabes tu isso?...

— Inda agora mesmo o ouvi contar *ós homes* lá da cidade. A modos que a coisa está p'ra breve. A noiva é uma das mais altas, aquella toda *pimponassa*, creio que avésa bom bago.

— Não estarás tu enganado, Luiz?

— Então eu não ouvi? E' com o nosso amo é, pois com quem *havéra* de sêr? lavrador da Torre de Moura não ha outro. E que diacho tem isso de extraordinario? O *home despois* que lhe morreram os paes, um atraz do outro, ficou para ahi sem ninguem, que até faz dó. Vae elle busca companhia, faz até muito bem.

— Faz muito bem, Luiz, faz... não tem nada de

extraordinario, vivia só, casa-se, ha-de viver melhor depois... a mulher. . os filhos!

E a Margarida saíu do moinho, caminhou direita á casa pelo carreiro tortuoso acima. Tinha a grande necessidade de desabafar a sós em lagrimas a dôr profunda que a trespassava, dôr que ella sabia bem que a mataria.

*

* *

E' passado pouco mais d'um anno. A' beira do rio torna a haver outra pescaria. Os comparsas da festa são quasi os mesmos; falta porém ao postigo estreito do moinho o rosto mimoso e angelico da Margarida, destacando no tom sombrio e rude da velha parêde.

Entraram com ella umas febres desde aquelle dia, em que soube do casamento do amante, que a não largaram mais, e a pobresita perdeu a côr fresca e bôa, o assetinado das faces; afilou se, mirrou-se aquelle rosto de belleza estranha, e estiolou de todo, pouco a pouco, como flôr delicada batida do vento léste, d'esse vento que, como batido de fornalha ardente, crésta e queima tudo na sua passagem.

E nunca mais a grande arvore isolada estendeu os seus enormes braços nodosos, em noites tépidas, perfumadas de aromas bons, prateadas suavemente de luar, sobre os dois amantes, ébrios de beijos quentes e de volupia estonteante.

XX

A bruxa

Havia muito tempo que o filho do morgado lhe fazia a côrte. Por mais d'uma vez lhe segredára amores, quando, á tardinha, voltava da fonte com o cantaro muito direito á cabeça. Ella tinha um certo orgulho em sentir o seu olhar ardente nos domingos, ao sahir da missa do dia entre as mais camponezas, ou quando elle lhe passava á porta da casita caracolando no seu alazão.

Era tecedeira, e havia uma semana que fôra trabalhar para casa do morgado.

Tinha quinze annos; uma belleza em botão, com as fórmas por desenvolver, que a deviam tornar mais tarde uma mulher esculptural.

A casa do tear ficava ao rez do chão, na extremidade do edificio, deitando sobre o jardim. Era pela hora da sésta. Reinava um certo silencio em toda a

casa. O sr. morgado e a sr.ª morgada dormiam beatificamente no espaçoso leito antigo, de pau preto torneado, com cortinados de damasco. Apesar do sol queimar lá fóra, ouvia-se na rua o som soturno das raparigas malhando o linho com os maços de madeira.

Na casa do tear entrava uma fraca luz pela pequena janella entreaberta, coada por uma glicinia que a toucava exteriormente com as suas flôres roxas, em cachos, onde zumbiam as abelhas, quentes pelo sol dourado. Em frente, n'um copado loureiro, chilreavam contentes os passaritos em volta dos ninhos.

O filho do morgado espreitou da porta. No ambiente respirava-se o aroma estonteante das flôres; uma grande languidez lhe dominara os nervos lassos pelo calor e ella adormecera por fim junto do tear.

Quando acordou surprehendida, achou-se enlaçada nos braços robustos do morgadinho, que a olhava tremente d'amor. Era formosissimo; os labios d'elle collaram-se na sua bocca de rosa, na suprema delicia d'um beijo. Então com as faces tintas de rubor, os labios entreabertos n'um espasmo, os olhos semicerrados, aquella cabeça adoravelmente bella, foi mansamente descahindo, como planta mimosa, batejada pela aragem quente.

Entregava-se toda, n'uma doce embriaguez.

*
* *

Depois de ter sido a amante do filho do morgado, foi de mais dois ou trez: até que um dia a fui encontrar casada com um administrador de concelho n'uma villa de Traz-os-Montes. Estava exuberantemente bella com o seu olhar aveludado, que sahia provocante dos grandes olhos escuros, formosa, de contornos de linhas correctas.

Constava que era de um comportamento exemplar,

tendo apenas uma criticasita mordente para as mulheres, e o tal olhar mais ou menos provocante para os homens. O marido tinha-se por feliz. Era certo que ninguem podia gabar-se de que ella consentira em ouvir-lhe frases apaixonadas.

Um dia chegou á villa uma *troupe* de comediantes. Entre os actores vinha um, esguio e alto, de longas melenas alouradas, côr pallida na face comprida, onde sobresahiam uns olhos verde claros, orlados de profundas olheiras.

Era o galan.

Valentina, a mulher do administrador, parecia sensivel aos ternos olhares, que elle do palco lhe mandava, envolvidos nas notas apaixonadas da sua voz de tenorino.

Era no mez de maio; ella gostava de frequentar assiduamente as praticas religiosas. A' tardinha, acompanhada pela criada, seguia atravez dos campos em flôr, caminho d'uma pequena capella que ficava perto do povoado. Terminada a devoção, ficava tempo esquecido orando.

Uma vez, era já noite fechada, o administrador entrando em casa, não viu nem a mulher, nem a criada. O que teria succedido? Partiu inquieto caminho da ermida. A lua dava em cheio na capellinha, tornando mais profunda a sombra densa no interior do pequeno alpendre, que cobria a porta principal.

Afflicto, voltou caminho de casa em busca da esposa. Não estava. Procurou a debalde por toda a parte.

No dia seguinte espalhara-se em toda a villa que Valentina fugira com o comico, o galan das melenas aloiradas.

*
* *

Passaram muitos annos sem que ninguem tivesse noticias d'ella.

Junto d'um antigo castello meio derrocado, ruinas do solar d'uma familia antiga, nas proximidades de uma pardacenta aldeia da Beira, havia uma casa isolada, de pobre e triste aspecto.

Vivia ali a bruxa, *mulher de virtude*, com grande fama pelas cercanias.

Quem subisse os degraus exteriores, e empurrasse a porta esburacada, veria uma velha, magra, ossuda, a face enrugada, umas guedelhas grisalhas sahindo por baixo do lenço de ramagens, conservando ainda uns aveludados olhos negros, que deviam ter sido muito formosos, unicos vestigios da fascinante belleza que passara.

Era Valentina.

O que teria sido d'ella? Ninguem o sabia.

Por certo que, atravez de vicissitudes sem conta, n'uma *degringolade* infernal, chegára ao ultimo degrau da miseria, negra e degradante.

Hoje era a bruxa, a feiticeira que predizia o futuro com uma certeza mathematica. Vinham de longe consultal-a.

Maria, uma rapariga da aldeia, amava o filho d'um dos lavradores mais abastados d'aquelles sitios. Era certo porém que elle requestava outra, a Julia, uma mulher alta e morena.

Aguilhoada pelos ciumes, foi um dia expôr o caso á bruxa e perguntar-lhe se seria ella a preferida. Valentina disse-lhe que arranjasse uma camisa do namorado para a submetter a certas experiencias, e depois fallariam.

Conseguiu obter a camisa e foi leval-a á bruxa.

— Vem cá d'hoje a oito dias, disse ella.

Voltou no dia marcado.

Valentina disse-lhe então que a preferida seria ella; que até ao fim do mez o outro deixaria a Julia, e, na primeira semana do mez, que entrava, a iria pedir em casamento.

Ella ouvia pasmada e satisfeita.

Tudo se passou tal qual o predissera a bruxa.

Maria principiou a matutar no caso. Dava lhe volta ao miolo o sobrenatural poder de Valentina.

Se ella fosse bruxa!...

E de dia para dia esta ideia persistente se lhe accentuava no espirito. Se possuisse o poder de Valentina! Se tivesse tudo o que desejasse, como se faria amar pelo seu José!

E phantasiava delicias, antevia venturas.

Um dia encontrou-se por acaso com a bruxa, vinha cahindo a tarde.

— Oh! tia Valentina, como é que a fizeram bruxa? disse Maria de repente.

— Isso foi difficil e serio. Olha, uma vez, eu conhecia outra bruxa, e, depois de lhe pedir muito, de instar com ella, foi a outra comigo ao cemiterio, fallamos lá com o diabo, e por fim este consentiu em que eu ficasse bruxa.

— Oh! tia Valentina, eu queria-lhe pedir uma coisa.

— O que, rapariga?

— Que me fizesse esse favor.

— Ora essa! Tu não sabes no que te mettes.

— E' o mesmo. Oh! tia Valentina, faça-me bruxa, instava ella com interesse.

— Tu estás doida! Olha que o caso é mais serio do que imaginas.

— Faça-me bruxa, tia Valentina, continuava a outra.

— Pois bem; terça-feira, pela meia noite, vae a minha casa. Mas pensa bem no que fazes, olha que é preciso fazer um pacto com o diabo; vê lá bem, que o caso não é para brincadeiras.

— Sim, estou decidida, terça-feira á meia noite lá me tem.

— Bom, até terça-feira.

*
* *

Chegou a noite desejada.

Dava meia noite na igreja da aldeia; Maria esgueirou-se com cuidado por uma janella baixa das traseiras da casa, cortando por uma verêda, caminho da casa de Valentina.

A lua, dando em cheio na paizagem, tornava os valles mais escuros e profundos, as encostas d'um pallido prateado.

Chegou á porta de Valentina e bateu.

— Quem é? perguntaram de dentro.

— A Maria.

Valentina assomou á porta.

— Então sempre queres ir lá abaixo?

— Quero sim.

— Pensa bem no que fazes, depois não te queixes.

— Estou resolvida a tudo.

— Olha que tens que fallar com o diabo.

— E' o mesmo, comtanto que me faça bruxa.

— Então vamos lá, mas depois não te arrependas, que o caso é grave.

Partiram caminho do cemiterio.

Valentina, não sabendo como desenvencilhar-se do caso estranho, tomou o partido de lhe metter mêdo, a vêr se ella desistia do intento.

— Sabes tu, Maria, que temos de passar junto da brecha que está aberta na muralha do castello?

— Sim; e depois?

— E' que, muita vez, apparece ali a D. Urraca.

— Quem é a D. Urraca?

— Uma castellã que outr'ora habitou o castello e que, pelos modos, não era d'um comportamento exemplar. Uma noite, voltando das cruzadas, o marido assassinou-a barbaramente.

— E como apparece ella?

— Envolta n'um sudario, os cabellos negros espalhados em desordem pelas carnes brancas, parecendo toda de neve, transparente.

Passavam junto da brecha, que cortava com uma grande mancha escura a velha muralha illuminada pelo luar. Maria espreitava de soslaio... Nada, a sombra negra e o silencio.

— Não está hoje lá, disse a outra.

Entravam agora n'um pinhal; sentia-se um sussurro de mar distante, á mistura com gemidos, como de alma penada que vagueasse pela ramaria.

Maria olhava os troncos dos pinheiros, parecendo ver surgir d'entre elles qualquer sombra, ou duende.

Estavam depois nos campos. Em baixo, no fundo do valle, via-se o cemiterio, um quadrado, dividido por uma grade de madeira, lembrando um redil de ovelhas. Mais distante, na prolongação do valle, destacava-se um enorme penedo, êrmo e só.

— Vês aquelle penedo, além? continuava Valentina.

— Vejo, sim, é o penedo da Aguia.

— Pois, muita vez, é d'ali que surge o demonio.

— E como é isso? perguntava a outra com curiosidade.

— Eu te digo. Por um luar como o de hoje, vê-se cortar o céu, vindo de longe, uma nuvem muito negra. A nuvem vem correndo, correndo, a grande velocidade e vae abater-se sobre o penedo envolvendo o todo. Principia então a nuvem escura a girar, a girar em torno pouco a pouco; o cimo descobre-se allumiado por um clarão azulado; a nuvem vae-se transformando em sombras de fórmas phantasticas, dando as mãos e girando em dança infernal. Em cima, no clarão azulado, destaca-se Belzebuth presidindo ao sabbat.

Maria ouvia silenciosa sem descerrar os labios.

Chegaram por fim á cancella do cemiterio. A rapariga estava pallida e enfiada.

— Vê lá, se queres voltâmos para traz disse Valentina.

— Não, não; tenho coragem para tudo, comtanto que seja bruxa. Ora diga lá, como é que o diabo lhe vem fallar.

— Quando Belzebuth preside além ao sabbat, manda de lá dois demonios, que me levam á sua presença sobre os chifres, pelos ares. Outras vezes sou eu que o chamo, e elle entra depois no cemiterio com uma legião infernal, e bruxas, lobishomenns e duendes. Invoca então os mortos, estes surgem das campas e principia o interrogatorio.

— Então... os mortos sahem da terra? perguntava Maria olhando as campas.

— Sahem sim. Queres voltar? pensa bem.

Calou-se um momento, indecisa, por fim respondeu:

— Não, senhora, quero ser bruxa, custe o que custar.

— Está bem, mas olha que mais d'uma tem morrido de medo ao encarar com o diabo.

— E que figura tem elle, tia Valentina?

— Isso varia; umas vezes de principe infernal, com um traje côr de fogo salpicado de diamantes; outras na fórma d'um morcego gigantesco, ou de pôrco: mas quasi sempre na figura de bóde.

Maria caminhava pela rua principal que cortava ao meio o cemiterio, muito unida a Valentina olhando de lado as pedras tumulares, onde se esbatia a luz pallida do luar.

Reinava um grande silencio na natureza adormecida. Sómente, junto á grade que contornava o cemiterio, entre um silvado, um rouxinol gorgeava amores.

— Oh! tia Valentina, então o diabo quando vem?

— E' preciso que eu o chame.

— Então... chame-o lá, disse ella, tomando animo.

Tinham dado a volta ao cemiterio, estavam novamente junto da cancella de entrada.

—Chamo? perguntou ainda Valentina.

—Chame sim, disse a outra muito pallida.

—Belzebuth!... Belzebuth!... Belzebuth!...

O echo repetiu pelas quebradas... Bel... ze... buth!... Depois o silencio sepulchral.

—Parece que elle não quer vir.

—E' preciso chamal-o mais que uma vez.

Seguiram até ao fundo do cemiterio. A bruxa tornou novamente:

—Belzebuth!... Belzebuth!...

Ouviu-se então a distancia o berro do bóde infernal!... Este berro ia-se repetindo cada vez mais perto.

Maria não quiz ouvir mais nada. Partiu a correr á desfilada.

Na vertiginosa carreira parecia-lhe ouvir o berrar do bode zunindo nos ouvidos, sombras infernaes perseguindo-a com os seus olhares de braza incandescente e um grande cheiro d'enxofre.

Não parou senão em casa, transida de susto.

Valentina ficára attonita quando ouviu a voz do diabo. Quiz fugir atraz de Maria, mas, na fuga, os vestidos prenderam-se-lhe no silvado, ella julgou-se já nas garras de Belzebuth e cahiu desmaiada sobre uma sepultura.

*

* *

No dia seguinte, estava doente a Maria, com sezões.

No seu espirito confirmou-se fortemente o grande conceito, em que tinha já o poder sobrenatural da bruxa, a qual a si mesma não sabia explicar o caso estranho!

No entanto o berro do bóde infernal, não era de bóde, mas d'uma pobre cabra tresmalhada do rebanho que, ouvindo gritar, corria berrando para o sitio d'onde partiam os gritos.

XX

Luciana

TERMINARA a festa.

No terreiro, em frente da igreja, estrondeavam os morteiros, com um som sêcco e ribombante e grande gaudio do rapazio. Em cima, na torre, o *Zé Manquinho* fazia prodigios, n'uma bimbalhada furibunda de sinos, que atordoava os ares, perdendo-se pelas quebradas fóra.

Na sachristia respirava-se mal, n'uma atmosphera suffocante, rescendendo a incenso. Os padres, com os rostos cobertos de camarinhas de suor, as faces afogueadas, desparamentavam-se mansamente deante do largo armario de carvalho antigo, coberto por alva toalha com bordados custosos. Sobre o armario, um Christo amarellado, sem dedos na mão esquerda, pendia moribundo, ensanguentado, d'uma cruz, pintada a preto e carunchosa. Na parede branca destacava-se um espelho esguio, com o aço em parte carcomido, a moldura d'um doirado gasto, sarapintada de pontos escu-

ros das moscas. O abbade, furioso, indagava porque só agora queimavam os morteiros, e fungando com furia uma pitada, dizia para o Manoel da Moita.

— Não sabiam deital-os ao levantar a Deus, córja de bebados!

Eu lhes mostrarei que não sou homem com quem se brinque; o *Zé Manquinho* vê logo uma bruxa comigo, deixa estar.»

E n'uma transição brusca, desparamentando-se, murmurava baixinho: *In te speravi non confundar in œternum.*

Pela pequena porta exterior o morgado de Ramalde mettera a meio o corpo espadaúdo, mostrando a larga face morena, picada de bexigas, entalada entre duas fartas suissas grisalhas.

— Oh! abbade, lá o espero na quinta e mais os outros senhores padres; o jantar ás tres, hein? Não faltem.

— Descance V. Ex.ª que a esse serviço não faltamos nunca e havemos de nos portar briosamente, verá, senhor morgado.

— Então, até logo.

Pela porta principal, descia a larga escadaria o povo, que assistira á festa. Em cima, no portal de estylo gothico, as damas, n'uma grande confusão de beijos, levavam tempo a despedir-se.

No terreiro, fortemente doirado d'um sol d'agosto, destacava um grande barracão de madeira terminado por um panno de bocca, primitivamente pintado. Havia *comedias* á noite. Em frente do barracão, viam-se bancos de madeira, muito alinhados, depois, uma linha tortuosa de casas e, ao largo, a paizagem esfumando se, quasi confundindo se com o puro anil do ceu.

Pela escadaria descia agora um grupo de senhoras. Entre todas, realçava uma, extraordinariamente formosa, conduzindo pela mão uma creança, de aspecto pallido, enfezada. Os camponezes, de chapéu na mão,

afastavam-se ao lado, abrindo passagem. Em baixo, esperava um carroção, bojudo, pintado a vêrde garrafa, d'umas proporções avantajadas. Tirava esta peça archeologica uma possante junta de bois, guiados por um latagão de cara suja, olhar estupido, a grande aguilhada ao hombro. Ao lado, varios cavalleiros esperavam, era o morgado e os convidados.

— Então até lá, minhas senhoras, disse o morgado. Oh! Luciana, eu vou indo adiante.

E a cavalgada perdeu-se n'uma nuvem de poeira.

Atraz, lenta e pachorrentamente, seguia o carroção com as senhoras.

*

* *

Luciana, desprotegida de meios de fortuna, entrára como mestra em casa do morgado de Ramalde, pouco depois d'este enviuvar, ficando-lhe uma filha, creança muito fraca, mergulhada quasi sempre n'uma tristeza vaga de doente.

O morgado, pouco depois da morte da mulher, pobre tisica, que aos vinte annos sentira extinguir-se-lhe a vida pouco a pouco em golfadas de sangue;—principiara facilmente a consolar-se da perda, enleado dia a dia nos encantos da fascinante belleza de Luciana. Uma circumstancia porém o inquietava, o morgado tinha cincoenta annos, ella desanove. O amor porém tudo vence, e, um dia, vendo que a não poderia possuir d'outra fórma, disse-lhe n'um assomo de exaltação, se queria ser sua esposa. Ella sorriu docemente, meditou no estranho caso que podia de chófre mudar-lhe o futuro da existencia e respondeu: «Quero.»

Casaram.

Não poderam nunca entender-se.

Elle, um homem de caracter rude, irascivel, d'uma tal impetuosidade de genio, que chegava por vezes a

tocar as raias da loucura. Em amores, fora sempre um leviano, dando larga expansão aos seus instinctos carnaes, o animal consecio, e nada mais, não conhecera nunca aquelle coração os delicados e perfumados eflu-vios do amor.

Em instrucção era quasi um analphabeto; quando alguem tentou um dia demonstrar-lhe que era a terra que andava, e não o sol, elle, n'uma revolta intima, exclamou, dando um grande murro sobre a meza:

—Ah! seu pedreiro livre, então não vejo d'aqui, ha tanto anno, pôr-se o sol ali para os lados da Senhora d'Azinheira?...

Luciana, ao contrario, era d'uma instrucção rara, typo pouco communicativo, quasi sempre silenciosa, contemplativa. A sua face, da alvura dos lirios, colorida tenuemente d'um rosado desmaiado, onde destacava fortemente a franja escura, sedosa, das largas pestanas d'uns formosissimos olhos, animava-se do fulgor d'um clarão estranho, quando se via diante das bellezas da arte. Das bellas artes, sobre todas, amava a musica, que cultivava distinctamente, sendo uma fanatica admiradora dos grandes classicos, como Mozart, Beethoven, Haydn, Chopin e tantos outros. O seu espirito, concentrado, sonhador, preferia aquelle genero de musica, correcto, onde parece transparecer alguma cousa do clima nebuloso e das phantasticas lendas da Allemanha.

Saciados os instinctos animaes, o morgado entrou de aborrecer a mulher. Quando a via, sentada n'uma poltrona ficar-se horas esquecidas, absorta na contemplação da paisagem esmorecendo vagamente á doce luz do sol que morria por traz da cordilheira violeta das montanhas, dizia comsigo: «Lá está a fazer versos.» E quando á noite, ao piano, ella começava alguns d'esses inspirados nocturnos de Chopin, resmungava o outro n'um bocejo, aborrecido: «Lá vem a *moliana!*...»

Um dia, *era pela hora da sésta*, um calor tropical punha em toda a natureza uma grande lassidão preguiçosa. Luciana chamou pela creada de quarto e como esta lhe não respondesse, subiu ella mesma ao andar superior; empurrou a porta do quarto da creada e deu com o marido, agarrado á moça, que, envergonhada, aterrada, compunha á pressa, nervosa, o desordenado das roupas.

A partir d'esse dia, Luciana mudou o seu quarto para o rez do chão e o marido tornou-se para ella um indifferente.

*

* *

Principiou então vida nova para Luciana; uma idea persistente a tomáva, se possuira do seu espirito a partir d'aquelle dia.

A quinta de Ramalde, até ahi quasi sempre só, via-se agora formigando de convidados; eram bailes, jantares, caçadas, festas continuadas. O marido, esse estava quasi sempre no casal para onde mandára a creada.

Luciana tinha então vinte e dois annos. O abandono do marido, a formosura peregrina d'ella, tudo concorria para que o enxame dos admiradores borboleteasse ávido, em torno d'aquella flôr fina e delicada.

Luciana sorria vagamente, impassivel, a todos aquelles olhares excitados de paixão, que lhe murmuravam coisas de entontecer. E ella continuava na sua vertigem continua de prazer, sempre com o seu olhar scismador, concentrada, ainda mesmo no calor da festa.

*

* *

Entre os admiradores de Luciana, surgiu um dia um velho de quasi sessenta annos. Chamava-se o fi-

dalgo de Loreiró. Fôra nos seus verdes tempos um leão temivel.

Luciana entrou a achar interessante, novo, original, o ser requestada por um velho, ella que podia muito bem ser sua filha. E por curiosidade, por amor de uma sensação nova, principiou a deixar-se requestar.

Uma tarde, que ella lia, recostada na *chaise-longue* do seu perfumado *boudoir*, annunciaram-lhe a visita do fidalgo de Loreiró.

— Mande entrar para aqui, disse ella.

Em frente, a sacada aberta deixava coar pelos cortinados, côr da flôr do linho, uma luz dôce.

Luciana, envolvida n'um roupão de flanella côr de rosa, que lhe desenhava deliciosamente as fórmas, conservava-se na mesma attitude preguiçosa, quando entrou o fidalgo de Loreiró.

— Por aqui tão cedo?

— E' verdade, D. Luciana, ia a casa do mestre da philarmonica, que vive aqui perto, e lembrei-me de subir...

— Fez muito bem. Vae então a casa do mestre da philarmonica, e... fazer o quê, se não sou indiscreta?

— Dar a minha lição...

— Pois aprende musica?...

— Sim. Foi o seu grande talento que me despertou esta idea: principiei ha oito dias com um dos mais bellos instrumentos de sopro, o... fagote!

— Fagote, repetiu sorrindo Luciana, é bonitinho, é.

E ficava-se a contemplar o perfil distincto d'aquelle homem, com o cabello muito grisalho, frizado em anneis, emoldurando-lhe a fronte espaçosa, os bellos olhos negros excitados pela scentelha viva do amor, sorrindo-lhe docemente, embebido nos seus encantos, inconsciente do seu ridiculo, ao confessar lhe que por sua causa estudava agora fagote; e tudo só porque

elle a adorava, e a idolatrava com o ardor dos vinte annos.

* *

A casa de Ramalde, d'um estylo severo, carregada de granito acinzentado ficava no meio da quinta. Ao fundo do vasto jardim, alastrava-se por uma encosta uma frondosa mata. Ao fundo da matta, deitando sobre a estrada, havia uma pequena casa que uma antepassada do morgado mandara construir para vêr passar as procissões.

Havia quem jurasse que, altas horas da noite e noite esplendida de luar, vira a *silhouette* elegante d'uma mulher, através dos troncos gigantes dos carvalhos, seguindo a estreita verêda, que levava á casita, calcando com os pesitos, apressada, o rendilhado de prata, que a lua, coada pela ramagem, punha no solo.

Então, na estrada, á porta da casa, havia immovel um vulto d'homem.

Mansamente descerrava-se a porta e o vulto sumia-se logo no interior.

Depois a casita solitaria mostrava-se toda banhada de luar e na limpidez serena do ceu a lua sorria bonacheironamente.

*

* *

Passaram-se mezes.

Ninguem ignorava que Luciana tinha por amante o fidalgo de Loreiró. Um dia o pobre fidalgo entrou de adoecer. Minava o lentamente um soffrer constante, tenaz. Assim foi indo; o mal não dava treguas.

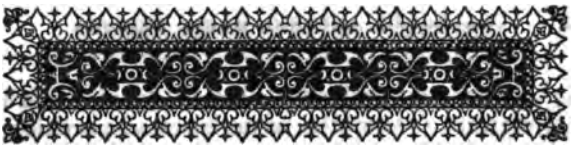
Com a face livida, desbotada a côr, os olhos enco-

vados, orlados de profundas olheiras escuras, os labios quasi brancos, descorados, as orelhas transparentes, os cabellos achatados nas fontes, empastados de suor, agonisava por fim o fidalgo de Loreiró.

Succumbia a uma cachexia. Assim terminaram aquelles extraordinarios amores.

E havia quem duvidasse, se effectivamente Luciana amára o velho fidalgo, ou se, entregando-se a elle, procurára vingar-se d'um velho, com outro velho.

Junho de 1891.



XXI

A cheia

A João Henriques Tierno.

Não se metta ao rio, *sôr* abbade. Tome o meu conselho. Ora repare como elle vae de monte a monte. Da banda da barra sopra rijo o vento, temos mais chuva p'rá tarde, verá. Demais, a corrente é muita, e, quando tivermos de passar o *ponto* (1), quem é que se *atreve* a affirmar que não haja alguma?... Desista da viagem, que é melhor.»

Assim dizia um barqueiro, de aspecto rude, ao velho abbade.

Mas, respondia o padre, eu prometti a meu irmão levar-lhe os filhitos hoje mesmo!... Se morre sem os ver, Jesus!... e lhe não fallo, sabe Deus o que succederá. Não, Manuel, é forçoso partir, não desejo que

---

1 Cachoeiras navegaveis do rio Douro.

meu irmão morra sem testamento... hei-de vel-o hoje infallivelmente. Ouve: tu és dos melhores arraes d'estes sitios, conheces o rio como poucos, mette gente bastante aos remos, e... tu... com mais alguem á espadella... deixa que não ha-de haver nada, querendo nosso Senhor.

—Se o *sôr* abbade teima em partir, vamos lá com Deus, mas agoiro mal da coisa.

—Pois olha, eu d'aqui por uma hora cá estou com os pequenos. Vae tambem meu cunhado para o que der e vier. Adeus, até logo».

E, debaixo d'uma chuva miuda, que caía persistente o largo guarda-chuva aberto, o abbade subia pela rua acima.

Ao longe a paizagem esfumava-se atravez da especie de nevoeiro que levantava a chuva.

A ventaria fazia encrespar a vaga em ondulações grandes, e a massa d'agua turva, revolta fugia vertiginosamente.

Já na vespera se tinham visto, levados na corrente, troncos de arvores, vultos de animaes mortos, que ora se submergiam, ora voltavam á tona d'agua, os ventres extraordinariamente inchados. Dizia se mesmo que de madrugada se avistara o cadaver d'um homem fugindo na voragem.

Na margem fronteira, destacava, isolado no meio da agua, um moinho quasi inteiramente submerso. Da pequena casa pardacenta restava ainda fóra d'agua só um postigo com a porta pintada de encarnado que a cheia ia ganhar em breve e por cima, o telhado ponteagudo, d'um vermelho sujo, do lodo.

No rio não passava um barco só, tudo era triste, e a chuva engrossáva mais e mais, cortando agora obliquamente a paisagem toda com traços fortes, accentuados.

*

* *

Pelas duas horas da tarde o pesado barco subia difficilmente o rio, tomando a um dos lados, costeando a margem, para evitar a veia d'agua No caes ficavam muitos barqueiros seguindo curiosos com a vista o barco, espantados da temeridade.

O vento amainára um tanto e a chuva deixára de cahir. No ceu as nuvens pardacentas, com tons de chumbo, passavam apressada e vertiginosamente em carreira phantastica á busca de regiões ignotas.

Por baixo do grande toldo de panno embreado, via-se, sentado n'um dos bancos lateraes, o velho abbade, entre as duas creanças; o mais velho seria um rapazito de oito annos e a mais nova uma linda pequenita de seis com os cabellitos escuros, em anneis, emmoldurando-lhe um perfeito oval de morêna. De pé, tomando a bocca semi-circular do toldo, o cunhado do abbade, um vigoroso rapaz de vinte e cinco annos seguia attento o remar cadenciado dos barqueiros.

Tudo era silencioso. Só de quando em quando se ouvia o ranger da espadella, e as vozes que dava o arraes. Então este empunhando uma grande buzina de lata, principiou a tirar d'ella um som prolongado que echoava e se repetia de quebrada em quebrada.

—Se lá não está o *Zé Chicárra e mail-os* bois, não passamos o *ponto* disse o arraes.

Sentia-se já a distancia um ruido surdo que pouco a pouco se tornava mais distincto, crescendo sempre: o marulhar da agua no *ponto*.

Por um carreiro abaixo, difficil e ingreme, descia para a beira do rio um homem, seguido d'uma junta de bois.

—Lá vem o *Zé Chicarra*... (exclamou contente o arraes) ora ainda bem. Rapazes, rema certo e firme.

E os pesados remos entravam na agua produzindo um baque só.

Via se agora perfeitamente o encrespado espumante da agua, que, fervente, com um fragor medonho, galgava o *ponto*, n'uma velocidade espantosa.

—Oh! *sôr* abbade, disse o arraes, voltemos para traz, olhe que ainda é tempo. O *ponto*, leva muita agua, é grande a corrente, será melhor não nos arriscarmos.

Mas o abbade tinha a visão triste do irmão moribundo, na suprema anciedade de ver ainda os filhos queridos uma vez só, uma só! Como elle morreria mais tranquillo, se essa doce consolação lhe suavisasse a agonia!... E foi debaixo d'uma impressão tão dura que elle deu ordem ao arraes para tentar sempre; se visse emfim que era impossivel vencer a corrente, que voltassem então.

Foram se approximando da margem, até poderem atirar ao *Zé Chicarra* um forte cabo, que elle atrellou ao jugo dos bois. Então o barco chegou de todo á beira da margem e quasi todos os marinheiros saltaram rapidamente fóra, levando comsigo outro cabo, para ajudarem a tirar o barco á sirga.

As margens do rio, muito escarpadas, quasi a prumo, eram cortadas á beira d'agua por um pequeno carreiro que ora subia as ondulações do terreno, ora seguia ao lado do rio, sendo lambido já em parte pela cheia.

O rio, apertado na garganta das duas margens, era medonho á vista, com as suas aguas turvas, redemoinhando espumante, bramindo sempre, na ancia de explodirem, de acharem curso desafogado á grande e caudalosa corrente.

Caía de novo uma chuva miuda, envolvendo a paisagem n'uma neblina tenue que a deixava enxergar confusamente.

O pesado barco ia subindo de vagar.

O arraes e outro marinheiro governavam a espadella, e, á prôa, uns outros dois, com longas varas, ajudavam do lado da terra. Os outros marinheiros, pela margem fóra, uns atraz dos outros, encarrapitados pelos penedos, muito curvados, tiravam o cabo lentamente.

Pelo carreiro, com o outro cabo, seguia pachorrentamente a junta de bois, que o *Zé Chicarra* incitava por vezes com fortes aguilhoadas.

Dentro, debaixo do toldo, o abbade, com as duas creancitas muito juntas a si, murmurava uma oração.

A agua espumava á prôa, repuxando por vezes com tal força, que chegava a entrar dentro.

De repente, o cabo por que puxavam os bois, estalou, em seguida o outro partiu tambem, e os homens que o seguravam foram todos a terra. O barco voltou subitamente sobre si, e deu em cheio n'um dos cachopos á flôr d'agua, abrindo logo um largo rombo, por onde a agua entrava a borbotões, começando a afundir-se pouco a pouco.

Foi grande a confusão. O abbade gritava que lhe salvassem os sobrinhos, dava uma fortuna a quem valesse ás creancitas; mas da terra ninguem ousava metter-se á agua; seria a morte inevitavel.

O arraes e os outros marinheiros que iam no barco tinham-se deitado logo ao rio, e fugiam levados na corrente impetuosa! O cunhado do abbade, um excellente nadador, quando o barco foi de encontro ás fragas, perdera o equilibrio e foi de chofre cair na agua, sem lhe ser possivel agarrar-se á borda do barco, seguindo tambem rio abaixo.

Então as creancitas, em gritos lancinantes, agarravam-se muito estarrecidas de susto ao abbade, pedindo que as livrasse da morte!...

Elle, n'um desespero infernal, via o barco, descaíndo mais e mais, que se submergia; a agua alcançava-os já, subindo sempre, n'uma rapidez incalcula-

vel; o barco era levado de travez, á mercê da corrente, e o bramir da agua, revôlta em torno. Era terrivelmente medonho!...

Não havia um momento a perder. O padre agarrou nas duas crianças, estreitou-as bem contra si e lançou-se á agua.

*

* *

Passou-se em seguida no fundo do rio uma scena horrorosa. O abbade, com os dois sobrinhos enleiados cada um a sua perna, teve rapidamente a percepção de que lhe era inteiramente impossivel salvar as duas crianças ambas. Comprehendeu que assim seriam victimas fatalmente todos tres. Hesitou um momento sobre qual dos dois havia de salvar e, por fim, com uma dôr viva, com uma angustia dilacerante, deu um grande pontapé na pequenita, conseguindo difficilmente salvar-se depois mais tarde elle e o pequeno.

O cunhado do abbade, não lhe sendo possivel luctar contra a corrente, ia nadando sempre, rio abaixo. Como era levado na veia d'agua, não podia tambem cortar a caudalosa massa d'agua em busca da margem, e assim seguia á mercê do accaso.

Levou muito tempo n'uma anciedade indescriptivel, avistando confusamente as margens escarpadas, que fugiam n'uma carreira doida!.. Principiava a tomal-o o cansaço, sentia que as forças o abandonavam, e um desanimo immenso se apoderava d'elle. Seria emfim a morte?

Ouvia agora o fragor da agua n'outro ponto. E o rugido ia crescendo de momento a momento.

A corrente redobrava sempre de velocidade mais e mais.

De repente sentiu pé. N'um ultimo esforço agarrou-se ao cachôpo com todas as forças e o desespero

louco do homem que deseja sofregamente a vida. Decorreram momentos de angustia infernal!...

De terra tinham-no visto, e um barco corria veloz em seu auxilio.

Avistou então um pequeno vulto que, ora vinha á tona d'agua, ora se submergia. O vulto passou muito rapidamente.

E elle pôde em seguida, de relance, vêr o cadaver da pequenita, o rosto livido, d'úma expressão medonha, os cabellitos escuros espalhados em desordem, á superficie da agua. Depois, a horrivel visão sumiu se de novo, e o corpito franzino, prêsa da corrente, seguia sempre, ao acaso, como coisa morta, inconsciente.

No coração do cunhado do abbade passou uma dôr aguda, uma tristeza immensa!...

Os homens do barco chegavam a tempo. Estava salvo emfim!

INDICE

I	A velhita	1
II	A' lareira	18
III	O sonho	23
IV	Uma chavena de chá	30
V	Irmã da caridade	39
VI	Ao soalheiro	44
VII	Os inglezes	50
VIII	O Farófia	58
IX	O ultimo enforcado em Bragança	63
X	A abandonada	82
XI	O mêdo	89
XII	A senhora morgada	97
XIII	O Senhor do Milagre	105
XIV	A camelia vermelha	112
XV	O capitão-mór	118
XVI	Consciencia de bandido	125
XVII	Anjo mau	131
XVIII	Frei Mathias	141
XIX	A' beira d'agua	149
XX	A bruxa	156
XXI	Luciana	165
XXII	A cheia	173

LIVRARIA
DE
ANTONIO MARIA PEREIRA
50-52. Rua Augusta. 52-54
LISBOA